

cadernos da **FEI**

Fundação Educacional Inaciana Pe. Sabóia de Medeiros

Nº 16 – Janeiro/2014



Dois períodos
de uma história,
mesma num mesmo
Espírito





CADERNOS DA FEI

Publicação da Fundação Educacional Inaciana Pe. Sabóia de Medeiros, mantenedora do Centro Universitário da FEI e dos institutos a ele associados: IPEI e IECAT.



Presidente

Pe. Theodoro Peters, S.J.

Coordenação Editorial

Pe. Paulo de Arruda D'Elboux, S.J.

Revisão

Prof. Raúl Cesar Gouveia Fernandes

Arte final e diagramação

Setor de Comunicação e Marketing da FEI
Silvana V. Mendes Arruda

Fotos

Arquivo FEI, Cadú Coppini, Jésus Perlop,
Istockphoto, Shutterstock e SXC.
Imagens de Capa e referentes ao Bicentenário - www.bicentenariosj.com.br

Editado no Centro Universitário da FEI, Instituição filiada à

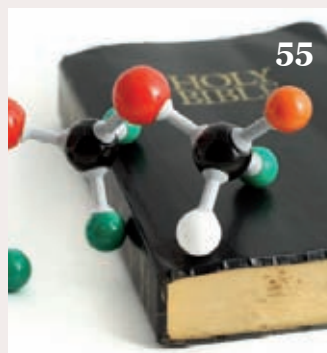


*Associação Brasileira
das Universidades Comunitárias*

Endereço para correspondência

Setor de Comunicação e Marketing
Av. Humberto de Alencar Castelo Branco, 3972 – CEP 09850-901
Bairro Assunção – S.B.Campo – SP – E-mail: redacao@fei.edu.br

ÍNDICE



VOZ DO PRESIDENTE

Uma "aula-espetáculo" de Jesus	06
Diálogo da universidade.....	08
Avançar pelo caminho do bem	11
O trabalho em rede, uma sinergia de competências	13
Mensagem por ocasião da eleição do Papa Francisco	16
Pastoral da universidade	18

VISITA DO PROVINCIAL

Homilia Pe. Smyda	23
Acolhida Pe. Peters	26
Mensagem do Provincial ao Centro Universitário da FEL...28	

COMPANHIA DE JESUS

Dois períodos de uma mesma história.....	35
Bicentenário de Restauração da Companhia de Jesus ...	38
A Restauração da Companhia no Brasil	41

IGREJA

Doutrina Social da Igreja: de Jesus ao Papa Francisco	44
Jornada Mundial da Juventude no Rio de Janeiro	52

FÉ, CULTURA E CIÊNCIA

Seguindo Cristo em uma era científica	55
A universidade para além das fronteiras	61
Redes de cooperação na América Latina	67

PROJETOS E EXPERIÊNCIAS

Experiências e Práticas de Transformações	75
Seis dias de eternos aprendizados	80

NA LUZ DA ETERNIDADE

Prof. Erberto Francisco Gentile	82
Prof. Judas Thadeu Teixeira	83



Apresentando...

O ano de 2014 tem um significado especial para a Companhia. Nele são comemorados os duzentos anos de sua Restauração.

Desde que foi fundada por Santo Inácio, em 1549, com a proposta de um novo estilo de vida religiosa a serviço da Igreja, a Companhia de Jesus sempre foi alvo de críticas e perseguições.

Inácio e seus companheiros de universidade idealizaram uma organização diferente, inspirada na experiência dos Exercícios Espirituais que os motivaram a uma generosa disponibilidade no seguimento de Jesus Cristo como grupo de elite, com jovens unidos a ele como fiéis companheiros para uma missão.

A proposta inaciana teve sucesso.

Em poucos anos, a Companhia cresceu. Os jesuítas espalharam-se pela Europa, atravessaram as fronteiras dos reinos e impérios, partiram como missionários às longínquas regiões do oriente e ocidente nas caravelas com portugueses.

Não muito diferente de hoje, as transações comerciais, a exploração das conquistas coloniais, a escravidão, as injustiças sociais e ambições gananciosas dos colonizadores geravam abusos de poder e dominação denunciados e combatidos de todas as formas e meios pelos jesuítas.

Maior tensão manifestou-se no séc. XVIII com as grandes transformações nas relações de governo e a Igreja. Ministros dos reis católicos, incomodados com a atuação da Companhia, contrariando os interesses e conveniências políticas comuns, colocaram os jesuítas sob suspeita. Nos bastidores, tramaram acabar com a imagem e influência da Companhia, até que, em 1773, conseguiram do Papa Clemente XIV que a Ordem fosse extinta.

A edição deste ano mostra os principais lances dessa história e de como, apesar do decreto papal, mesmo reduzida e confinada, a Companhia sobreviveu valorosa até a reabilitação total, em 1813.

A celebração do Bicentenário da Restauração acontece num momento especial da Igreja.

A surpresa da renúncia do Papa Bento XVI é acrescida de outra, mais surpreendente ainda: a eleição do Papa Francisco, em pleno Ano da Fé.

Santo Inácio diz nos Exercícios que a fé se manifesta em atitudes pessoais e nas obras. Padre João Batista Libânio mostra como essa relação é o fundamento da Doutrina Social da Igreja. É um processo dinâmico que se adapta às exigências dos tempos.

Para uma civilização marcada pela tecnologia, Pe. Roger Hight, teólogo jesuíta americano, considera que o seguimento de Cristo pode ser a chave para relação entre a fé e a ciência, campo privilegiado da missão da universidade, no diálogo com a cultura.

Professores e alunos que participaram da Jornada Mundial da Juventude, realizada no Rio de Janeiro, são testemunhas da força que a Igreja exerce nos jovens, testemunho de esperança para uma sociedade marcada pelo o clima de pessimismo pelos grandes problemas que a afligem.

A comunidade universitária da FEI escreve mais um capítulo da história da Igreja e da Companhia de Jesus registrando os mesmos ideais e objetivos que inspiraram os jesuítas do passado e alimentam as motivações do presente: tudo para a maior glória de Deus!

Pe. Paulo D'Elboux, S.J.

Assistente Religioso do Centro Universitário da FEI



**Pe. Theodoro Paulo
Severino Peters, S.J.,
Presidente da FEI**

*Homilia proferida na Capela
Santo Inácio de Loyola
por ocasião da abertura
do semestre letivo na
Semana da Qualidade
no Ensino, Pesquisa e
Extensão, 1º semestre.
São Bernardo do Campo,
28 de janeiro de 2013.*

UMA “AULA-ESPETÁCULO” DE JESUS

A nossa acolhida é repleta da esperança portadora deste iniciar do ano letivo. As oportunidades nos são oferecidas no tempo em que vivemos. As atividades nos envolvem, englobando nossas melhores energias para a realização dos projetos delineados. Tantas qualidades e dons são colocados a serviço do bem comum, de nossa missão de, pela pesquisa e ensino, oferecer o melhor para a formação das pessoas que nos buscam, para a construção de uma sociedade digna, justa e solidária.

Cada pessoa, com seu carisma e talentos, é envolvida para dar a sua contribuição articulada, seu discernimento para a superação dos próprios limites e o reforço de suas fragilidades. A perspectiva acadêmica é universal, a todos envolvendo, de todos acolhendo a participação responsável. A comunidade fortifica-se, se torna significativa pelo envolvimento de cada pessoa que a integra. Não há marginalização institucional, não é admissível que alguém se marginalize. Nem todos fazem tudo, nem exercem a mesma função, nem desenvolvem os mesmos carismas. Os



antigos afirmavam: “sou humano e nada do que é humano me é alheio”. Repletos de toda a nossa humanidade, convergimos nesta manhã, envolvidos pelo espírito comum que nos irmana, para de Deus receber sua luz e graça ao iniciarmos as atividades.

Sempre a comunidade cristã se reúne celebrando a Eucaristia, na qual torna presente o dom do amor de Deus, atestado no sacrifício redentor de Jesus, para nele haurir novas forças e energias; como também acolhe o anúncio da Palavra de Deus e Palavra Humana, legada de geração em geração, através de milênios, para iluminar o discernimento de nossas inspirações e reais motivações. Há sempre um convite desafiador a ultrapassar o vivido até então. Há passos visíveis de grande quilate para a espiritualidade pessoal e comunitária. O caminho da fé em Deus é caminhar com Deus, reconhecendo e descobrindo

seus traços invisíveis na aventura e travessia de nossa vida.

O Evangelista Marcos nos coloca diante de uma aula-espetáculo: Jesus em ação santificadora, curando corpos e espíritos, revelando, assim, a sua origem e a autoridade de sua missão.

Veio de Deus, anuncia Deus, encaminha para Deus. A ação de Deus perturba quem não está em sintonia com Ele, quem o odeia, quem atenta contra sua santidade. Trata-se do autor da mentira, o homicida desde a origem, o demônio que sente a presença de Jesus destruindo seu reino, seu domínio sobre a humanidade. Ele envolve mestres da lei para difamar, ofender, desqualificar Jesus. Para eles Jesus não é credenciado por Deus, mas credenciado pelo chefe dos demônios: Belzebu! Eles se deslocaram de Jerusalém até Cafarnaum.

Ao povo que se perguntava sobre quem é Jesus, eles afirmam que é mandatário do Demônio. Jesus toma a iniciativa, os chama e, usando imagens, lhes conta uma pequena parábola: um reino dividido não sobrevive se Satanás expulsa Satanás; acabou seu domínio, tornou-se sectário, perdeu o con-

trole de seu reino, não subsistirá por iniciativa própria. Porém, não é esta a realidade dos confrontos de Jesus com o poder do Mal: “que queres de nós? Viestes para nos destruir...”, sabemos que és o Santo de Deus” (Mc 1,24). Jesus recusa a descoberta como revelação, nem aceita a confissão como adesão, mas o expulsa do local dominado, libertando quem estava oprimido. Jesus prossegue sua explanação: ninguém se apossa do espaço de um homem forte sem dominá-lo, sem o amarrar. Quando dominado, atado, então pode apoderar-se de seus bens e posses. Jesus se apresenta como o que rouba o espaço e os pertences do demônio. Ele é o homem forte que expulsa o invasor que se sentia forte, em seu domínio, na expansão de seu reino. “A derrota de Satã não vem da sua divisão interna, mas de um mais forte do que ele. Desde as tentações, o evangelista sabe que o mais forte é Jesus. Jesus veio restaurar o Reino de Deus, tirar o poder de Satã sobre o mundo, a natureza, as pessoas”¹.

Jesus venceu as tentações no retiro de quarenta dias no deserto, demonstrando de que Reino era portador, tanto que o demônio retirou-se para retornar oportunamente suas insinuações e envolver tantas pessoas, até da intimidade de Jesus, como ocorreu na paixão: Judas (Jo 13,2) e Pedro (Jo 18.17.27-28). Atribuir o domínio sobre Jesus era uma blasfêmia. Equivalia a enfrentar

o próprio Deus, a quem Jesus, como verdadeiro Filho, realizava a sua vontade na “terra como no céu”.

As atitudes corriqueiras de Jesus, seus gestos, suas mãos, suas palavras comunicavam a vida. Sua autoridade, sua força, promanava do Deus da Vida e da Verdade. Ao recusarem a missão de Jesus, ao atentarem contra a sua vida, desejando encontrar ou criar uma armadilha oportunamente arquitetada para Jesus ser conduzido ao julgamento e à morte de cruz, defrontam-se contra Deus que o enviou e lhe comunicou o seu Espírito. “São cegos e guias de cegos” (Mt 15,14), “não sois filhos de Abraão que exultou com o meu dia” (Jo 8,56), “sois filhos do demônio, pai da mentira, homicida nato” (Jo 8,44)... Recusar Jesus, confrontar o Espírito Santo que o conduz, significa neutralizar a ação da graça de Deus que se revela em Jesus.

Como a oposição a Jesus foi aniquiladora, a réplica foi definitiva: pecado irremissível, porque impede que a misericórdia divina seja aceita. Tomaram partido errado. A aula de Jesus explicita o discernimento dos espíritos necessários para a vida.

O apóstolo, escrevendo aos Hebreus, ajuda a consolidar o bom discernimento da comunidade. Jesus é a novidade divina. Mediou uma nova aliança de Deus com a humanidade no momento da decisão de Deus: a plenitude dos tempos, na qual revela seu amor, enviando seu próprio

Filho, o Verbo encarnado, como luz brilhando nas trevas. Verdadeiro sacerdote, colocou-se diante de Deus não oferecendo uma vítima externa sacrificável, cordeiro ou cabrito; mas, pelo seu próprio sangue, reparou as transgressões de todos os pecados da humanidade. Ele nos chamou a acreditar na promessa da herança eterna feita por Deus. Jesus, ao lado de Deus, intercede em nosso favor, reza por nós.

O salmo 97 apresenta um discernimento exitoso em uma oração que reconhece a ação divina, seus prodígios, dando a conhecer a salvação, sua justiça, seu amor. Os confins do universo, a terra inteira contemplaram os feitos do Senhor e se alegram e o saúdam.

Que todos, dialogando com Deus e pessoalmente, descubramos os horizontes pelos quais nos quer conduzir, esperando a nossa resposta livre, autônoma, racional e sensível. Ele nos quer cumular com seus dons, consigo mesmo. Habitar em nós. “Fazer em nós sua morada” (Jo 14,23). “Templos do Espírito Santo” (1Co 3,16-17 e 6,19). A comunidade não se coloca à parte, mas faz sua a oração, pedindo a sabedoria do discernimento para oferecer os dons recebidos e continuamente renovados, mediante a abertura espiritual para o novo, o belo, o santo.

Que o Senhor nos abençoe, nos livre de todo o mal e nos comunique sua vida eterna. ▢

¹ Camille Focant. *L'Évangile selon Marc. Paris: Du Cerf, 2004, p.149.*

DIÁLOGO DA UNIVERSIDADE

Desejo dar as mais entusiastas boas-vindas de abertura do período letivo deste ano. Imagino a boa disposição de todos que puderam mudar de ares com a oportunidade do recesso coletivo e o otimismo dos que permaneceram para garantir a infraestrutura acadêmica, oferecendo o melhor de si mesmos para que hoje aqui estivéssemos em paz, com tranquilidade e dispostos na construção de nosso

“diálogo” para aprofundar os exercícios que esperamos poder desenvolver como e em universidade. Partindo do dicionário, o diálogo, como é apresentado pela etimologia, sugere o sentido de “uma conversa na qual, pela alternância das observações dos interlocu-

tores, se passa de um tema comum ou se percorre esse tema comum (...), para ser autêntico, exige uma total lealdade dos dialogantes, pela qual aceitam pôr a verdade acima da vaidade pessoal (...), nele só a verdade triunfa (...), requer um valor fundamental comum ao qual se possam referir como critério definitivo (...), supõe a capacidade de questionar as próprias convicções e de admitir que elas sejam questionadas pelos outros”¹.

Para o pensamento antigo, o diálogo é “a forma própria e privilegiada para exprimir o discurso filosófico (intelectual), porque não é feito pelo filósofo a si mesmo e não o encerra em si mesmo, mas é um conversar, um discutir, um per-

*Pronunciamento de
abertura da Semana
da Qualidade no Ensino,
Pesquisa e Extensão,
1º semestre de 2013.
São Bernardo do Campo,
28 de janeiro de 2013.*



projeto com um de formação intelectual e completa para os que partilham nossa comunidade de serviço, ensino, pesquisa e extensão social comunitária.

O tema de reflexão e partilha: *Diálogo da Universidade*. Penso que seria bom explicitar o conceito

1 João Bastos de Ávila, S. J. *Pequena Enciclopédia de Doutrina Social da Igreja*. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 1993, p. 157-158.

2 Nicola Abbagnano. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Mestre Jou, 1982, p. 257.

guntar e responder entre pessoas associadas pelo interesse comum da pesquisa. (...) O caráter associado da pesquisa, como os gregos a conceberam no período clássico, encontra sua expressão natural no diálogo. (...) Permaneceu como uma aquisição fundamental, transmitida, do pensamento grego ao moderno e que conserva, na idade contemporânea, um valor normativo eminente². O diálogo faz parte de pleno direito da missão da universidade. O diálogo necessita interlocutores que desejam relacionar-se ou aprofundar o relacionamento em vista de crescer na busca, na expressão, na construção do conhecimento. Talvez ajudasse refletir no diálogo consigo, com o próximo, com Deus, com a vida.



Dialogar consigo ajuda a manter as referências, os valores, a pesar pontos evolutivos para a formação permanente. Examinar-se como foi o dia, o mês, o ano. Avaliar-se para agregar valor. Como me sinto diante de tais acontecimentos? Qual a minha reação? Como posso crescer em qualidade, aperfeiçoar-me, ser eu mesmo e ao mesmo tempo disponível para o próximo, o semelhante? Como está o meu projeto de vida? Qual é a minha meta? Quais etapas foram franqueadas? Como gostaria de ser, parecer, ser reconhecido? O que

depende de mim, de esforço, discernimento crítico? Como preciso ser ajudado? Como gostaria que me ajudassem? Como me sinto na comunidade de ensino, serviço, pesquisa e extensão? Eu me contraria, conhecendo o que conheço? Há tantas possibilidades em nível pessoal, psicológico, intelectual e espiritual a serem percorridas. Desejo avançar?



Dialogar com o próximo incentiva a ultrapassar as barreiras, os preconceitos construídos pelo desconhecimento do outro. No dia a dia estou envolto no relacionamento com tantas pessoas: professores, colaboradores técnicos, membros do corpo funcional, discentes no ambiente de trabalho; pessoas diversificadas no ir e vir das vias públicas, situações do transporte coletivo e individual; pessoas da própria família. Há momentos de invejar monges e ermitões no deserto árido e solitário... No entanto, a aproximação, gerando conhecimento e partilha, é solução óbvia para superar situações que a própria imaginação projeta como insolúveis em bons e justos termos. Uma comunidade só é verdadeira se gera laços de pertença, de presença proativa, de liderança na busca da verdade que consola e solidifica a felicidade. Ainda que tudo seja passageiro e o tempo seja aliado, é

necessário assinar com qualidade a presença articulada com o próximo. Há muito a ser construído, conhecido, partilhado. Para nós o inferno “não é o outro”, como filosofava alguém, mas fechar-se à plena comunhão e participação.



Dialogar com Deus. Deus iniciou o diálogo com a humanidade, testemunhado em relatos milenares. Pessoas como nós intuíram que podiam dialogar como o invisível. Ousaram a audácia da fé. O transcendente se fez presença, desenvolvendo sentidos espirituais nas agruras da vida nômade, pastoril, no campo e na cidade, na nação e no exílio, na liberdade e na servidão, na autonomia e no cerceamento da cidadania. Sabiam espiritualmente que não estavam sós, largadas à própria sorte. Descobriam que Alguém permanecia fiel, bondoso, porque todo-poderoso; salvador, porque criador. Pela audácia da fé desenvolveram uma habilidade de falar com Ele, de proceder como se o vissem, tinham a certeza na alma e lutavam contra toda visível esperança e conseguiam realizar e mesmo ultrapassar sonhos e expectativas. Queriam o que parecia normal e obtinham além do que pediriam.

Na história, o diálogo com Deus se torna aliança, eleição, promessa até o momento em que Deus vem visivelmente, verdadeiro homem e

verdadeiro Deus, nascido de Maria Virgem, Palavra Eterna do Pai revelando seu amor, seu interesse pela humanidade em geral e pela pessoa humana concreta. Este diálogo foi compendiado e transmitido de geração em geração pelos sábios, profetas e poetas. Integram a oração de toda a humanidade. Na lealdade do próprio caráter, cada pessoa sente-se concernida, convidada a conferir com Deus no íntimo se si mesma. Aceitando a santidade divina, assume realizar a conversão da fé para acreditar no Evangelho e proceder com santidade a qual Deus me convida sem cessar. É emblemática a figura de Jó, o justo, rebatendo as teses de seus amigos, exigindo a resposta de Deus às suas acusações: “que Deus tome a palavra e se explique diante de mim”. E enfim, depois de ouvir a voz divina, confessa: “Eu te conhecia só de ouvir, agora meus olhos te viram” (Jó 42,5). O comentarista assegura: “é possível fazer uma experiência direta de Deus” (TEB).



Dialogar com a vida. A vida nos foi oferecida, não participamos de nossos nascimentos. Nossas vidas foram acolhidas e, assim, a vida é gerada e sustentada. A vida natural é a prova de que fomos desejados, queridos, amados antes que dessemos nossas opiniões. Sorriam para nós antes que pudéssemos

sorrir, conversaram conosco antes do domínio da fala. Fomos conduzidos a viver e a viver bem. A vida é o presente recebido gratuitamente. A vida pede passagem, a vida dá passagem. A vida exige respeito e dignidade. Dignidade com a vida humana e em relação a toda a criação. A ecologia é uma decorrência do aprofundamento do diálogo com a vida.

Santo Agostinho menciona o cuidado com a vida dos animais; a mãe passarinho alimenta e protege seus filhotes, aquece-os e não pensa que no futuro eles poderão retribuir em sua velhice. Os mamíferos igualmente, os peixes também. Nos animais esta comunicação é instintiva, ao passo que o ser humano, dotado da liberdade outorgada pela racionalidade, conhece as causas e efeitos, origem e fim da concepção, gestação, vinda à luz da vida. Comunica valores além da sobrevivência em contraste com os irracionais.



O diálogo com a sociedade tem suas condições e implicações. A universidade está presente na sociedade e se faz presente na sociedade. Examinar os pontos de interação ajuda a cumprir a missão universitária.

O tema do diálogo na universidade é quente: inspira, instiga, aperfeiçoa. Façamos nossa parte no jogo pelo campeonato da Qualidade Acadêmica Humana e Cristã. ▢

Decretos da Congregação Geral XXXIV da Companhia de Jesus

D. 17: A Companhia e a Vida Universitária

1. Quase desde a fundação, a Companhia ocupou-se com o ensino universitário, a pesquisa e as publicações científicas. Da astronomia à dança clássica, das humanidades à teologia, os jesuítas tentaram assumir a linguagem e a temática das culturas herdadas ou emergentes. Procuraram descobrir, configurar, renovar ou promover o saber humano, respeitando sempre a autonomia das disciplinas acadêmicas. Também trataram de acompanhar na fé os homens e mulheres moldados pela poderosa força cultural inerente à universidade como instituição. Inácio sabia do amplo impacto cultural das universidades, quando decidiu enviar jesuítas a elas como a lugares onde se poderia conseguir um bem mais universal. Durante toda nossa história, continuamos reafirmando essa intuição básica de Inácio.

Fonte: COMPANHIA DE JESUS. **Jesuítas e Leigos: Servidores da Missão de Cristo.** São Paulo: Loyola, 1997, p. 112.

AVANÇAR PELO CAMINHO DO BEM

É muito bom o nosso encontro para a abertura do segundo período acadêmico de 2013. A presença dos senhores e senhoras expressa a vontade determinada para crescermos em qualidade no serviço à nossa missão: mentalidades configurando projetos, contribuindo para o clima institucional propício com nossas atitudes, palavras e intenções. É oportunidade singular para a comunidade iniciar o dia nesta capela, celebrando o dia de Santo Inácio. Inácio, o homem que conseguia pesquisar o que observava ao seu redor e no seu interior. Homem seguro, capaz de realizar o que sonhava e alentava com paixão. Sua observação atenta e cuidadosa concentrou-se em descobrir a origem de pensamentos, imaginações, devaneios que o entretinham nos momentos de ócio obrigatório. Sim, Inácio, o homem de desejos e grandes realizações, limitado ao leito de convalescente, em consequência dos ferimentos durante a resistência na defesa da fortaleza de Pamplona. Para ele o tempo não passava. Para entretenimento havia apenas dois livros disponíveis: *A vida de Jesus* e *A vida dos santos*. Com o passar dos dias, a leitura o empolgou tanto que passava a considerar o que poderia fazer ao recuperar a saúde, retornando à sua vida de nobreza com grandes proezas na



corte. Simultaneamente, lhe fazia concorrência a alternativa de viver como Jesus vivia com seus apóstolos e mesmo superar os grandes feitos de alguns santos, como Pedro, Francisco, Domingos e outros. Vai descobrindo que pode superar a oração vocal, com suas fórmulas estabelecidas, e encetar um diálogo com Deus diretamente, com suas palavras e pensamentos. Católico, leigo, encontra a fórmula da contemplação, da meditação, porque percebeu uma felicidade duradoura sempre que se concentrava que-

rendo ajudar a Deus, ao passo que quando pensava em retornar à vida então interrompida tinha satisfação, mas depois de tanta adrenalina, ficava-lhe um vazio psicológico-espiritual que não o satisfazia.

Quando recebeu alta, começou a caminhar pelas estradas aspirando ser peregrino e chegar à Terra Santa, onde Jesus viveu. O resultado de suas andanças, habitando numa gruta em Manresa, diante do Rio Cardoner, continuou anotando tudo o que sentia e vivia. Seu trabalho foi intitulado *Exercícios Espirituais* e foi a referência que guiou a sua vida e o seu trabalho. Via a realidade com tal clareza, que começou a querer ajudar a todas as pessoas a fazerem a mesma experiência. Suas conquistas e dificuldades o levaram a cursar a melhor universidade da época, para ter acreditação necessária social e eclesial. Foi na Sorbonne que obteve seus títulos e reuniu os companheiros, fundando a Companhia de Jesus, para ajudar as pessoas institucionalmente. A sua iniciativa se concretiza na universidade, seu ministério passa a ser instruído e não apenas intuído. Inácio é testemunha de que Deus é o protagonista na vida das pessoas, orientando-as para serem empreendedoras a serviço do Bem Maior, segundo os valores do Evangelho. Inácio observou, intuiu, deduziu. Seus resultados

VOZ DO PRESIDENTE

Homilia proferida na Capela Santo Inácio de Loyola por ocasião da abertura do semestre letivo na Semana da Qualidade no Ensino, Pesquisa e Extensão, 2º semestre e da Comemoração de Santo Inácio de Loyola. São Bernardo do Campo, 31 de julho de 2013.

1 João Bastos de Ávila, S. J. *Pequena Enciclopédia de Doutrina Social da Igreja*. 2 ed. São Paulo: Loyola, 1993, p. 157-158.

2 Nicola Abbagnano. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Mestre Jou, 1982, p. 257.

foram colocados a serviço de toda a humanidade.

Ouvimos a proclamação da Palavra e acompanhados por Inácio para formular a sintonia com as nossas vidas e atitudes.

Moisés sobe à montanha pela segunda vez, após ter quebrado as tábuas da Lei, diante da idolatria do povo. Deus condiciona a que suba só. Na intimidade, se revela compassivo, misericordioso, clemente, paciente, o que perdoa. Moisés intercede, convidando a Deus: “venha o meu Senhor conosco, perdoa as faltas, toma-nos como tua herança”. Moisés talha as duas tábuas de pedra e nelas escreve as palavras de Deus. Após 40 dias, desce da montanha com as tábuas da Lei e é recebido por Arão e pelo povo com temor, porque seu semblante refletia a glória de Deus. A intimidade de amigo a amigo de Moisés com o Senhor foi percebida pelo povo que se julgava culpado pelas suas faltas. Moisés explica-lhes todos os preceitos do Senhor. Moisés precisava cobrir o rosto com um véu para que o esplendor divino não ofuscasse a liberdade humana que era suscitada a dar seu atendimento ao bem que o Senhor propunha. Moisés foi ao encontro do Senhor, partilhou sua intimidade, envolveu-se em sua causa. Moisés guiou o povo de Deus e intercedeu por ele. Pediu que Deus caminhasse sempre pelos caminhos humanos, para que todos pudessem fazer a mesma experiên-

cia que lhe fora concedida. Que o semblante divino resplandeça sobre nossas faces. Que o busquemos de coração sincero na certeza de que nos atenderá, mostrando o melhor caminho para a vida de qualidade em comunhão profunda com Ele e com a humanidade.

Jesus também nos incentiva com suas palavras de sabedoria, contidas nas parábolas. Ele está discursando, falando às multidões e também aos discípulos. Apresenta a força da Palavra. A Palavra é de Deus, a semente na terra do coração humano. Sempre germinará, mas dependerá das condições de cada coração o seu pleno desabrochar. A Palavra sempre será semeada, proclamada, a cada pessoa é necessário oferecer as condições que tornem viável a sintonia com o próprio Deus. Jesus é procurado por alguém que deseja a vida eterna. Jesus lhe fala para praticar os mandamentos. Ouvindo que já o fazia, convida-o a segui-lo. O jovem parte triste porque o convite de Jesus o tocou, porém os cuidados do mundo o impediram do seguimento como os discípulos. Jesus insiste e fala que é necessário descobrir o maior valor para fazer sua escolha. Que coisa mais apetecível do que um tesouro pedindo para ser descoberto e conquistado? Que pode haver de mais importante para um colecionador do que uma pérola de valor incalculável? O tesouro,

a pérola, é o caminho com Jesus segundo a vontade de Deus. Não há possibilidade de titubear, a escolha é para já! A decisão do homem para adquirir o tesouro descoberto, do comerciante em busca de pérolas preciosas, concretiza seus melhores desejos. Fazem imediatamente. Não ficam sem nada ao desfazerem-se de tudo quanto possuíam até então. Adquirir o Tesouro, a Pérola de grande valor, é motivo de grande alegria. Depois, não nos pede renúncias absurdas; nos convida a fazermos a melhor escolha. A colocarmos o nosso coração onde se encontram as verdadeiras alegrias, onde os ladrões não roubam, as traças não comem, a ferrugem não corrói. Jesus convida para caminhararmos na terra com os olhos voltados para o Pai que está nos céus e quer partilhar sua intimidade conosco.

Comunidade acadêmica à escuta da Palavra incentivadora divina para olhar a realidade como Deus contempla a sua criação e, assim, oferecer a todos seus beneficiários a paz com a qualidade cristã. Deste modo procederam Moisés, olhando com os olhares divinos, Inácio, percebendo a ação divina em todas as coisas, Jesus, vindo ao nosso encontro e usando as palavras humanas para nos convencer de como é Bom o nosso Deus. Que o nosso período letivo seja a grande oportunidade para avançarmos articulados pelo caminho do Bem. ▢

O TRABALHO EM REDE, UMA SINERGIA DE COMPETÊNCIAS



A comunidade universitária da FEI brinda a todos nós com a oportunidade de participação na Semana de Qualidade, abrindo os períodos letivos semestralmente. É oportunidade ímpar, na qual todos somos envolvidos no delineamento do projeto institucional, sempre orientado para o futuro, com a qualidade que todos queremos assinar, porque oferecemos o melhor de nós mesmos: talentos, cooperação, tempo e critérios na sua reconfiguração contínua. Cada um de nós sabe que faz parte,

integrando o corpo universitário com o aporte de sua especialidade e carisma. O fundador sorri porque o lema “o que falta me atormenta” imbuíu a comunidade da mais alta qualificação acadêmica e humana. É o ar que se respira, o clima que pervade o *campus*, comunicando paz, eficiência, ufanía de fazer bem o que se faz.

Ao acolher a todos, expresso a esperança e vida afirmada na proposta: *O trabalho em rede, uma sinergia de competência!* Grande desafio é lançado pelo CEPEX, em vista de

acelerar o processo de *cooperação*, através da elaboração dos grupos de pesquisa, desenvolvimento dos projetos, publicação imediata dos resultados. O sábio isolado fazia escola, os sábios articulados em seus laboratórios e bibliotecas constroem o amanhã da sociedade universal porque, na reciprocidade, atuam em várias regiões da terra. É possível, após árduo trabalho de pesquisa, apresentar o conhecimento novo, recém-descoberto e publicado, como antigamente o padeiro oferecia o pão quentinho

VOZ DO
PRESIDENTE

*Pronunciamento de
abertura da Semana
da Qualidade no Ensino,
Pesquisa e Extensão,
2º semestre de 2013.
São Bernardo do Campo,
31 de julho de 2013.*

saído do forno. As redes propiciam uma emulação na busca da enunciação das intuições e descobertas que passam imediatamente para a aplicação e o domínio público.

Estimular a participação em redes significa que não basta ser competente em seu próprio ambiente, mas é necessário o credenciamento, feito através de comunidades científicas externas para laboratórios, bibliotecas e os próprios cientistas, como extensões de qualidades recíprocas, complementares, sinérgicas, porque atuam com autonomia seguindo os mesmos parâmetros de aferição da ciência.

A presença dos projetos de pesquisa, finalidade do fazer universidade, nas diversas instituições financiadoras é demonstrar a capacidade de sair da única avaliadora interna e concorrer em igualdade de condições com suas congêneres, estimulando a sadia emulação de ultrapassar os próprios limites e oferecer em termos estaduais a cooperação para a melhoria da cultura na qual está enraizada. A universidade assume sua vocação de transformar a realidade, tornando-se parte importante de seu desenvolvimento social e humano. Ultrapassando a região, abrindo-se ao relacionamento nacional e internacional, partilhará as experiências e estado da arte da própria pesquisa e produção de conhecimento e, reciprocamente, entrará em rede com as instituições congêneres.

A *inovação* é parte integrante

do fazer universitário. As atividades geradoras de conhecimento propiciam a cada participante tornar-se protagonista da oferta de soluções até então não encontradas para as diversas demandas do ser humano vivendo em sociedade. A evolução contínua aumenta o campo de influência da ciência a serviço da vida e da sociedade. A humanidade gera expectativas em larga escala, exigindo atendimento complexo e de alto padrão. Como colocar grandes inventos e pequenas iniciativas a serviço do Bem Comum, na geração de energia, na racionalização de dejetos urbanos, na universalização da comunicação, na qualificação da educação, no melhor atendimento ao cliente de serviços médicos, na mobilidade pública? No século passado, caneta "bic" e sandália "havaianas" atenderam uma demanda para escrita, substituindo lápis e caneta tinteiro, e calçando os pés, beneficiando todas as classes sociais.

Hoje, as demandas enormes da área de saúde, requerendo aparelhagens de alta complexidade para exames e cirurgias, para a racionalização dos recursos humanos, materiais, financeiros, dependem da multidisciplinariedade em que a engenharia, a informática, a administração gerencial se colocam a serviço da vida sadia, preventiva e readaptada. As demandas de comunicação sem fio, viagens aéreas acessíveis a números cada vez maiores de pessoas, reclamam logística na prestação de

serviços. As cidades precisam de planejamento para correr atrás da lacuna de inovação em relação a países que saíram na frente. Quantos produtos ficaram para trás porque insistiram na repetição da produção; outros, alavancaram o nível de qualidade e se posicionaram na vida das pessoas e, com isso, no mercado! Alguns modelos de veículos correriam o risco de entrar em extinção caso não conseguirem acolher o *air bag*, conforme publicado no jornal recentemente.

Nosso foco em administração, gestão, informática e engenharia é desafiado a reinventar os processos adequados ao melhor atendimento da pessoa e de toda a população, tanto urbana como rural, em todas as esferas e dimensões. Não há conhecimento isolado, escondido numa ilha. "A verdade libertará a todos". Que a verdade seja procurada, anunciada, divulgada, colocada em comum. Espero muito dos professores e pesquisadores a elaboração de projetos que lancem o Centro Universitário como plantel de inovadores e gestores de qualidade para o bem da sociedade. A fronteira do conhecimento recebido e adquirido perpassa a do conhecimento buscado e elaborado. As soluções de problemas endêmicos, reincidentes, devem ser preparadas com qualidade para que se tornem viáveis e políticas públicas para benefício da região, do País, de toda a humanidade. É o patrimônio que queremos legar, através de nossos

planos de gestão estratégica, em sintonia com a missão institucional.

Inácio lançou a proposta singular de agregar qualidades individuais para um serviço esclarecido à Igreja e à sociedade. A universidade foi a incubadora da Companhia de Jesus. Os bons desejos de Inácio só conseguiram germinar no solo fértil da casa de conhecimento e de busca da verdade. A sua boa vontade, sua santa ingenuidade, foi derrotada enquanto apresentada como atitude voluntarista. Necessita ganhar aliados que descubram a ventura de viver experiências singulares em união de intenções, vontades e realizações. Decidem a permanência do grupo recém-criado a serviço de toda a humanidade. Vencerão obstáculos, ultrapassarão fronteiras, penetrarão na cultura dos povos mais distantes e singulares, formarão *redes de cooperação*.

Desde o início, a inculturação integrou a necessidade de buscar aliados para a empreitada, maior do que o próprio grupo seria capaz. As lideranças criaram lideranças e mediações para que perdurasse como organização ligeira na busca das melhores oportunidades abertas desde o tempo dos descobrimentos e das grandes viagens marítimas. Sonhando, acordando, realizando, foi a estratégia científica para colher resultados além do possível à primeira vista. Integrantes de várias nacionalidades convergem para penetrarem os vários países europeus e os des-

conhecidos até então, como a Índia, Japão, China e Américas. Conviver, conhecer, comunicar-se no idioma local para que o bem pudesse ser revelado, cultivado e multiplicado. Acrescentar valor à vida e à cultura das populações que viviam até então à margem do conhecimento do Evangelho e dos avanços da ciência europeia. Receber o impacto das mesmas culturas empaticamente, descobrindo o imaginário envolvente, os recitos e os contos dos antigos aos mais novos, as lendas ancestrais, portadoras do germen da razão em busca do sentido da vida e de sua verdade. As aspirações de diálogo com a transcendência: fagulhas do Verbo inscritas na consciência e no coração da humanidade, atraindo para ultrapassar barreiras e mitos, mas com a sabedoria da passagem através da ponte, entre o momento vivido e a sua continuidade, entre o que passa e o que fica, entre o temporal e o eterno. Do deslumbramento do olhar o panorama estrelado à noite e do caminhar para delinear projetos de vida com valores de respeito, resignação, aliados ao protagonismo para a conquista de novos patamares de vida e convivência sadia. A reciprocidade da partilha cultural do íntimo mais profundo das pessoas, nas mais diversas latitudes, aproxima a humanidade do sonho criador divino: Deus viu que tudo era muito bom e descansou de sua obra.

A saga divina partilhada estimula cada pessoa a bem viver e a desco-

brir a alteridade como dom para a fraternidade, para a cooperação, para a convergência das energias em busca da realização do ideal comum: da realidade à sua compreensão, da compreensão à expressão da verdade, da verdade à construção duradoura da felicidade, na qual cada pessoa é parte ativa e atuante. Sonhando os sonhos de Deus; despertando mediadores de sua missão pelo mundo inteiro. Partilhar supõe dar e receber, renunciar e priorizar, constituir o Patrimônio Cultural da Humanidade. É o que aceitamos como proposta institucional da Companhia de Jesus. Primeiro, viver; segundo, filosofar, pesquisar, para que se renove a face da sociedade. Conto com a adesão comunitária ao ensino, pesquisa e projeção social na extensão desta universidade, em que somos todos chamados a nos empenhar, oferecendo os nossos melhores talentos, disponibilidades, iniciativas, enfim, o pleno envolvimento de nós mesmos: pesquisadores, docentes, técnicos administrativos, discentes e vizinhos.

Agradeço a atenção e a resposta generosa propositiva. Ao mesmo tempo, cumprimento a liderança universitária, através do Magnífico Reitor, no grande empreendimento de gestar, com a participação de todos, as estratégias em vista do apressamento do futuro que os nossos potenciais atualizarão. Respeitosamente, os meus cumprimentos e os melhores desejos de um excelente período letivo. ▢



MENSAGEM DO PRESIDENTE DA FEI A TODA A COMUNIDADE ACADÊMICA POR OCASIÃO DA ELEIÇÃO DO PAPA FRANCISCO

Estimados, professores, pesquisadores, funcionários, estudantes, colaboradores, amigos e familiares:

O final da tarde de quarta-feira, dia 13 de março, foi assinalado pela fumaça branca na chaminé do Vaticano, indicativa da eleição do Papa pelo Conclave reunido na Capela Sistina. Para a Praça de São Pedro convergiram tantas pessoas, das mais variadas procedências, em grande euforia. Simultaneamente, a

humanidade sintonizou-se, através dos mais variados meios de comunicação, em grande expectativa para ouvir a notícia esperada, aguardando o nome do novo Papa, sua origem, o nome adotado. Os olhares, ouvidos atentos foram surpreendidos agradavelmente com a escolha, após dois dias e meio de trabalhos e estudos, consultando-se e em ambiente de oração diante de Deus para a eleição daquele que atenderia ao perfil desejado para conduzir a missão evangelizadora

e humanitária da Igreja Católica.

O indicado veio da América Latina, nascido no país vizinho, jesuíta, escolheu o nome Francisco. Muitas novidades, muitas alegrias, muitas certezas de que o próprio Deus conduz os caminhos da humanidade.

A América Latina, que tanto recebeu da Igreja desde seus inícios: missionários dedicados, escolhidos a dedo para evangelizar os seus povos e culturas através da arte, da educação para os grandes valores humanos e espirituais que

motivaram à santidade tantas pessoas, incentivaram povos tão diversos a caminhar com qualidade pelas estradas da vida e de sua autodeterminação, agora retribui, oferecendo um dos seus filhos para o ministério de São Pedro. O Papa fala espanhol, sorri, comunica-se com facilidade, expressando seus sentimentos de carinho para com o povo que lhe é confiado, ao qual se dedica e do qual recebe a oração prévia à própria benção apostólica.

O Cardeal Bergoglio, com um currículo surpreendente, traz a espiritualidade do discernimento espiritual marcante em sua formação religiosa e intelectual na Companhia de Jesus. A Companhia de Jesus assumiu, desde a origem na intenção fundadora, o carisma das missões em todas as culturas e fronteiras. Tudo deve convergir para a maior glória de Deus e o bem maior das pessoas. Esta convicção guiou seus passos em sua vida na Companhia de Jesus, na qual desempenhou várias responsabilidades de liderança, e em sua vida a serviço do episcopado, com a sua eleição para bispo coadjutor e, a seguir, cardeal da cidade de Buenos Aires. Como bispo e cardeal, trabalhou com todos os segmentos da sociedade argentina, promovendo a cultura intelectual universitária, escutando as necessidades dos mais pobres e indefesos e colocando os meios para criarem as condições de superação de suas condições. Homem da cultura e da evangeliza-

ção, frequentava a universidade e a favela, vivia pobremente, atendendo suas próprias necessidades de sobrevivência, preparando sua refeição, habitando num apartamento que testemunhava a seriedade de sua consagração religiosa.

O Papa Francisco: a opção pelo nome de um santo tão querido de todos, santo simpático e decidido diante da melhor escolha. Na juventude, Francisco deixou sua casa luxuosa, despiu suas vestes, aderiu ao testemunho claro e inequívoco do Evangelho de Jesus. Francisco tomou decisões que falam ainda hoje a toda a humanidade. Deus criou o mundo com amor. A criação é obra de suas mãos. Somos irmãos frateros das plantas e flores, dos pássaros e animais tão diversos, dos astros e estrelas, do sol, chuva, vento, brisa, marés. Somos irmãos uns dos outros. Todos filhos de Deus, criados para contemplá-lo através das obras de suas mãos e de seu amor. Francisco também seguiu à risca as trilhas deixadas pelo Filho de Deus em sua paixão e morte. A Ele configurou-se. Faleceu jovem, não era sacerdote e ainda hoje nos fala com sua coerência e opinião consistente.

Assumindo o nome, o Papa nos quer indicar caminhos e ideais. Desde a sua primeira aparição na sacada da Praça de São Pedro, sua atitude, seu olhar, seus gestos, suas palavras convidaram a todos a dar passos no caminho da acolhida da graça divina que a todos chama à

santidade, à coerência de vida, à descoberta de que é possível fazer mais do que se faz, superar a mediocridade e irradiar felicidade.

Em um mês, a Igreja inova de modo surpreendente e maravilhoso. Um Papa, no uso de suas faculdades decisórias e atribuições, entrega sua missão ao próprio Deus, convocando um conclave para sua sucessão em vida, argumentando que é chegado para ele o momento de se recolher em retiro e oração para mais ajudar a Igreja. A notícia chegou em pleno carnaval, abafou manchetes e perdurou durante mais de um mês, até a eleição e a posse do cardeal Mario Jorge Bergoglio. Tudo é motivo de alegria e segurança de que Deus está presente no meio de nós e, em Jesus Cristo, está ao nosso alcance.

Agradecer ao Papa Bento XVI pela consagração ao seu ministério marcante e pelas orações que no silêncio oferecerá pela Santa Igreja e pela Humanidade.

Desejar todas as bênçãos do Senhor ao Papa Francisco, escolhido para o ministério de Pedro para que possa ser acolhido pela humanidade e, reciprocamente, acolhê-la com a força de sua Palavra e de seu testemunho de fé em Jesus Cristo e de confiança na luz do Espírito Santo para discernir como anunciar ao mundo a esperança e a salvação com a certeza de que "é bom ser bom".

São nossos melhores votos como comunidade acadêmica da FEI. ▣

PASTORAL DA UNIVERSIDADE

*Palestra proferida na
ANEC (Associação
Nacional de Educação
Católica do Brasil).
Santos,
26 de abril de 2013.*

Grandes momentos foram vividos no século anterior, envolvendo mudanças, gerando expectativas, transformando atitudes. Destaco o Concílio Vaticano II, ocasião ímpar, convocado pelo Papa João XXIII¹, hoje beatificado, e concluído pelo Papa Paulo VI². Foi o acontecimento. Vislumbrado como uma primavera de promessas para a Igreja e para a humanidade. Suas constituições apostólicas permearam a vida interna da Igreja, oferecendo a oportunidade da grande participação na Liturgia Eucarística e da Palavra de Deus.

A Igreja, como irradiação da Luz para o mundo, anunciou as alegrias e as esperanças para todas as pessoas. Aprofundou-se o movimento de comunhão com todas as denominações religiosas, em busca da paz, do desenvolvimento sustentável. Houve uma indução à refontalização, regresso às origens da própria Igreja para um *aggiornamento* em vista do futuro. Revisão do Direito e Normas Canônicas, aprofundamento dos estudos bíblicos, grande expressão teológica, constituições e estatutos de ordens e congregações

religiosas. A efervescência capitalizava as pessoas e instituições. As esperanças e expectativas exigiam atitudes novas, institucionalização das intuições proféticas, indicando caminhos seguros para seguir.

Hoje tudo parece muito distante das contradições aparentes, exigindo superação, sempre em devir. Como falar ao mundo atual, então? Como conciliar uma transformação social? Qual a opção para os marginalizados diante das discrepâncias econômicas sociais políticas? Conciliar assistência social e protagonismo dos pobres na construção do desenvolvimento sustentável e superação da miséria. Vida para todos.

Condições de vida. Entusiasmo e retranca eram sentidos. As instituições cumprem sua missão atualizada? Qual a identidade? Qual o foco? As educacionais em todos os graus passaram pelo crivo: que pessoas são formadas? Para que são formadas? Como atuarão no futuro, já que o passado e o presente estão como estão? Como o fermento do Evangelho fará crescer a massa do bem (Lc13,21)? Muitos dirigentes recebiam a missão sem clara definição, o caminho estava sendo aberto, havia picadas, atalhos apontando direções possíveis para seguir. Cartas Encíclicas (entre tantas, a *Pacem in terris*)³, as conferências do CELAM (Medellín e Puebla)⁴, as Campanhas da Fraternidade da CNBB (Liberdade de Consciência, Educação, Saúde, Moradia, Trabalho, Família, Ordem Social, Voto Consciente, Direitos Humanos, denúncias contra a tortura), além de seus documentos orientando e propondo reflexões para as contradições criadas para a vida plena. A participação e comunhão como condições para a descoberta do caminho institucional religioso leigo. Tempo riquíssimo de experiências, exigências, propostas, buscas, muitas vezes às

- 1 Convocado aos 25 de abril de 1961 e aberto aos 11 de outubro de 1962.
- 2 O Concílio foi encerrado aos 07 de dezembro de 1965.
- 3 João XXIII, aos 11 de abril de 1963.
- 4 Medellín, Colômbia: Segunda Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano (1968); Puebla, México: Terceira Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano (1979).



apalpadelas. A presença da Igreja no mundo, presença de prestígio, sempre em busca da expressão institucional, discursos na ONU, na UNESCO, OIT e outras cátedras de diálogo com o mundo.

João Paulo II abre o seu pontificado⁵, convidando a abrir os corações a Cristo: “Não tenham medo!”, sua voz ressoou, peregrino do Evangelho, nas culturas humanas continentais e nacionais. Entre tantas iniciativas, provocou uma consulta às universidades católicas, através das diversas associações congêneres e conferências episcopais continentais e nacionais. Convocou um encontro de bispos e reitores, representativos dos diversos países. Do Brasil, cinco representantes da CNBB e cinco representantes da ABESC; e considerando as discussões, as plenárias, os relatórios, expressou em Constituição Apostólica a Carta Magna da Universidade Católica: *Ex Corde Ecclesiae*⁶. A universidade católica nasceu do coração da Igreja. É filha muito querida, arrimo para permeá-la os valores humanos e do Evangelho nas culturas específicas de cada povo.

Sua decisão foi acolhida com muito esmero por ter recolocado os fundamentos da missão eclesial universitária. Toda a universidade é uma comunidade em pastoral. Comunidade intrépida, lançando-se nas áreas de fronteira do conhecimento e da inteligência. A univer-

sidade contribui para o apostolado intelectual, congregando renomados pesquisadores, abrangendo todas as áreas de alcance da inteligência, criatividade, imaginação. Nenhum ramo do saber exclui-se do olhar de Deus. A Igreja, a serviço de Cristo, proclama o Evangelho a todos os povos, até os confins da terra e da ciência.

Nas diretrizes e normas, a CNBB 64⁷ menciona “clima, autonomia, liberdade, liberdade legítima de consciência, promoção da ação pastoral, divisão responsável pela ação pastoral, pessoas qualificadas”. O documento de Aparecida⁸ explica: “A U.C., lugar de produção e irradiação do diálogo entre fé e razão e do pensamento católico”⁹. “Desenvolver a especificidade cristã: diálogo fé e razão, fé e cultura, formação de professores, alunos, funcionários na D.S.I. (Doutrina Social da Igreja)”; “compromisso solidário com a dignidade humana”¹⁰; a P.U. (Pastoral Universitária) “acompanha a vida e o caminhar”¹¹.

Algumas consequências são claras:



Diálogo, fé, ciência, cultura. Algumas amostras inspiradoras:

a.) **Richard Dawkins**, cientista britânico nascido no Quênia, em artigo publicado na *Folha de S.Paulo*, afirma: “se não acreditamos em Thor, por que

crer no Deus cristão?” “Não há necessidade de se conhecer o pensamento religioso ou ter qualquer conexão com entidades divinas para se viver uma vida moralmente digna e eticamente responsável”. “Eu gostaria que as pessoas não fossem preguiçosas, covardes e derrotistas o suficiente para dizer: ‘eu não consigo explicar, portanto isso deve ser algo sobrenatural’. A resposta mais correta e corajosa seria a seguinte: ‘eu não sei ainda, mas estou trabalhando para saber’”¹².

b.) **Ranieri Cantalamessa**, em sua homilia de Sexta-Feira Santa¹³, sugeriu exemplos interessantes, dos quais sublinho três:

Primeiro: “Uma coisa, acima de tudo, parece diferente quando vista através dos olhos de fé: a morte! Cristo entrou na morte como se entra numa prisão escura, mas saiu pela muralha oposta. Ele não voltou por onde tinha entrado, como Lázaro, que tornara à vida para depois morrer de novo. Cristo abriu uma brecha para a vida, que ninguém poderá fechar e pela qual todos podem segui-lo. A morte não é mais um muro contra o qual se parte toda esperança humana; ela se tornou uma ponte para a eternidade. Uma ‘ponte dos suspiros’, talvez, porque ninguém gosta do fato de morrer, mas uma ponte, não

- 5 Aos 16 de outubro de 1978.
- 6 Aos 15 de agosto de 1990.
- 7 Artigos 26. 27. 28. 29. 39. 41. 42, *Diretrizes e Normas para as Universidades Católicas, Segundo a Constituição Apostólica “Ex Corde Ecclesiae”*. Documentos CNBB, série azul, nº 64. Ed. Paulinas, 2000.
- 8 *Aparecida, Brasil: Quinta Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe* (2007).
- 9 p. 223, parágrafo 498.
- 10 p. 155, parágrafo 342.
- 11 p. 156, parágrafo 343.
- 12 *Folha de São Paulo*, 01 abr. 2013, p. A14.
- 13 [http://pt.radiovaticana-va/news/2013/03/29/homili_SW_SEXTA-FEIRA_SANTA_-_P_RANIERO](http://pt.radiovaticana.va/news/2013/03/29/homili_SW_SEXTA-FEIRA_SANTA_-_P_RANIERO).

mais um abismo que engole tudo. 'O amor é forte como a morte', diz o Cântico dos Cânticos (8,6). Em Cristo, ele é mais forte do que a morte!".

Segundo: Beda, o Venerável, relata como a fé cristã chegou até o norte da Inglaterra. "Quando os missionários vindos de Roma chegaram a Northumberland, o rei do lugar convocou um conselho de notáveis para decidir se permitiria ou não que eles divulgassem a nova mensagem. Alguns dos presentes foram a favor, outros contra. Era um inverno rigoroso, açoitado pela nevasca lá fora, mas a sala estava iluminada e aquecida. Em dado momento, um pássaro entrou por um buraco na parede, pairou assustado na sala e desapareceu por outro buraco, na parede oposta. Então, levantou-se um dos presentes e disse: 'Rei, a nossa vida neste mundo é como aquele pássaro. Viemos não sabemos de onde, desfrutamos por um breve instante da luz e do calor deste mundo e depois desaparecemos de novo na escuridão, sem saber para onde estamos indo. Se estes homens podem nos revelar alguma coisa do mistério da nossa vida, devemos ouvi-los'".

Terceiro: há um conto do judeu Franz Kafka, que é um poderoso símbolo religioso e que assume um novo significado, quase profético, na Sexta-Feira Santa: "Uma

mensagem Imperial" fala de um rei que, em seu leito de morte, chama um súdito e lhe sussurra ao ouvido uma mensagem. É tão importante a mensagem, que ele faz o súdito repeti-la ao seu próprio ouvido. O mensageiro parte logo em seguida. Mas ouçamos o resto da história diretamente do autor, com o tom onírico, de pesadelo quase, que é típico deste escritor: "projetando um braço aqui, outro acolá, o mensageiro abre alas por entre a multidão e avança ligeiro como ninguém. Mas a multidão é imensa, e as suas moradas exterminadas. Como voaria se tivesse via livre! Mas ele se esforça em vão; ainda continua a se afanar pelas salas interiores do palácio, do qual nunca sairá. E mesmo que conseguisse, isto nada quereria dizer: ele teria que lutar para descer as escadas. E mesmo que conseguisse, ainda nada teria feito: haveria que cruzar os pátios; e, depois dos pátios, o segundo círculo dos edifícios. Se conseguisse precipitar-se, finalmente, para fora da última porta – mas isso nunca, nunca poderá acontecer, pois que, diante dele, alçar-se-á a Cidade imperial, o centro do mundo, em que montanhas de seus detritos se amontoam. Lá no meio ninguém é capaz de avançar, nem mesmo com a mensagem de um morto. Tu, no entanto, te sentas à tua janela e sonhas com aquela mensagem quando a noite vem". "Do seu leito de morte, também Cristo confiou a

sua Igreja uma mensagem: 'Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura' (Mc. 16,15). Ainda existem muitos homens que se sentam à janela e sonham, sem saber, com uma mensagem como a dele."

c.) Luis Felipe Pondé escreveu na *Folha*¹⁴: "Nem o Papa aguentou!" "Graças aos padres aprendi a coragem intelectual, o gosto pelas letras, o valor da liberdade religiosa, o esforço de pensar de modo claro e distinto, o respeito pelas meninas, ao mesmo tempo em que crescíamos num ambiente no qual Eros nunca foi demonizado; enfim só tenho coisas boas para dizer sobre meus anos de escola. Cresci numa escola na qual, durante a semana, discutíamos como um 'mundo mau' pode ter sido criado por um deus bom. No final de semana, íamos à praia todos juntos, dormíamos lá, meninos e meninas, em paz, namorando, e enchíamos a cara. Noutro final de semana, o mesmo grupo ia a favelas ajudar doentes. Tive, numa pequena amostra, uma prova do enorme papel civilizador a igreja e do cristianismo como um todo no mundo".

2.

Participação de todo o Povo de Deus, envolvendo pessoas e instituições próximas e longínquas, para a me-

lhor sintonia com os valores humanos dialogando com os espirituais.

3. Testemunho do leigo em funções de liderança apostólica, formação de quadros e recursos humanos para a missão universitária.

4. Clareza na identidade e missão. O caminho está sinalizado. A pertença bem declarada. Adiante! Sempre adiante, Deus proverá desde que aplicados todos os meios e esforços.

5. Discernimento contínuo na busca do melhor e durável. “Esperaríamos que a cultura da mente tivesse uma influência imediata no sentido da moral; que quanto mais o homem fosse esclarecido, mais se purificasse e que a Razão cultivada conduziria à Revelação. Na realidade as coisas não se passam assim. A cultura da Razão, o estudo de qualquer ciência nunca fica sem repercussões profundas no homem todo, nunca deixa de dar um cunho a toda a personalidade. O homem que se acostumou a fiar da própria razão e a se submeter ao império da objetividade, cria pouco a pouco um feito intelectual e moral em que os valores são exclusivamente naturalistas”, dizia Sabóia¹⁵. “Ninguém nasce nas nuvens. Nascemos em uma família, dentro de um de-

terminado contexto sociocultural. Estar radicados em uma realidade local faz parte da nossa condição humana. É um aspecto importante da teologia cristã. A teologia da encarnação destaca que o amor de Deus pela humanidade decorre pelo fato de que ele armou sua tenda no meio de nós (Gn.1,14)”, disse Kolvenbach¹⁶. “Viver é tomar decisões...”. “Santo Inácio tinha plena consciência de que a vida é uma eleição contínua. De manhã até a noite tomamos pequenas decisões: em casa, nos negócios, na educação dos filhos... tudo o que acontece ao nosso lado baseia-se em opções constantes. A vida é decidir. Não dá para fugir. Muitas vezes nos



encontramos em situações difíceis, confusas e mesmo perdidos, sem saber o que fazer. A vida é marcada por dificuldades num mundo em constantes mudanças. E é nele que temos que decidir! Há perguntas que nos ajudam: a decisão que vou tomar ajudará os outros? É portadora da vida ou da morte? Tristeza? Exclusão? São decisões que geram tensão e nem sempre politicamente corretas. A espiritualidade inaciana é isso: ajuda-nos a decidir bem”, segundo Nicolás¹⁷.

6. Clima propício para o convívio e qualidade do serviço.

7. A comunidade expressa sua identidade, realiza sua missão, qualifica sua presença. A identidade expressa no papel torna-se vida. A missão recebida transforma-se em ação.

8. Atitude de reflexão contínua, leitura, estudo, partilha, cooperação.

9. Enraizamento no ambiente. Cada universidade é única e chamada a cooperar em rede, realizando sua própria busca de qualidade contínua.

10. Abrir horizontes e perspectivas para o aprimoramento pessoal, profissional.

15 Pe. Roberto Sabóia de Me-
deiros, no prefácio ao livro
*Origem e progresso das
universidades*, do Cardeal
John Henry Newman. Ci-
tado a partir de *Cadernos
da FEI*, n. 14, 2012, p. 83.

16 *Cadernos da FEI*, n. 14,
2012, p. 83.

17 *Cadernos da FEI*, n. 14,
2012, p. 7.

OPORTUNIDADES DO MOMENTO:

- Papa Francisco: o nome é um programa. Vem estabelecer comunhão, pede bênção e abençoa em sua apresentação. Otimismo para a Igreja ir ao encontro das pessoas em suas situações de vida real, angústias, realidades, esperanças. Irradiar a união de Cristo. Gerar atitudes sem ambiguidade. Não temer a surpresa de Deus! "Aceita então que Jesus Ressuscitado entre na tua vida, acolhe-o como amigo, com confiança: Ele é a vida! Se até agora estiveste longe dele, basta que faças um pequeno passo e Ele te acolherá de braços abertos. Se és indiferente, aceita arriscar: não ficarás desiludido. Se te parece difícil segui-lo, não tenhas medo, entrega-te a Ele, podes estar seguro de que Ele está perto de ti, está contigo

e dar-te-á a paz que procuras e a força para viver como Ele quer"¹⁸. Ajudar-nos uns aos outros é o que Jesus ensinou!¹⁹ Exercer todos os dons de Deus para a missão.

- Periferias existenciais. Ricúpero na *Folha*²⁰: o exemplo será seguido pelas universidades?
- Crise ecológica questiona a nossa fé! O sonho de Deus está ameaçado. Solicitude pela criação: relação com Deus, com a criação, com o próximo. Guardiães dos dons de Deus. Nós: da criação, da vida, das pessoas, dos dons de Deus. Abrir o horizonte da esperança.
- Movimento: caminhar, edificar, confessar.

TRABALHO DE CASA INSTITUCIONAL:

- Planejar estratégias a partir da identidade para, reconhecendo

a vocação universitária católica, evoluir na realização da missão.

- Preparar pessoas competentes através de cursos e especializações. Pessoas para liderarem e assessorarem a realização dos processos a serem criados, descobertos, intuídos.
- Selecionar talentos qualificados humanamente ou qualificá-los: relação e credibilidade acadêmica, social, comunitária, pastoral, eclesial.
- Como se faz? Fazendo! Começando. Comunicando. Propondo. Avançando. Adiante, sempre adiante: Deus providenciará. Sempre tender visando a articulação da natureza com a graça.
- Esperar a chuva passar? Aproveite para semear a Palavra, testemunhar a Vida, proclamar o Bem, dar acesso ao Evangelho e a seus valores a todos que nos buscam, nos encontram e esperam confiantes ou ressabiados. ▢

18 Papa Francisco, *Homilia Vigília Pascal, Sábado Santo*, 30 de março de 2013, www.vatican.va/holy-father/francesco/homilies/2013.

19 Papa Francisco, *Homilia Cárcere para Menores "Casa del Marmo"*, Roma. Quinta-Feira Santa, 28 de março de 2013.

20 Rubens Ricúpero. *Periferias existenciais*. *Folha de São Paulo*, 01 abr. 2013, p. A11.

Decretos da Congrega^o Geral XXXIV da Companhia de Jesus D. 17: A Companhia e a Vida Universitária

2. Cerca de tr^s mil jesu^{tas} trabalham atualmente em quase duzentas institui^{es} de ensino superior da Companhia que afetam a vida de mais de meio milh^o de estudantes. Outros exercem essa miss^o em outras universidades. A ação apostólica de uns e outros não só influi na vida dos estudantes, mas vai além do meio universit^{ário} imediato. Reconhecemos que as universidades continuam a ser institui^{es} de importância crucial na sociedade. Servem como o principal meio para o progresso social das classes pobres. Nelas e por meio delas realizam-se importantes debates sobre a ética, as futuras orientações da economia e da política, e o sentido da existência humana que molda nossa cultura. Nem a universidade como institui^{es} e como valor para a humanidade, nem o sempre urgente imperativo de um compromisso incansável da Companhia com nossa tradição de fomentar a vida universit^{ária} precisam de nova defesa.

Fonte: COMPANHIA DE JESUS. *Jesuítas e Leigos: Servidores da Missão de Cristo*. São Paulo: Loyola, 1997, p. 112.

HOMILIA DO PADRE PROVINCIAL NA MISSA DA VISITA



Coube a Deus na sua imensa bondade e liberalidade nos reunir aqui hoje para esta celebração eucarística no *campus* da FEI, em São Bernardo. O Espírito Santo que nos reúne como comunidade eclesial, também nos coloca sob a luz e o imperativo da Palavra de Deus sempre viva e eficaz.

Ainda há pouco, em sua recente visita ao Brasil pela ocasião do MAGIS, o Pe. Geral Adolfo Nicolás, em seu pronunciamento feito na Unicap, citou o Papa Francisco quando este evocava, a respeito de Maria, três palavras chaves – *escuta, discernimento, e ação* – uma evidente versão inaciana do método “ver, julgar e agir”. Método que tanto tem marcado a caminhada da Igreja na América Latina, após o Concílio Vaticano II. Aprendamos com Maria que viver sob o imperativo da Palavra será sempre *escutar, discernir e agir* em conformidade com a vontade de Deus Trino e Uno.

As leituras da celebração de hoje e a memória do santo jesuíta Pedro Claver nos oferecem enorme oportunidade para considerarmos o imperativo da Palavra de Deus sob a chave da *escuta, do discernimento e da ação*.

O apóstolo Paulo, na sua escrita aos colossenses, faz uma derradeira

VISITA
DO PE.
PROVINCIAL



**Pe. Mieczyslaw Smyda,
S.J.,**
Provincial da Província do
Brasil Centro-Leste

*Homilia da Celebração
Eucarística realizada
por ocasião da visita do
Revmo. Provincial ao Centro
Universitário da FEI.
São Bernardo do Campo,
09 de setembro de 2013.
Dia de São Pedro Claver.*

escuta da revelação de Deus em Cristo, para discernir qual deve ser sua presença missionária, segundo o amor e querer de Deus. Mas o faz isso na prisão, em Roma, sem expectativas de ser libertado.

A unidade tão intrínseca entre o corpo de Cristo, isto é, a Igreja, e o próprio Cristo, faz o apóstolo ousar dizer, com toda emoção, que tudo o que padece pelo bem da comunidade eclesial, completa o padecimento de Jesus Cristo e, em consequência, estará destinado também à sua glória. A união de corações e mentes a partir da fé e do amor, entre as comunidades cristãs que ele funda entre os gentios, traz para o apóstolo a certeza definitiva que ele tem de comunicar a todos os homens, o maior de todos os segredos revelados a que ele teve acesso. Trata-se do caráter universal da salvação realizada em Cristo. A glória e a esperança do evangelho, o amor e a misericórdia de Deus não são propriedade de uma só nação. O evento salvífico de Cristo – o modo de existir na fé, para Deus e para os demais, por Ele inaugurado – é tanto para os gentios como para os judeus.

Prisioneiro em Roma, Paulo fala da luta que sustenta pelas comunidades, para que sejam consoladas e unidas no amor. Mais do que um ato de amor, escrever-lhes é agir de acordo com o Espírito de Deus. Sua luta é vivida na oração, verdadeira agonia de alguém que não entrega os pontos diante das ameaças,

incertezas e da própria morte, mas têm consciência de que sua fidelidade a Cristo e à sua missão – ou o risco do abandono e da volta atrás – poderá confirmar ou destruir a fé dos outros. Não duvida da eficácia de seu zelo missionário, mesmo na prisão, porque sua confiança, ele a coloca toda em Deus.

Da mesma forma o evangelho de hoje, narrado por Lucas, nos traz o próprio Jesus submetido ao imperativo da Palavra. Não por acaso, o evento ocorre na sinagoga, no dia do sábado. Segundo a tradição da lei mosaica, o repouso do sábado era imperativo, podendo o infrator ser declarado réu de morte (Num 15, 32-36). Predomina a concepção religiosa e cultural do sábado segundo a criação do Gênesis, em que Deus descansou no sétimo dia e inaugurou o dia do repouso.

No tempo de Jesus, o sábado havia sido transformado na *lei do limite*, pelo legalismo da tradição oral (a *halaká*), a que se dedicavam os escribas. Cabia a eles definir o que era permitido ou interditado fazer, que não estava determinado na Escritura Sagrada: quantos passos o homem pode dar no dia de sábado; ou qual o peso máximo que podia ser levantado, para que não fosse trabalho. Não era permitido preparar a refeição naquele dia; assim como era interditado curar, a não ser quando havia perigo de morte. Criava-se, por outro lado, escapismos dessas proibições,

formas de contornar a *lei do limite*, por meio de vários tipos de casuísticos. Assim, se alguém deixava em um lugar alimento suficiente para duas pessoas, antes do pôr do sol de sexta-feira, aquele lugar passava tecnicamente a ser seu território de moradia quando chegava o sábado, o que lhe dava direito de caminhar outros dois mil côvados (900 metros). No dia do repouso, não era permitido tirar água do poço com corda e balde, porque era interditado dar nó na corda. Mas isso era permitido se fosse feita uma corda com cintos de mulher.

Acreditavam, assim, que viver sob o imperativo da Palavra era estar submetido a essas ilimitadas prescrições rituais. Cumprir o ritual, seguir minuciosamente as regulamentações, era ser perfeito e santo; era cumprir a vontade de Deus segundo a tradição.

Jesus jamais se filiou a esse tipo de pensamento e ação, próprio de uma religião que cria imperativos segundo a *lei do limite* à liberdade e que instaura o controle e a submissão, em nome do respeito à autoridade. O espírito que move Jesus é o da escuta do Pai, na oração, para discernir o que Deus quer que seja feito a cada momento. Ora, o Pai trabalha no sábado, porque o Pai é o Deus de Israel que escuta os clamores de seu povo e vem a seu favor, para gerar libertação e vida (Ex. 3, 7-8). Como Deus criador, enquanto o homem não estiver livre e em vida

plena, o projeto criador não está concluído e Deus não pode descansar. Por isso, no evangelho de João (5,16-17), Jesus replica aos legalistas do sábado: “Meu Pai, até o presente, continua trabalhando e eu também trabalho”.

Apenas Lucas diz que o homem tinha *a mão direita* atrofiada. Sugere, deste modo, que se tratava de um artesão, como fora Jesus e seu pai José. Um artesão que perdeu sua capacidade de trabalho não pode ter vida plena mendigando, privado de sua liberdade para garantir seu sustento. Não é por acaso que, diante da comunidade reunida para ouvir a Palavra, exercer a escuta que gera obediência, Jesus chama o homem para que venha para o meio, para o centro. Esta relação de Jesus com esse homem, de cura e libertação, é o paradigma da verdadeira escuta do Deus da Páscoa e da libertação. Pois a religião que Jesus inaugura não pede sacrifícios, mas misericórdia e amor. A religião do amor não coloca limites para o exercício da liberdade e da compaixão.

A compaixão e o amor pauparam a escuta atenta de São Pedro Claver, que, contraditoriamente à compreensão dominante da época colonial, aprendeu a ver nos escravos africanos a presença de Jesus que interpela toda liberdade



São Pedro Claver - Missionário dos escravos

humana na sua capacidade de exercer o amor e o cuidado.

Pedro Claver conviveu com o irmão jesuíta e santo Afonso Rodrigues, de quem foi grande amigo, durante os estudos de filosofia em Palma de Maiorca. Dele ouviu a preocupação com a falta de missionários a serem enviados para a América. Decidiu oferecer-se para o envio e chega a Cartagena, na Colômbia, em 1610. Ali aprendeu com o Pe. Sandoval a dedicar-se ao apostolado entre os escravos, ficando familiarizado com os barracões de negreiros. Ordenado presbítero, tornou-se padre deles, em número de mais de três milhares, maior do que a população dos espanhóis. Cabia a ele visitar e tratar velhos africanos abandonados, além ainda de cuidar de um leprosário. Sua dedicação aos negros africanos in-

comodava a outros jesuítas e espanhóis. Queixavam-se do mau cheiro que impregnava a igreja, com a presença dos escravos conduzidos por Claver, para que fossem incluídos na comunidade eclesial e pudessem participar da Eucaristia. Não por acaso, na sua assinatura da fórmula de sua Profissão solene na Companhia de Jesus, ele firma “Pedro Claver, escravo dos escravos negros para sempre”. Não era uma assinatura feita num rompante. Era fruto de escuta da Palavra de Deus e de discernimento.

Como Paulo, apóstolo dos gentios, que viu neles a universalidade da salvação operada por Cristo, Pedro Claver teve alma para enxergar nos negros escravos a humanidade criada e amada por Deus. Fez disso o sentido de sua vida de amor e serviço até o fim. Moribundo durante quatro anos, depois de debilitado por febre e acometido por uma paralisia, morreu coerente com o quis ser, servo de Jesus ao se fazer servo dos escravos.

No evangelho, aprendemos que ganha a vida aquele que a perde a serviço dos demais. Assim ensinou Jesus e viveu até a morte de cruz. Foi também assim com o apóstolo Paulo. Não foi diferente com Claver.

O amor está diante de nós, para nos reconhecermos nele e nos deixarmos transformar por ele. Amém. ▢

VISITA
DO PE.
PROVINCIAL

ACOLHIDA DO REVMO. PROVINCIAL, PE. MIECZYSŁAW SMYDA, NO CENTRO UNIVERSITÁRIO DA FEI

**Pe. Theodoro Paulo
Severino Peters, S.J.,
Presidente da FEI**

*Pronunciamento proferido
por ocasião da visita do
Revmo. Provincial ao
Centro Universitário da FEI.
São Bernardo do Campo,
09 de setembro de 2013.*

Ao dar as boas vindas ao Pe. Provincial em visita ao Centro Universitário, desejo cumprimentar a todos os representantes da Comunidade Universitária, expressando o otimismo que se irradia entre nós especialmente neste período letivo do abençoado ano de 2013, fomentado pela eleição do Papa Francisco. Surpresa agradável. Sua história na Companhia de Jesus, sua missão em Buenos Aires, seus gestos e atitudes envolveram a todos nós. Sentimos

a sintonia imediata de quem se aproxima de alguém que sempre esteve tão próximo, tão identificado, que nos envolve naturalmente de modo mais íntimo com a Igreja universal. A Igreja para muitos deixou de ser algo longínquo, inacessível, mas se torna nossa casa, nossa responsabilidade, porque Francisco nos faz sentirmo-nos melhores e mais capazes de fazer o bem ao falar a nossa linguagem, ao desafiar cada um a dar passos para revelar publi-

camente a pertença no caminho de Jesus. Ele torna fácil o impossível. Sua palavra decodifica e torna atual a proclamação da Boa Nova para a humanidade. A facilidade de trânsito de um tema a outro, expressando empatia para tantas situações limites. Urgindo romper os limites, ultrapassar fronteiras culturais e sociais, espirituais e morais, para ir à periferia da vida na qual se marginalizam tantas pessoas, imagens e semelhanças de Deus.



Da esquerda para a direita: Pe. Theodoro P. S. Peters, S.J., Prof. Dr. Fábio do Prado, Pe. Manuel Madruga, S.J., Pe. Mieczysław Smyda, S.J., Profa. Dra. Rivana B. F. Marino, Prof. Dr. Marcelo A. Pavanello e Pe. Paulo D'Elboux, S.J.

Francisco veio ao Brasil, esteve em Aparecida, santuário nacional, e no Rio de Janeiro. Em Aparecida, demonstrou apreço e devoção à Mãe de todos os brasileiros, a Santa Virgem. No Rio, a Cidade Maravilhosa da Fé e da Esperança, na convergência da juventude mundial, expressando amor pelos jovens, pelos filhos e filhas, ganhou o amor dos pais e familiares, sendo acolhido e buscado em todas as trajetórias nas quais se envolvia para vir ao encontro do povo, do nosso povo, da humanidade representada universalmente. Falou, e como falou. Buscou interlocutores de todos os níveis de articulação político, social, eclesial. Falou para o mundo. Encontrou e foi encontrado por multidões. Aproximou-se como Pastor de seu rebanho, envolvido pelas massas, abraçando e cuidando com o carinho que Deus lhe segredou.

Francisco fez a diferença. Trouxe água para a sede espiritual e ética. Mostrou que servir se torna autoridade para transformar as atitudes. Ao povo cansado e impaciente diante de descaso oficial, testemunhou ser a fé e a esperança o caminho para a verdade do amor

coerente. Com sua presença o mundo pareceu melhor, as atitudes mais naturais e possíveis, a indiferença se confundiu com a mediocridade.

O nosso otimismo decorre de participarmos na grande atividade fim: a formação da juventude em plenitude. Contribuímos para algo



maior que mesmo nos supera: ajudar as pessoas a se tornarem melhores através do dia a dia em atividades nas quais cada uma desenvolva suas qualidades, irradie suas luzes, neutralize seus defeitos, compense suas sombras, distinga-se e coopere na reciprocidade em busca do melhor. As pessoas são vocacionadas

ao pleno desabrochar de si e à plena cooperação para a realização do Bem Comum, o cuidado com a criação e o bem estar de toda a sociedade. Buscamos a cooperação entre todos, através de um clima em que as pessoas precisam se superar, vencendo o narcisismo original e assumindo o altruísmo, reconhecendo que é bom ser bom em toda e qualquer circunstância. Os valores humanos profundos não se negociam, devem ser testemunhados.

Nosso otimismo se efetua porque o beneficiário de nosso serviço é o bem do povo. Todos nos sentimos parte da instituição. Há espaço para discernimento e propostas de futuro. O CEPEX (Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão) é termômetro e interlocutor privilegiado na comunidade universitária. Creio ser possível afirmar que institucionalmente o Centro Universitário gera atitudes diante de Deus, das pessoas, pelo modo de ser e proceder de seus integrantes. Assumindo plenamente a missão fundadora na área da cultura e da tecnologia que a Igreja, pela mediação da Companhia de Jesus, nos confia e confirma. Bem vindo ao nosso meio. ▢

Decretos da Congregação Geral XXXIV da Companhia de Jesus

D. 17: A Companhia e a Vida Universitária

11. Uma universidade da Companhia há de distinguir-se por sua oferta de formação humana, social, espiritual e moral, assim como pela atenção pastoral a seus alunos e aos diversos grupos de pessoas que nela trabalham ou com ela se relacionam.

Fonte: COMPANHIA DE JESUS. *Jesuítas e Leigos: Servidores da Missão de Cristo*. São Paulo: Loyola, 1997, p. 115.

**Pe. Mieczyslaw Smyda,
S.J.,**
Provincial da Província do
Brasil Centro-Leste

*Alocução do Revmo.
Provincial em visita à FEI.
São Bernardo do Campo,
09 de setembro de 2013.*

MENSAGEM DO PROVINCIAL AO CENTRO UNIVERSITÁRIO DA FEI

Para mim é uma grande honra e uma grande responsabilidade estar mais uma vez com vocês, presidente da Fundação Pe. Peters, Reitor Prof. Fábio, diretoria, corpo docente e funcionários da FEI. Neste momento em que sou chamado a lhes dirigir a palavra, me pergunto se não seria mais justo e verdadeiro que estivesse aqui não para ocupar este lugar na tribuna, mas para fazer a escuta atenta, aprender com vocês a partir da longa experiência de ensino que esta importante instituição acadêmica tem acumulado ao longo dos muitos anos de sua existência, nas suas diversas áreas de conhecimento.

De todo modo, ao ter de ocupar esse lugar na tribuna para dirigir-lhes a palavra, busquei inspiração na experiência de vida de nosso Pai, Santo Inácio de Loyola, mestre da escuta atenta, do discernimento dos espíritos e da ação em conformidade com vontade de Deus.

No início de sua conversão, Inácio não manifestava qualquer interesse particular pelo estudo. Preocupava-se mais com o que



Vitral Capela Santo Inácio de Loyola - Centro Universitário da FEI
São Bernardo do Campo - SP

devia ser e fazer. A mudança de postura ocorre quando ele é obrigado a retornar de sua viagem a Jerusalém, impedido de realizar seu firme propósito de viver na Terra Santa. Repensa sua vida e se questiona sobre o que Deus quer dele. Movido pelo desejo de oferecer os Exercícios Espirituais a outras pessoas e pressionado pela

Inquisição, que questiona sua falta de teologia, ele sente a necessidade de estudar para “ajudar as almas”. A esse respeito, na época em que era Geral da Companhia de Jesus, Pe. Kolvenbach observava que “o compromisso de Inácio com o saber e a cultura de seu tempo é uma resposta ao ‘que devo fazer por Cristo’ dos Exercícios” (Exercícios n. 50; pronunciamento sobre *A Companhia de Jesus e os inícios do Humanismo*, Roma, setembro de 2002). Foi esta decisão que levou Inácio a entrar em contato com o ambiente universitário em Alcalá, Salamanca e, mais tarde, em Paris. É em ambiente universitário que a Companhia brota em seus primórdios, para ser o corpo apostólico que se tornou mais tarde.

É esse compromisso entre o estudo e o “ajudar as almas” segundo o imperativo do “que devo fazer por Cristo”, que me leva a adotar, com humildade e cuidado, a postura do Escriba instruído sobre o Reino de Deus, que como pai de família, tira de seu alforje coisas novas e velhas (Mt 13,52).

O sentido que busquei para esta alocução, própria de um pai que ama sua família eclesial e o Reino de Deus, se desdobra em dois acontecimentos importantes, a que esta minha visita não poderia deixar de se referir.

O primeiro é a celebração do bicentenário da Restauração da Companhia de Jesus – de 1814-2014 – que tem como slogan “Dois períodos de uma mesma história, num mesmo Espírito”. Esta é uma ocasião que o nosso Pe. Geral Adolfo Nicolás considera importante para se aprofundar o conhecimento da história da Companhia, principalmente nos anos de 1760 a 1820, e promover uma reflexão orante sobre o nosso passado, que torne possível um serviço mais eficaz da Companhia no futuro.

Para aprofundar e responder questões sobre o tema, em nossa Província vamos promover um Simpósio Nacional, em São Paulo, sobre o bicentenário da Restauração da Companhia, nos dias 08, 09 e 10 de maio de 2014. A programação desse evento será publicada em breve.

O segundo é a passagem do Papa Francisco pelo Brasil, na ocasião da Jornada Mundial da Juventude, ocorrida no mês de julho passado, no Rio de Janeiro. Não obstante se tratar de um papa recém-empossado e em sua primeira visita oficial, Francisco encantou a católicos, cristãos de outras igrejas e pessoas não crentes, pela

sua maneira simples, sua espontaneidade, pela sua visão eclesial e pastoral adotada em sua conduta e em seus pronunciamentos.

1. O Bicentenário da Restauração da Companhia



Se alguém me perguntasse agora por que a Companhia de Jesus foi extinta por breve papal assinado pelo Papa Clemente XIV, em 21 de julho de 1773, não poderia receber uma resposta simples, clara, concisa, que deixasse a pergunta plenamente atendida. Não há uma única resposta; tampouco que seja plenamente esclarecedora. Daí a importância de abrir o tema para a pesquisa e o debate, que nos ajude a explicar o passado para preparar o futuro, como nos pede o Pe. Geral.

Há um primeiro ponto a observar. Diferente de todas as outras ordens e congregações religiosas fundadas antes e depois da Companhia, a Ordem Inaciana fez diferença numa postura notável,

que a marcará em todo o seu modo de proceder desde a sua fundação e aprovação papal, em 1540. Não nasceu a Companhia de Jesus para um trabalho, uma missão específica, nem com um estilo de vida conventual, mas, desde o início, formou-se como corpo apostólico a serviço da Igreja e do Papa, para ser enviado em missão a qualquer parte do mundo, se inserir nas realidades sociais e culturais de qualquer época e lugar, e fazer do Evangelho uma realidade viva, transformadora e encarnada nas culturas.

Foi com esse espírito que Francisco Xavier foi enviado às Índias, Matteo Ricci e Miguel Ruggier à China, Manoel da Nóbrega e José de Anchieta ao Brasil, Pedro Claver à Colômbia, para mencionar alguns poucos exemplos.

Se a missão da Companhia, desde o início de sua fundação, teve um caráter universal e de inserção em todas as realidades humanas, foi em decorrência de sua espiritualidade profundamente arraigada no mistério da Encarnação, a partir do qual decorre sua compreensão positiva das realidades terrestres e humanas. Inácio nos deixou o legado espiritual de “ver Deus em todas as coisas, e todas as coisas em Deus” e o imperativo de “em tudo amar e servir”, na perspectiva do bem maior e mais universal.

Foi com esse espírito que Manoel da Nóbrega, em 1549, e José de Anchieta, em 1553, aportaram

no Brasil. Eles e os demais jesuítas do Brasil Colônia foram pioneiros na tentativa de criar um sistema adaptado, embora voltado para a assimilação cultural, da pastoral aos novos sujeitos destinatários de sua missão catequética.

Era certo, os jesuítas não vieram para a Colônia para condescender com os reinóis nem com os clérigos que encontraram – aos quais criticavam pela falta de conduta moral –, mas para estruturar na Colônia uma nova cristandade, livre dos males religiosos e morais da sociedade portuguesa deixada para trás.

O realismo adaptativo dos jesuítas despertaria inúmeras reações tanto na Colônia como na Metrópole, pois, adaptando os métodos em defesa do trabalho catequético, os inacia-

nos pareciam situar-se remando contra a corrente de um certo tipo de tradição ortodoxa dominante. Adaptar e usar a criatividade eram imperativos para esse trabalho na Colônia. Nóbrega, por exemplo, escreve ao provincial de Portugal da época, Pe. Simão Rodrigues, para pedir permissão para fabricar hóstias de tapioca, o pão dos índios: branco, sem fermento e comumente preparado de forma arredondada, tudo o que uma hóstia

devia ser, numa terra em que não havia trigo. A resposta veio negativa, infelizmente. Da mesma forma, adaptavam a prática sacramental da confissão aos nativos, por meio de intérprete bilingue. Anchieta se dedicava a escrever seus autos, para encenar a fé às crianças nativas e debochar do poder dos pajés. Não somente poesia, teatro, música e



Jesuítas catequizando índios

Fonte: http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/iconograficos/Jesuítas_catequizando_indios.jpg

dança, mas o conjunto todo articulado no evento único de procissão.

A constância desse pragmatismo apostólico dos jesuítas para catequizar e assimilar os índios à civilização cristã dos brancos custou-lhes resistência, incompreensão e intolerância cada vez maiores dos colonos portugueses, que viam nos nativos a mão de obra fácil e disponível, de que necessitavam para os trabalhos nas fazendas.

A tendência desde o início

foi de distanciar os aldeamentos criados pelos jesuítas das vilas e fazendas dos portugueses, em nome da preservação da vida e da liberdade dos índios. Entretanto, o mesmo zelo e interesse humanístico não se manifestavam quando se tratava dos negros africanos, trazidos primeiro para a lavoura da cana de açúcar e, posteriormente,

para a mineração. A escravidão terminava por ser aceita como mal necessário para a vida e a exploração da Colônia. Era comum que os jesuítas abrigassem escravos negros e alguns índios nas fazendas, ainda que em minoria.

Aldeamentos de um lado, colégios e fazendas de outro, desde a criação do colégio em Piratininga, raiz da cidade de S. Paulo, em 25 de janeiro de 1554,

os jesuítas do final do século XVI tinham estruturado sua ação missionária por meio da educação, da catequese e da atividade missionária que adentrava o território tanto para o Norte, como também para Oeste.

Os colégios serviam de apoio para os aldeamentos. Destacavam-se os colégios da Bahia, Rio de Janeiro e Pernambuco. De todo modo, as missões jesuítas atraíam missionários a virem para atuar no

Brasil, seja nos interiores como nos colégios das cidades. Vários foram martirizados a caminho, como o Beato Inácio de Azevedo e os 40 Mártires do Brasil, no mar, abordados por calvinistas em 1570, e outro grupo de 12 jesuítas, executado um ano depois. Outros, no trabalho missionário na Colônia, por índios inimigos, franceses e holandeses.

No século XVII, a estratégia dos jesuítas de reunir os índios guaranis, então dispersos em pequenas aldeias e que espontaneamente buscavam refúgio entre os religiosos para fugir dos dominadores espanhóis e dos bandeirantes, foi induzindo a uma nova empreitada e estratégia muito bem sucedidas, que resultaram nas construções das Reduções, verdadeiras cidades mais urbanizadas do que as cidades espanholas das colônias. Espalhada na bacia dos rios Paraná e Uruguai, a República Guarani foi um intento genial, que acabou se tornando um *Estado* dentro do Estado, pela autonomia que gozava da Coroa Espanhola na administração e na economia, em território que se estenderia hoje ao Paraguai, Argentina, Brasil e Uruguai.

A experiência bem sucedida no Sul, por mais de um século, também repercutiu no Norte do Brasil, muito certamente pela troca de correspondência e informações entre os jesuítas. Foi também no início do século XVII que os jesuítas se mobilizaram em missão no

Ceará, Piauí, Maranhão e Pará. As residências criadas em São Luís (1622) e em Belém (1626) deram origem a colégios, a partir dos quais as atividades missionárias se irradiavam até as aldeias pelo alto Amazonas.

Nas Reduções, os jesuítas armaram e treinaram os guaranis a atirar, diante da ameaça constante dos caçadores bandeirantes e da armada espanhola. Também um aldeamento do Maranhão chegou a dispor de seis mil índios armados, em nome de sua autodefesa. Não por acaso os conflitos entre os reinóis e os jesuítas foram constantes, e se intensificaram. No caso de Antônio Vieira, apesar de sua habilidade diplomática e grande oratória, ele não conseguiu evitar ser expulso do Pará, pelos colonos, e acusado e preso pela Inquisição.

Essas pinceladas históricas mostram o quanto a prática jesuítica englobava o conjunto da vida social, indo da ação missionária de intervenção à prática educativa tão esmerada na Colônia como a dos colégios na Europa. No Velho Continente, como muitos eram educadores nas cortes e diretores espirituais de reis, isso permitia que deles se tivesse uma imagem de influência, prestígio e poder maior do que a realidade. Outros nobres se opunham a eles, por considerá-los demasiadamente *soldados do Papa*. Acreditavam os jesuítas, de todo modo, que servir

espiritualmente ao rei na corte era ajudar a ordem do mundo querida por Deus, a formar espiritualmente os que governavam em Seu Nome, para que agissem segundo a justiça divina e ordem da cristandade e da Igreja.

Nos séculos XVII e XVIII, a Companhia de Jesus se envolveria ainda nos debates sobre a graça e a predestinação com os dominicanos, enfrentaria tensões com a Santa Sé sobre os ritos chineses e malabares, e sobre as reduções do Paraguai, que estiveram na origem do conflito com as coroas portuguesa e espanhola. Fatores que também pesaram nas intrigas e conspirações contra a Companhia, que contribuíram para a sua supressão.

A expulsão dos jesuítas e a supressão da Companhia

O surgimento de Sebastião José de Carvalho e Melo, feito Marquês de Pombal, desencadeou um processo de perseguição e calúnia contra os jesuítas, até então nunca visto ou imaginado, que se estendeu à Espanha e França, até a extinção da Companhia por Clemente XIV.

Ministro do rei José Manuel I de Portugal, Pombal ordenou a seu irmão Mendonça Furtado, governador do Maranhão, que ab-rogasse todo poder temporal dos jesuítas nas aldeias, além de decretar que todos os aldeamentos criados

pelos jesuítas fossem convertidos em vilas, proibindo o uso da Língua Geral – adaptação jesuítica da língua tupi que se praticava por várias partes do território da Colônia – e obrigando que o único idioma a ser falado na Colônia fosse o português.

O Marquês temia a competência econômica de gestão dos jesuítas e sua capacidade intelectual de “ensinar a pensar” e a agir segundo a liberdade evangélica. A seu mando, todos os livros escritos por jesuítas, onde quer que fossem encontrados, foram queimados. A perseguição ocorreu também em relação à memória dos santos da Companhia, que mandou banir dos breviários, inclusive a de Santo Inácio de Loyola.

Em Portugal, os jesuítas foram acusados de terem tomado parte no atentado contra D. José, em 1759. E por ocasião do terremoto que assolou Lisboa, a ira se inflamou contra toda ação missionária dos jesuítas até desabar sobre o jesuíta missionário popular do Nordeste brasileiro, Pe. Gabriel Malagrida. O Marquês fez com que Malagrida fosse julgado e condenado pela Inquisição, em Portugal, como herege, e ser queimado vivo em praça pública de Lisboa. Conta a tradição que seu coração foi lançado ao mar, por ter resistido às chamas.

A consequência de tamanha força e perseguição, sustentadas por inúmeras calúnias contra os

jesuítas, só podia ser a sua expulsão do Brasil, em 1760, a não ser que renunciassem ser jesuítas. Deportados para a Metrópole, os jesuítas foram novamente embarcados em navios cargueiros para serem descarregados nos Estados Pontifícios, onde foram acolhidos por Clemente XIII, defensor e admirador da Companhia.

Da França do Iluminismo, sob o domínio dos Bourbons, os jesuítas foram expulsos em 1764; da Espanha em 1767, e seus bens confiscados.

Se o Papa Clemente XIII resistiu às pressões e calúnias, seu sucessor não teve a mesma estrutura para suportar. A conspiração contra os jesuítas se apoiava em volumes de acusações infundadas, que se espalharam pelas cortes dos Bourbons, a ponto de colocarem para o Papa o dilema de suprimir a Companhia de Jesus ou assistir a derrocada da França, Espanha, Portugal, Nápoles e Parma, num cisma que poria fim à unidade da cristandade.

O desfecho foi a assinatura do Breve *Dominus ac Redemptor*, de 21 de Julho de 1773, pelo qual a Companhia foi supressa.

É conhecido o momento histórico a que se segue a supressão. Para ter efeito, o Breve pontifício tinha de ser promulgado localmente, o que não ocorreu na Silésia (parte da atual Polônia, República Checa e Alemanha) e na Rússia Branca, graças a Frederico II

(até 1780) e Catarina II. Na Rússia Branca (Bielo-Rússia e parte da Polônia), os jesuítas aceitaram novíços com a aprovação de Pio VI e Pio VII.

Pio VII restaurou completamente a Companhia, com a assinatura da bula *Sollicitudo Omnium Ecclesiarum*, que revogava o Breve de supressão.

Esse breve panorama permite vislumbrar o quanto a história da Companhia é incompreensível sem o *sentir com a Igreja e na Igreja*, importante legado de nossa espiritualidade, a partir de Santo Inácio.

O Papa Francisco na Jornada Mundial e algumas questões pra pensar



Selo comemorativo da visita do pontífice ao Rio de Janeiro

Não deixa de ser um tanto paradoxal que a aproximação do bicentenário da Restauração da Companhia coincida com a eleição de um Papa jesuíta, escolhendo o nome de Francisco, pela sua identificação com São Francisco de Assis. Houve quem pensasse que, por desforra,

o cardeal Bergoglio escolheria ser chamado de Clemente XV.

Desde que tomou posse, o Papa Francisco tem causado muitas gratas surpresas e novo ânimo na fé a uma grande maioria de católicos e cristãos de outras igrejas. Tem também recebido a simpatia de não-crentes, pela sua autenticidade.

O lugar escolhido por Francisco para conceber e realizar sua missão como Papa – sua vinda ao Brasil pela Jornada Mundial confirma isso – tem sido aquele com o qual se comprometeu o Documento de Aparecida, para anunciar e testemunhar a fé em Jesus Cristo de forma renovada, na continuidade de sua opção preferencial pelos pobres e pelas periferias, a renovação pastoral das paróquias como “comunidade de comunidades” evangelizadas e missionárias, e o “amadurecimento no seguimento de Cristo e a paixão por anunciá-lo”, que requerem renovado ardor missionário.

Esta perspectiva está explicitada em vários de seus pronunciamentos. Manifesta-se em sua homilia em Aparecida (24 de julho de 2013), quando reconhece a Conferência do CELAM como “um grande momento de vida de Igreja. E, de fato, pode-se dizer que o Documento de Aparecida nasceu justamente deste encontro entre os trabalhos dos Pastores e a fé simples dos romeiros, sob a proteção maternal de Maria”.

Gostaria de destacar essa perspectiva da dialética do “encontro”, de que nos fala o Papa Francisco. Ele se fez um Papa peregrino, para confirmar a vocação e convite a todo cristão de ser discípulo missionário, cuja identidade o leva a viver na permanente perspectiva do encontro e do diálogo, “o encontro com o Mestre (que nos unge discípulos) e o encontro com os homens que esperam o anúncio”, e cuja posição não é de centro, mas de periferias. “O discípulo é enviado para as periferias existenciais”.

Em coerência com essa perspectiva missionária, o Papa assume a conduta de pastor, sem suntuosidades, apontando para a necessidade da Igreja se manifestar ao mundo de modo despojado, humilde, fiel aos princípios evangélicos e com retidão ética.

Aos dirigentes do CELAM (sábado, 28 de julho de 2013), critica o caráter demasiadamente institucionalizado da Igreja: “Quando ‘de Instituição’ se transforma em ‘Obra’. Deixa de ser Esposa, para acabar sendo Administradora; de Servidora se transforma em ‘Controladora’. Aparecida quer uma Igreja Esposa, Mãe, Servidora, facilitadora da fé e não controladora da fé”.

Embora a instituição seja supor-te importante para a missão, não pode ser um fim nela mesma. Nesse ponto, para um jesuíta, o Papa é transparente em suas raízes iniciais. Pois de nossa espiritualidade

decorre que a nossa identidade é dada pela missão, pelo envio como “discípulo missionário” a serviço do Evangelho.

A dialética da missão, como explicita o Papa várias vezes, é a dialética do encontro na acolhida e no diálogo: encontro dos discípulos com Jesus; dos bispos com seus rebanhos; dos cristãos com fiéis de outras crenças, e assim por diante.

Foi Martin Buber quem melhor explicitou essa dialética do encontro, segundo a máxima de que “torno-me Eu no Tu”. Sem alteridade, sem relação dialogal e aberta com o outro, não pode haver propriamente uma identidade. Somente uma instituição fechada nela mesma pode acreditar que já possui sua identidade, de uma vez para sempre.

Ora, é esse o gancho que queria partilhar aqui com vocês, de pensar algumas questões sobre a identidade de uma instituição acadêmica de alto nível como a FEI, para que, em nome de sua missão, ela atenda ao quesito da *profundidade* de que tanto fala Pe. Adolfo Nicolás.

Em seu pronunciamento no encontro “Redes para a Educação Superior Jesuíta: configurar um futuro para um mundo humano, justo, e sustentável”, ocorrido no México, em 23 de abril de 2010, Pe. Geral Adolfo Nicolás se referiu a uma globalização da superficialidade, do pensamento superficial, que leva ao distanciamento da realidade¹. A

¹ Trechos da palestra do Pe. Geral aqui referida foram publicados nos Cadernos da FEI, n. 13, 2011, p. 61-65 (N. Ed.)

realidade é o ponto de partida da espiritualidade inaciana, em consequência do mistério da Encarnação, no qual somos levados sempre a partir da realidade do mundo para ver como Deus é presença e atua nele. O pensamento superficial, ao contrário, espalha o reinado do fundamentalismo, do fanatismo, da ideologia e de todas as formas de pensar que causam muito sofrimento a tantas pessoas. Sem o olhar analítico e crítico da realidade, torna-se praticamente impossível sentir e exercer a compaixão pelos outros, além de gerar incapacidade para comprometer a própria vida por alguma grande causa a serviço dos demais.

A falta de comprometimento e envolvimento com a realidade gera desumanização, ao gerar a perda da própria cultura e dos pontos referenciais mais importantes. Por estas razões o Pe. Geral acredita que a globalização da superficialidade desafia a educação jesuíta a buscar a profundidade e imaginação, característicos da tradição inaciana, por meio de novas formas criativas de experiências de encontro e educação. A questão não é a de formar pessoas profissionais com competência somente, mas acima de tudo pessoas “com uma solidariedade bem informada”. A busca da profundidade supõe também o exercício da imaginação, que não é fuga, mas mergulho na realidade, para recriá-la e transformá-la. O

fato de uma coisa ser feita sempre do mesmo modo é um excelente motivo para que seja feita de modo diferente.

Santo Inácio, quando propõe a oração de contemplação de uma cena evangélica, instrui o exercitante a decompor a cena, pelo ver, cheirar, ouvir, tocar. “A imaginação inaciana – insiste Pe. Nicolás – é um processo criativo que atinge o fundo da realidade e começa a recriá-la”. A partir disso, gera uma atitude de envolvimento com o real e transforma a pessoa; abre-lhe possibilidades de se comprometer e ser solidária. Por isso a pedagogia da espiritualidade inaciana se aplica a todo processo educativo dos jesuítas, para gerar imaginação educativa, criatividade e análise crítica. A criatividade verdadeira possui o dinamismo de buscar respostas a perguntas reais e alternativas para um mundo destruído, que caminha sem rumo e controle.

Hoje vemos predominar a tecnociência, como instância que cada vez mais define os rumos da vida social no Ocidente, gerando muitos ganhos mas também enormes perdas, porque não é possível superar-mos as grandes crises civilizacionais em que nos metemos somente por inovações tecnológicas. Pensem em mais de um bilhão de seres humanos vivendo abaixo da linha da pobreza; na mudança climática e no aquecimento global; na concentração da riqueza e no agravamento

da pobreza; no comprometimento da conservação e reprodução dos ecossistemas, nas milhares de toneladas de lixo produzidas por dia; nas tensões crescentes nos países do Oriente Médio.

É preciso pensar nas periferias do mundo, como propõe o Papa, fazendo aproximar as Ciências Tecnológicas das Ciências Humanas e, nesse ponto, esta instituição FEI pode desempenhar um papel sempre inovador.

Pois cada vez mais a civilização ocidental atribui às novas tecnologias a base de sua confiança no futuro e a solução para seus problemas. Substituiu a sociedade civil, como instância produtora de utopias. Pensar em profundidade os saberes tecnológicos devia implicar a recusa de ocupar esse lugar hermenêutico de produção de sentido para o futuro, para abrir uma ampla discussão sobre a condição humana no planeta e os rumos da crise civilizacional em que estamos, com as outras áreas do conhecimento, para recolocar a sociedade civil e os movimentos sociais no centro do debate definidor das utopias.

Pois sem as utopias, sem os sonhos que nos mobilizam para um outro mundo possível, sem profundidade e imaginação, será inútil o avanço tecnológico que não leva em conta a humanização do ser humano e a confirmação de sua vocação como ser para a liberdade.

Muito obrigado. ▢



Estamos comemorando os 200 anos da Restauração da Companhia de Jesus, supressa de 1773 a 1814. E é preciso recordar, comemorar e celebrar em todas as partes do mundo em que a Companhia, hoje, está presente.

Nas suas Constituições, a Companhia de Jesus entende a sua missão como "ajuda":

O fim da Companhia não é somente ocupar-se, com a graça divina, da salvação e perfeição das almas próprias, mas, com esta mesma graça, esforçar-se intensamente por ajudar a salvação e perfeição das do próximo.

A novidade em relação a outras ordens com fortes obrigações conventuais internas, é que a Companhia de Jesus se insere no mundo e, por isso, lida com situações contraditórias. Valores humanos verdadeiros como: *"faça aos outros o que deseja receber deles, reciprocamente evite para os outros o que deseja que*

seja evitado para si", são negados ou camuflados, prejudicando pessoas, povos, gerando perseguições em muitos níveis: os atritos com colonos e bandeirantes, com as autoridades civis e até mesmo eclesiásticas, pela defesa da dignidade e liberdade de indígenas e africanos.

A Contemplação da Encarnação [EE. 101-109] é, na visão inaciana, a resposta de Deus à situação histórica do mundo e a pretensão utópica do ser humano de sair da sua finitude e de seu fracasso radical. É entrada de Deus na situação de debilidade da humanidade, situação da qual a própria humanidade, por si mesma, não poderia sair. A encarnação do *Filho, Palavra de Deus*, dá sentido a todas as coisas. Tudo tem um sentido e este sentido é luminoso e vivificante. Nada ofusca o amor solícito de Deus: a obscuridade da situação presente da humanidade, a tragédia humana

que é companheira inseparável da história da humanidade, as provações da Igreja, nem as situações absurdas nas quais se encontrou e se encontra o mundo. No fundo de tudo, brilha o Evangelho da Luz assegurando a razão luminosa e vivificante de toda a realidade criada e suas limitações e contradições.

A Contemplação da Encarnação nos faz compreender que nenhuma de nossas aflições, nenhum grito da humanidade cai no vazio. Deus se inclinou e se abaixou em direção à nossa humanidade. Deus fez da causa da humanidade a sua causa e, portanto, da sua vida divina a nossa salvação. A encarnação do Verbo de Deus é o fundamento do humanismo cristão. É por isso que a Companhia de Jesus está, como sempre esteve, a serviço das pessoas. A doutrina, os jesuítas sempre souberam adaptá-la às circunstâncias de tempo e lugar. Ajudar não é um tema entre outros, mas a razão de ser da Companhia de Jesus.

Para a celebração do Bicentenário da Restauração da Companhia de Jesus, o Pe. Adolfo Nicolás, seu Superior Geral, escreveu aos jesuítas, motivando-os a que esses duzentos anos fossem bem comemorados. Trata-se de reler um fato que marcou não somente a história da Companhia de Jesus, mas ficou como marca, ainda que cicatrizada, de um estigma, na própria vida da Igreja.

A Companhia de Jesus foi quase

COMPANHIA DE JESUS



Pe. Carlos Alberto Contieri, S.J.,
Diretor do Pateo do Collegio e do Museu de Arte Sacra dos Jesuítas em Embu das Artes - SP

COMPANHIA DE JESUS

toda ela extinta de 1773 a 1814. Quase toda extinta porque permaneceu na Rússia, uma vez que a czarina Catarina II não promulgou, no seu reino, o documento da extinção, o Breve de Clemente XIV *Dominus ac Redemptor*, protegendo, assim, a Companhia de Jesus e permitindo a entrada em seus territórios de outros jesuítas oriundos de outras partes da Europa.

Um dos traços do modo de proceder da Companhia é a profun-

didade no engajamento da missão que é, antes de tudo, *missio Dei*. Profundidade espiritual e intelectual que permite estar nos “lugares físicos e espirituais, aonde outros não chegam ou têm dificuldade de chegar” (Alocução do Papa Bento XVI aos membros da CG XXXV).

A oportunidade de celebrarmos o Bicentenário de restauração da Companhia de Jesus é para nós todos de grande ajuda para uma sempre maior profundidade na renovação

espiritual de toda a Companhia e audácia inspirada e criativa no serviço do Evangelho de Jesus Cristo.

As comemorações do Bicentenário exigirão um empenho para difundir o conhecimento da história da Companhia, sobretudo no período imediatamente anterior à sua supressão até um pouco depois de sua restauração, em 1814, pelo Papa Pio VII, através da Bula *Sollicitudo Omnium Ecclesiarum*. Será necessário aprofundar, através de várias iniciativas e em

BANERS COMEMORATIVOS



Santo Inácio



Padre Pedro Ribadeneira, SJ (1599)

Fundação



Dispersão

Fonte: www.bicentenariosj.com.br

diferentes âmbitos (simpósio, obra, comunidade, grupos de estudo), nossa compreensão deste período.

Além disso, é preciso um olhar iluminado pelo Espírito para promover uma reflexão profundamente racional e espiritualmente discernida que nos permita “tirar proveito” deste período de nossa história. A oportunidade de celebrarmos os duzentos anos de restauração da Companhia de Jesus é ocasião especial de, como afirma

o P. Adolfo Nicolás, “aprender do passado”, pois esse aprendizado “é uma maneira de reconhecer nosso lugar na história da salvação como companheiros de Jesus, que redime por inteiro a história humana”.

Um filósofo brasileiro, ex-aluno de um colégio da Companhia, como muitos outros, escreveu num jornal de grande circulação no Brasil:

“Estudei anos num colégio jesuíta. Graças aos padres, aprendi a coragem intelectual, o gosto pelas letras, o valor

da liberdade religiosa, o esforço de pensar de modo claro e distinto, o respeito pelas meninas, ao mesmo tempo em que crescíamos num ambiente em que o Eros nunca foi demonizado; enfim, só tenho boas coisas para dizer dos meus anos de escola jesuíta”.

Espero que essa seja também a experiência e juízo de todos que configuram a nossa comunidade universitária: docentes, pesquisadores, discentes, corpo funcional e toda vizinhança na qual se insere! □

BICENTENÁRIO DA RESTAURAÇÃO

“Neste porto, onde outrora tantos pregadores evangélicos costumavam partir para África, Ásia e América, vêm agora ancorar as naus carregadas de missionários que voltam das missões. (...) como que fulminados por um raio, com estupefação do povo cristão, eles são obrigados pelas autoridades dos reis a abandonar o seu campo apostólico. Eles, que nunca deixaram de ser os defensores da paz e da concórdia!”

Defesa apresentada pelo Padre Malagrida ao Papa Clemente XIII (1758)



Supressão

“Por quanto podemos no Senhor, exortamos a todos e a cada um, superiores, prepositos, reitores, companheiros e alunos desta restabelecida Companhia a mostrar-se em cada lugar e tempo fiéis seguidores e imitadores de seu tão grande pai e fundador, a observar exatamente a regra por ele redigida e prescrita, e a procurar seguir com sumo fervor os avisos e conselhos por ele deixados a seus filhos.”

Bula Sollicitudo omnium ecclesiarum do Papa Pio VII (1814)



Não imagine: Padre José Pignatelli SJ

Restauração

“Em nossos dias, além das fronteiras geográficas, há todos os tipos de fronteiras que devem ser franqueadas, não somente para chegar com o que todavia não entramos em contato, como também para superar todas as limitações naturais nas quais temos sempre perigo de nos omitir, de faltar abertura às mudanças do mundo e o esquecimento de sua diversidade... Os jesuítas e os que trabalham com eles, devem estar preparados para ir a estas fronteiras...”

Padre Adolfo Nicolás SJ (2009)



Oficina da Companhia de Jesus no Brasil

Hoje



Pe. Danilo Mondoni, S.J.
Mestre em História da Igreja pela PUG-Roma, professor associado na FAJE-BH, professor de História do Cristianismo na Faculdade de São Bento e no Museu de Arte Sacra de São Paulo e editor adjunto de Edições Loyola.

BICENTENÁRIO DE RESTAURAÇÃO DA COMPANHIA DE JESUS

Em 15 de agosto de 1534, na capela de Montmartre em Paris, Inácio de Loyola e seis colegas da universidade conquistados pelos Exercícios Espirituais – Pedro Fabro (saboiano), Francisco Xavier (navarro), Simão Rodrigues (português), Diego Laínez (castelhano), Afonso Salmerón (toledano) e Nicolau Bobadilla (castelhano) – fizeram votos de pobreza e castidade e a promessa de peregrinar a Jerusalém. Ao terminarem os estudos, os “amigos no Senhor” ordenaram-se sacerdotes e colocaram a vida a serviço de Cristo e seu Reino e se puseram à disposição do Papa para serem enviados a qualquer lugar do mundo onde houvesse maior necessidade.

Reconhecida pela Igreja e aprovada oficialmente pelo Papa Paulo III em 27 de setembro de 1540, a Companhia de Jesus foi uma ordem profundamente inovadora – por seu empenho pelo progresso espiritual dos fiéis em todas as formas de ministério da Palavra, mobilidade de todos os membros e adaptabilidade aos diversos ambientes – e ativa em todos os campos e aspectos da Reforma Católica e da Contrarreforma. Foi também a vanguarda na ida a lugares remotos para os europeus



Santo Inácio de Loyola
Fonte: www.pt.wikipedia.org/wiki/ficheiro:Ignatius_Loyola.jpg

daquele tempo, como o Brasil, a Índia, as ilhas da Indonésia e o Japão.

Em mais de dois séculos de atividade apostólica, os jesuítas enfrentaram muitos adversários. Ao longo do século XVIII ampliou-se o círculo de hostilidades em relação à Companhia de Jesus: combatidos pelos próprios jesuítas, os jansenistas – movimento de caráter dogmático, moral e disciplinar, cujos protagonistas eram convictos do chamado divino para purificar a Igreja mediante o retorno à praxe rigorista da Igreja antiga – passaram ao contra-ataque mediante forte propaganda e recorreram também aos aliados e

simpatizantes dentre os oficiais da Cúria Romana; na questão dos ritos chineses e malabares – em que medida os batizados podiam conservar seus costumes tradicionais –, os adversários da Companhia de Jesus acusaram-na de admitir ritos idolátricos em suas missões e de se mostrar desobediente às diretrizes romanas (onda de acusações, algumas exageradas, outras mais fundamentadas); a influência dos jesuítas no ensino acadêmico foi sendo cada vez mais atacada por docentes e reitores universitários contrários à tendência ao monopólio educativo; à irritação pelo crédito de que gozavam vários padres na corte, na alta sociedade, nas famílias, uniram-se as controvérsias doutrinárias sobre o probabilismo – sistema moral segundo o qual é lícito seguir uma opinião que tenha motivos solidamente prováveis, ainda que a opinião contrária possa reclamar maiores probabilidades – e outros pontos que acabaram por criar uma verdadeira frente única antijesuítica.

No entanto, essa frente aversiva jamais teria conseguido a supressão da Companhia de Jesus sem a contribuição das cortes borbônicas e seus mestres esclarecidos, que por motivos diversos e também pela

persuasão de que a Ordem constituía sério obstáculo a seus intentos jurisdicionais, desenvolveram um ataque sem precedentes aos jesuítas. O movimento de reforma política, econômica, social e religiosa que alguns soberanos europeus promoveram no século XVIII inspirava-se nos princípios do Iluminismo – os iluministas desprezavam o passado, considerando-o a idade das trevas, e exaltavam o presente e o futuro como a idade das luzes. Desenvolveu-se uma hostilidade aberta e sem fronteiras contra a Igreja, à qual se queria reformar, mas que no fundo se queria privá-la de qualquer influência, pelo menos sobre a classe dirigente. A vontade dos soberanos absolutos era controlar inteiramente as atividades da Igreja e subtraí-la da jurisdição de uma autoridade estrangeira; em relação aos religiosos, a legislação visava subtraí-los da dependência de superiores residentes fora do Estado e submeter suas atividades às dioceses. Nesta dinâmica, a Companhia de Jesus como corpo ligado estreitamente ao Papa não poderia passar despercebida e ileso.

A supressão da Companhia de Jesus de Portugal em 1759 foi o primeiro ato de um movimento influente contrário aos jesuítas. Com



A Companhia de Jesus recebeu a aprovação oficial do Papa Paulo III.
Fonte: www.bicentenariosj.com.br

diferentes modalidades, as medidas contrárias à Companhia em Portugal também foram adotadas por França (1764), Espanha (1767) e, entre 1767 e 1768, Nápoles, Parma, Piacenza e Malta. Em janeiro de 1769, houve o pedido oficial de supressão da Companhia de Jesus por parte da Espanha. Em 1772, o embaixador Moñino e cardeal de Bernis ameaçaram suprimir todas as ordens religiosas dos reinos borbônicos.

Esse movimento de hostilidade e pressão culminou com o breve *Dominus ac Redemptor*, do papa Clemente XIV, de 12 de agosto de 1773, que decretou a supressão da

ordem jesuítica em toda a Igreja e possuía duas partes: na descritiva, eram apresentadas as razões para a extinção da Companhia, e na parte funcional havia a sentença de supressão e provisões para sua execução. Para justificar a supressão, o documento pontifício, tendo lembrado as acusações contra a Companhia sem entrar em seu mérito, fazia apelo à necessidade de uma paz duradoura, que seria impossível conseguir enquanto a Ordem estivesse viva. A supressão dos jesuítas foi consequência lógica do modo de agir governamental que os considerava rivais em termos de influência e poder.

A supressão foi efetivada em Roma em 16 de agosto – todas as casas dos jesuítas foram cercadas por soldados – e o Padre Geral, Ricci, foi levado para a prisão do Castelo Sant'Angelo. No leito de morte, Ricci protestou mais uma vez sua inocência, bem como a da Ordem.

À época os jesuítas eram em torno de 11 mil e tinham 266 colégios, 103 seminários e 88 residências. A entrada em vigor do breve apenas após sua promulgação em cada uma das dioceses e a proibição de promulgação do documento pontifício por parte de Catarina da Rússia permitiram que um pequeno grupo de jesuítas poloneses sobrevivesse, com a aprovação oral de Pio

COMPANHIA DE JESUS

COMPANHIA DE JESUS

VI e escrita de Pio VII (1801).

A Irmã Teresa, filha de Luís XV e membro do convento de Saint Denis, promoveu uma campanha para reunir os jesuítas como padres seculares, mas seu plano foi cerceado por Clemente XIV.

Os jesuítas ingleses do colégio de Bruges foram protegidos pelo príncipe de Liège. Em 1776, Pio VI aprovou a decisão de viverem juntos como padres diocesanos.

Na Silésia os jesuítas hesitaram sobre o breve. Em 1776, houve um acordo entre Frederico II da Prússia e Pio VI: dissolução da Companhia e sua transformação em associação corporativa (Sacerdotes do Instituto das Escolas Reais).

Na Rússia Branca (Polônia e Lituânia) existiam 201 jesuítas em 4 colégios e duas residências. Catarina II negou o *exequatur*. Em 1777, o número caiu para 150 (devido a mortes e deserções). Pio VI aprovou de viva voz o noviciado que se tinha aberto em Polotsk, com 8 noviços (12.3.1783). Os Bourbons pressionaram Catarina; esta ameaçou submeter os católicos latinos aos ortodoxos.

Em 17 de outubro de 1782 a Congregação Geral elegeu o Pe. Cerniewicz vigário-geral. Os Bourbons conseguiram a anulação dessa Congregação em 29 de janeiro de 1783, mas o breve permaneceu secreto – espectro da ameaça da Czarina.

Catarina enviou a Roma Jan

Benislawski, ex-jesuíta e cônego em Vilna, pedindo a confirmação da Companhia e seus procedimentos; em 12 de março de 1783 o papa Pio VI acedeu.

Em 1793 Fernando, duque de Parma, solicitou o regresso dos jesuítas. Três jesuítas de Polotsk foram cedidos. O Pe. Pignatelli e os 3 jesuítas renovaram os votos (6.7.1797).

Litta, embaixador pontifício em Petersburgo, pediu a Pio VI que reconhecesse a Companhia na Rússia. Em 2 de março de 1799, o Papa instruiu-o a fazer o pedido, mas faleceu em agosto.

Em 1800 o Czar Paulo I confiou aos jesuítas a Igreja de Santa Catarina em Petersburgo e autorizou o início de um colégio. O jesuíta Gabriel Gruber convenceu o Czar a escrever para Pio VII. Em 7 de março de 1801, Pio VII, com o breve *Catholicae Fidei*, reconheceu e aprovou oficialmente a Companhia de Jesus na Rússia e determinou que Kareu e sucessores fossem reconhecidos como Gerais.

Pio VII aprovou pedidos de filiação à Companhia na Rússia – núcleos de jesuítas na Suíça, Bélgica e Holanda. Na Inglaterra, os jesuítas que fugiram de Liège começaram a dirigir um colégio em Stonyhurst.

Com o breve *Per Alias*, Pio VII reconheceu a Companhia nas duas Sicílias (30.7.1804). Em 15 de agosto de 1804, os jesuítas tomaram posse da Igreja do Gesù em Nápoles.

Pignatelli fez a restauração. Gruber nomeou-o Superior da província italiana. Em fins de 1805 José Bonaparte expulsou-os de Nápoles; Pignatelli conduziu mais de 30 jesuítas para Roma (perto do Coliseu).

Após a derrocada napoleônica, Pio VII retornou a Roma em 24 de maio de 1814 e desejava restaurar a Companhia em 31 de julho, festa de Santo Inácio, mas a consulta aos cardeais sobre o texto retardou-o.

Com o breve *Sollicitudo Omnium Ecclesiarum*, de 7 de agosto de 1814, Pio VII restaurou a Companhia de Jesus: o Papa afirmou que o dever pastoral o impeliu a usar os meios providenciados por Deus para olhar às necessidades espirituais dos fiéis e que se sentiria culpado caso negligenciasse aproveitar para a barca de Pedro, açoitada pela tempestade, os hábeis remadores que a Companhia lhe oferecia, e exortou os jesuítas a serem fiéis a Santo Inácio e a seu carisma.

Nas comemorações do Bicentenário de Restauração da Companhia de Jesus – que se estenderão de 31.7.2013 a 7.8.2014 – sigamos as pegadas dos traços principais da espiritualidade de Inácio: equilíbrio humano e espiritual, harmonia entre ação e contemplação, amor apaixonado a Cristo e à Igreja, sentido de organização, busca da ação eficaz, oração com discernimento espiritual e mística profundamente voltada para a Trindade. ▢

A RESTAURAÇÃO DA COMPANHIA NO BRASIL

COMPANHIA
DE JESUS



Pesquisa da Equipe do Pateo do Collegio para o Bicentenário da Restauração da Companhia de Jesus.

Texto base: "Dois períodos de uma mesma história num mesmo espírito".

A Companhia de Jesus retornou ao Brasil em 1842, por meio de um grupo de padres espanhóis. Estes, devido à Revolução Liberal espanhola de 1835, foram obrigados a interromper suas atividades na Espanha, sendo posteriormente transferidos à Argentina a convite do ditador Juan Manuel Rosas.

Na Argentina, Rosas desejava, por meio da influência dos padres jesuítas, promover sua administração. E como esses religiosos não compactuavam com seu governo e com suas intenções de manipulá-los, a Companhia passou a ser

pressionada pelo Estado e por seus simpatizantes, obrigando os missionários a se refugiarem em Montevidéu.

Assim, uma vez estabelecidos no Uruguai, os padres começaram a buscar novas alternativas de ação, dentre elas retornarem às antigas reduções indígenas no Brasil e no Paraguai. E, para tanto, o padre Mariano Berdugo vai à cidade do Rio de Janeiro e estabelece boas relações com o internúncio Ambrósio Capodónico e com o bispo Dom Manuel Rodrigues de Araújo, o qual promove, entre julho de 1842 e

janeiro de 1843, a vinda de jesuítas para atuarem no Rio Grande do Sul.

Em 1842, então, os padres fundam uma residência em Porto Alegre, que serviria de base para a organização das primeiras missões populares. Essas missões consistiam em visitas ao interior do Estado, a pequenas cidades e vilas, nas quais, ao serem convidados e previamente autorizados pelo clero local, realizariam pregações, missas, procissões, catequeses entre outras atividades sacramentais. Destaca-se também, nesse período, a criação de uma escola de latim, no ano de 1847 em

COMPANHIA DE JESUS

Porto Alegre, e entre 1848 e 1852, a realização de missões junto aos índios kaingang.

Durante a realização das missões populares junto às comunidades rurais, os padres de origem espanhola solicitaram, junto à Província da Áustria e da Alemanha, a presença de jesuítas de língua alemã, devido à grande quantidade de emigrantes estabelecidos em colônias no Estado do Rio Grande do Sul. Assim, a partir de 1849, chegam ao Brasil os primeiros jesuítas austríacos e alemães, que pouco a pouco vão substituindo os padres espanhóis.

Já o estabelecimento dos jesuítas espanhóis na cidade de Desterro, atual Florianópolis, ocorreu no ano de 1843, também a pedido das autoridades locais, visto que a cidade sofria da falta de assistência espiritual e de colégios suficientes para a educação dos jovens. Como se vê, em Santa Catarina, a Companhia iniciou seus trabalhos por meio de missões populares, no interior, além de assistirem a paróquias e irmandades cristãs.

Em 1845, em virtude do incentivo das autoridades locais, os jesuítas passam a lecionar em escola própria, inaugurando o Colégio dos Missionários, que oferecia ensino gratuito e era subsidiado pelo governo. O colégio, em seu primeiro ano de existência, não possuía prédio próprio com toda a infraestrutura necessária, de modo que, para isso, a Companhia com-

pra um sítio, a primeira propriedade adquirida após o restabelecimento no Brasil, e já em 1846 o colégio passa a funcionar em nova localidade, realizando o atendimento de alunos internos das Províncias do Brasil e do Prata.

Apesar dos esforços, a missão na cidade de Desterro seria interrompida em 1855, entre outros motivos pelo alto custo do colégio, pela interrupção da contribuição financeira que o Estado até então fornecia aos estudantes, pelo aumento do número de padres e irmãos e, conseqüentemente, das despesas. Outro fator relevante foi a insalubridade da cidade, o que ocasionou um surto de febre amarela, vitimando, na comunidade jesuítica, três alunos e seis padres, em 1853, provocando o fechamento do Colégio dos Missionários nesse mesmo ano.

Foi de tal sorte que, com a interrupção das atividades nas cidades de Desterro e Porto Alegre, bem como do trabalho realizado junto aos índios kaingang, a missão hispânica chegou praticamente ao fim, com a transferência dos religiosos para outras províncias.

Apesar disso, a Companhia de Jesus manteve-se na Região Sul do Brasil graças à contribuição dos trabalhos dos padres de origem alemã, que desde 1849 começaram a atuar, primeiro na colônia de São Leopoldo, e depois por toda a região. Os trabalhos, que no início se resumiam à assistência pastoral,

com o tempo passaram a abranger a fundação de paróquias próprias, colégios e seminários. Foi o caso, por exemplo, do Colégio Nossa Senhora da Imaculada Conceição (1869), em São Leopoldo, que inicialmente tinha a intenção de formar professores de ensino primário e cultivar vocações sacerdotais. Posteriormente transformou-se em colégio secundário (1869-1912), seminário (entre os anos de 1913-1956) e, finalmente, na Universidade do Vale do Rio Sinos, em 1969.

Noutra perspectiva, quando abordamos a reinserção dos jesuítas nas demais regiões do Brasil, temos na figura do padre Jacques Razzini, nomeado visitador da missão do Brasil, ações que foram fundamentais para a ampliação do alcance missionário. O padre Razzini foi o responsável pela articulação da criação do Colégio São Luís, em Itu (1867), do Colégio Santíssimo Salvador, novamente na cidade de Desterro (1865-1870), e de missões no Nordeste do Brasil.

A reintrodução dos jesuítas, em sua maioria de origem italiana, no Nordeste do país, deu-se a partir da cidade de Recife. Convidados pelo Bispo de Olinda, Dom Manuel do Rego Medeiros, para inicialmente atuarem como professores em um Seminário, rapidamente foram convidados também a abrir um colégio próprio, a fim de atender à grande demanda que existia na região por formação escolar.

O Colégio São Francisco Xavier (1867-1874) passou, então, a funcionar como base para a realização de outros ministérios, bem diversificados entre si, como a assistência espiritual a vilas e fazendas da região, atendimento da população carcerária e, além disso, para a atuação junto ao meio jornalístico, por meio de matérias publicadas sobre o poder papal e a atuação da Igreja e da Companhia de Jesus no Brasil.

Contudo, os jesuítas estrangeiros foram obrigados a deixar sua missão no Nordeste em 1874, devido ao acirramento do conflito na cidade de Recife com grupos de maçons. Os mesmos eram contrários à presença de padres de outras nacionalidades e atacavam a todos aqueles que apoiavam as reformas promovidas pelos bispos locais, que tinham como objetivo coibir o avanço da maçonaria. Os jesuítas, que eram grandes apoiadores dos bispos e que defendiam o poder papal, foram extremamente perseguidos, ocasionando, com



Região das Missões - Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo, Rio Grande do Sul, Brasil.
Fonte: www.pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Missões.jpg. Autor: Renato A. Costa

sua expulsão, o encerramento das atividades naquele ano.

Administrativamente, os primeiros trabalhos realizados no Brasil pela Companhia de Jesus foram promovidos pela Província da Espanha, através da Missão Argentina, nas regiões do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, a partir de 1843. Receberam o nome de Missão Paraguaia os trabalhos que englobavam os Estados acima citados entre 1844 e 1865.

Com isso, a partir de 1865, a Missão Brasileira passa a depender diretamente da Província Romana (1865-1869), que realizaria a sua bifurcação em 22 de julho de 1869. Deixava, assim, a residência de

Porto Alegre e os jesuítas de língua alemã sob a direção da Província Germânica. Os demais missionários permaneceram sob as orientações da Província Romana, tendo no Colégio São Luís, de Itu, o centro de suas atividades, usando-o como base para alcançar outras regiões brasileiras. Como parte das realizações da Província Romana, há a fundação dos Colégios Anchieta

(1886), em Nova Friburgo, e Santo Inácio, no Rio de Janeiro (1903).

Em linhas gerais, podemos concluir que as missões realizadas pela Companhia de Jesus no Brasil em meados do século XIX, bem como sua Restauração, não faziam parte de um plano pré-estabelecido e, sim, de uma sucessão de respostas às oportunidades e solicitações que lhe eram apresentadas. As ações passam a tomar uma forma mais delineada a partir do generalato do Padre Beckx, que, através do visitador Jacques Razzini, buscava fomentar a abertura de colégios que serviriam de suporte para a expansão e realização de outras missões. ▢



João Batista Libanio, S.J.¹
Jesuíta, Doutor em Teologia
por Frankfurt e Roma

¹ Professor emérito da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Belo Horizonte), Vigário Paroquial em Vespasiano (BH). Escritor e conferencista é autor de vários livros sendo os mais recentes: "Introdução à Vida Intelectual" (Ed. Loyola, 2012), "Os caminhos da existência" (Paulus, 2009), "Em busca de lucidez" (Ed. Loyola, 2008), "A arte de formar-se" (Ed. Loyola, 2001).

DOUTRINA SOCIAL DA IGREJA DE JESUS DE NAZARÉ AO PAPA FRANCISCO

A Doutrina Social da Igreja (DSI) sofre as conjunturas do tempo. A Igreja conhece ensinamentos sociais de enorme profundidade desde o nascedouro. Jesus Cristo, no ambiente religioso do povo judaico, lançou em vários momentos germes do que mais tarde se estruturará em doutrina.

Base evangélica

As bem-aventuranças em Lucas começam logo com a oposição entre os dois mundos, que infelizmente até hoje continuam a existir lado a lado e que a visão social da Igreja critica e luta por superá-la. Lucas registra-nos quatro aís de Jesus: "ai de vós, ricos", "ai de vós que agora estais fartos", "ai de vós que agora estais rindo" e "ai de vós quando todos falarem bem de vós" (Lc 6, 24-26). Saltam à vista dois sentidos. Um nasce do fato: ricos, fartos, ridentes e bajulados viverão momentos de pobreza, de fome, de tristeza e de desprezo. Ninguém escapa dessas experiências humanas que acontecem, mesmo que seja somente com a morte. Jesus vai mais longe. Ele contrapõe aos quatro aís, quatro felizes: "Felizes vós, os pobres", "felizes vós que agora passais fome", "felizes vós

que agora estais chorando", "felizes sereis quando os homens vos odiarem, expulsarem, insultarem

e amaldiçoarem o vosso nome por causa do Filho do Homem" (Lc 6, 20-22). Também aqui os fatos



mostrarão a verdade da felicidade que advirá aos infelizes em dado momento.

Além do fato, a admoestação de Jesus pretende despertar o sentido de justiça e de solidariedade para que os dois extremos se encontrem e, assim, desapareça infelicidade de ambos. Nem pobres, nem famintos, nem ridentes, nem perseguidos continuarão nessa situação porque os outros com sua riqueza, fartura, sorrisos e louvores os cobriram com sua presença. E então as previsões de infelicidade se desfazão pela presença acolhedora dos irmãos e do Senhor no último dia. Numa palavra, Jesus anunciou utopia maravilhosa que Mateus formulou com suas bem-aventuranças (Mt 5,1-12).

De Jesus também vem o belíssimo sermão do fim do mundo, no qual ele se identifica com os famintos, sedentos, forasteiros, despidos, enfermos, encarcerados e acolherá na eternidade de seu amor aqueles que os visitaram, cuidaram, amaram (Mt 25, 34-46). De novo, o sonho de Jesus vai na linha da solidariedade, do serviço, do cuidado.

Como se não bastassem as duas pérolas evangélicas, a prática de Jesus semeou o sentido de justiça e cuidado. Em sociedade machista, acolheu e valorizou a mulher. No mundo em que a criança não valia nada, colocou-a como sinal do Rei-



O Sermão da Montanha, Carl Heinrich Bloch (1834-1890).
www.pt.wikipedia.org/wiki/Carl_Heinrich_Bloch.

no. Curou os doentes e sobretudo avizinhou-se com o próprio teor de vida aos pobres. A partir de tal vida, nasce a inspiração que acompanhará a Igreja ao longo dos séculos, na sensibilidade social.

A prática social da Igreja conheceu grandes momentos. Os primeiros cristãos, como nos relatam os *Atos dos Apóstolos*, “viviam unidos e possuíam tudo em comum; vendiam suas propriedades e seus bens e repartiam o dinheiro entre todos, conforme a necessidade de cada um” (At 2, 44s) . E continua o texto bíblico: “ninguém considerava suas as coisas que possuía, mas tudo entre eles era posto em comum” (At 4, 32); por isso, “entre eles ninguém passava necessidade” (At 4,34). Tais textos permanecem

até hoje com força questionadora e utópica. Geraram vários tipos de vida em que tudo se punha em comum, que socorriam os necessitados.

Antiguidade cristã

Vários Santos Padres, que nos primeiros séculos da Igreja aprofundaram os escritos evangélicos, deixaram ensinamentos sociais contundentes. À guisa de exemplo, cito um só. “Muito te apraz a bela cor do ouro, mas não te inteiras de quantos gemidos de miseráveis te vão seguindo. Quando lograrás pôr diante dos olhos os sofrimentos dos pobres? Olha o pobre buscando por todos os cantos de sua casa. Vê que não tem dinheiro nem o terá nunca [...] Tudo te deixa inflexível e inexorável. Só vês ouro, só imaginas ouro! Com eles sonhas dormindo, e neles pensas desperto. Assim como os loucos não veem as coisas que têm diante deles, mas as que lhes apresenta sua enfermidade, assim tua alma, prisioneira da avareza, só vê ouro. Preferes ver dinheiro a ver o sol. Quererias que tudo se convertesse em ouro e, pelo que depende de ti, assim tencionas fazer”².

O abade beneditino se fez famoso por servir no fim do dia uma sopa aos pobres e famintos da região do mosteiro. Na tradição beneditina, a chegada do hóspede se acolhia

2 SÃO BASÍLIO, PG 31, 261ss, citado por GONZÁLEZ FAUS, J. I.. *Vigários de Cristo. Os pobres na teologia e espiritualidade cristãs. Antologia comentada*. São Paulo: Paulus, 1996, p. 14.

IGREJA

como a de Cristo: *Hospes venit, Christus venit*. Veio o hóspede, veio Cristo. E, com mais razão, se fosse pobre³. Daí se forjar a famosa frase *Pauper venit, Christus venit* – Veio o pobre, veio Cristo, que se tornou *leitmotiv* de S. João Câncio do séc. XIV/XV. O sopão dos beneditinos salvou muita vida em época de tanta pobreza.

Idade Média

A Idade Média conheceu as ordens mendicantes, que se aproximaram tanto dos pobres. S. Francisco de Assis tornou-se o símbolo maior. Propugnou uma pobreza que o acercasse dos pobres e o fizesse amá-los. Como observou L. Boff, a pobreza para ele se ordenava à fraternidade, como caminho para ela. “O pobre concreto e o Cristo pobre constituem os critérios de verdadeira pobreza”⁴. Em termos de hoje, a pobreza assume o sentido de solidariedade com os pobres no processo de libertação da própria pobreza.

Nascimento da DSI

No sentido atual do termo, a DSI nasce com a Encíclica *Rerum Novarum* de Leão XIII (1891). O título carrega certa ingenuidade histórica, ao chamar de “coisas novas” o que já estava acontecendo fazia, pelo



São Francisco de Assis dando a Regra para as suas Ordens.
Niccolò Antonio Colantonio, Museu de Capodimonte, c.1440-1470.
www.pt.wikipedia.org/wiki/Francisco_de_Assis.

menos, dois séculos de maneira expressiva. Na origem dos problemas, estavam três fatos fundamentais: o surgimento do capitalismo no final da Idade Média, a Revolução Industrial e o impacto das ideias de K. Marx no socialismo.

Como a Igreja, por várias razões do momento histórico, se fechara a tais impactos para defender a fé cristã e católica, Leão XIII considera, portanto, sua iniciativa de nova. E, de fato, o foi para o interior da vida católica.

No mundo econômico e político digladiavam-se as duas tendências dominantes da época: capitalismo e socialismo. Ao olhar da fé cristã e dos ensinamentos da Igreja,

ambos reivindicavam valores inquestionáveis, mas à custa de outros não menos importantes. O capitalismo apregoava a liberdade de iniciativa. Os EUA já anunciavam ser o grande país do futuro capitalista sob a consigna maior da liberdade. Em 1886, inauguram na entrada do porto de Nova Iorque a estátua da liberdade. Até hoje o capitalismo, sob diversas modalidades, prossegue vangloriando-se de ser o regime da liberdade.

Os socialistas acenam para outro valor humano fundamental: a solidariedade na base da igualdade de todos no usufruto dos bens materiais. De certa maneira, adotam lema bem próximo dos *Atos dos Apóstolos*: que cada um contribua com o que pode e receba o de que precisa. A liberdade só se entende na perspectiva da igualdade, da distribuição dos bens, da solidariedade.

Os dois discursos soavam belos. Mas o regime concreto trouxe abusos graves dos dois lados. O capitalismo se implantou à custa de muita exploração do trabalhador. O socialismo firmou-se com o sacrifício da liberdade de expressão e organização.

A encíclica do papa guarda equidistância em face do capitalismo e da ameaça do socialismo nascente. Descreve os males funda-

3 Mollat, M.. *Os Pobres na Idade Média*. Rio de Janeiro: Campus, 1989, p. 46ss.

4 BOFF, L.. *São Francisco de Assis: ternura e vigor, uma leitura a partir dos pobres*. Petrópolis: Vozes, 1985. 3. ed. p. 92s.

mentais da sociedade e da cultura presentes. Defende o direito de os operários se associarem, a organização de corpos intermédios independentes do Estado. Assume a tese do dever do Estado de intervir no campo social e econômico. Propugna relações entre trabalhadores e operários, baseadas nos princípios de solidariedade humana e fraternidade cristã.

A leitura socialista julgou o texto insuficiente, já que o dragão do capitalismo continuava oprimindo as classes operárias. E quando essas nos países desenvolvidos melhoravam e se acalmavam, a exploração se trasladava para os países economicamente colonizados.

A leitura capitalista apontava para as perseguições religiosas, para a repressão política, para o encurtamento da liberdade nos países socialistas. Julgavam que só assim se conseguia implantar, ainda que fosse à força, a justiça social.

História recente

Seria longo se percorrêssemos o magistério pontifício que se seguiu a Leão XIII. Pio XI com a *Quadragesimo Anno*, Pio XII com as radiomensagens, sobretudo com a que dedicou à democracia. João XXIII deixou-nos duas pérolas: *Mater et Magistra* e *Pacem in Terris*. Paulo VI avançou com *Populorum Progressio*. O Vaticano II nos brindou a Constituição pastoral *Gaudium et*

Spes. Medellín interpretou o Concílio Vaticano II para a América Latina.

Dando salto homérico, vejamos os dias de hoje e detenhamo-nos nos três últimos pontífices que deixaram marcas significativas no campo da DSI.

Conjuntura atual

A DSI sofreu certo desprestígio durante um tempo. Usava linguagem que soava idealista, descolada da realidade concreta. Quanto ao conteúdo, defendeu a propriedade particular e condenou a luta de classe. Valorizou a religião. Então esbarrou com a rejeição socialista, que viu na posição da Igreja anuência em relação ao capitalismo e reservas e críticas ao socialismo. Não se tratava de nenhuma posição equidistante, mas favorecia o sistema dominante no Ocidente.

Algumas posições críticas e corajosas da DSI trouxeram-na para o cenário das discussões⁵. Fez nítida condenação do capitalismo liberal. Mostrou certa abertura a ideias socialistas que não só se cristalizaram nos governos socialistas, mas influenciaram opções teológicas e pastorais. Ela assumiu elementos afins à condenação do sistema dominante e à opção pelos pobres. A Igreja da América Latina entrou em cena, ao tomar decisões sociais corajosas nas Assembleias do Episcopado em Medellín, Puebla, Santo Domingo e Aparecida. Além

disso, com essa abertura, criou-se maior sensibilidade para os sinais dos tempos.

João Paulo II



A postura social de João Paulo II marcou-lhe o pontificado. Em que se pesem algumas atitudes julgadas conservadoras no referente à vida interna da Igreja e à prática da moral, o seu perfil social mostrou-se corajoso e até arrojado em alguns pontos.

Havia certa insegurança teórica a respeito da DSI. Alguns julgavam que ela não se baseava em postulados da fé, mas nos direitos humanos. E a Igreja simplesmente sancionava e reforçava pontos já alcançados pela razão histórica no referente ao comportamento social humano.

João Paulo II estabelece corte com tal posição e insere na compreensão da DSI a dimensão de fé. Ela a define como “a formulação acurada dos resultados de uma reflexão atenta sobre as complexas realidades da existência do homem, na sociedade e no contexto internacional, à luz da fé e da tradição

⁵ JOAO PAULO II. *Encíclica Sollicitudo Rei Socialis* pelo vigésimo aniversário da *Encíclica Populorum Progressio*. São Paulo: Paulinas, 1988, n. 42-43. Abrev. SRS.

eclesial. A sua finalidade principal é interpretar estas realidades, examinando a sua conformidade ou desconformidade com as linhas do ensinamento do Evangelho sobre o homem e sobre a sua vocação terrena e ao mesmo tempo transcendente⁶.

O conteúdo versa sobre os direitos humanos fundamentais, o funcionamento e a estrutura da sociedade no referente ao mundo econômico, político, social, ideológico. Mas a DSI os vê fundamentados na revelação divina e na Tradição eclesial. Paulo VI reconhece a diversidade e complexidade das situações sociais e, portanto, a dificuldade de “o pronunciar uma palavra única, como o propor uma solução que tenha um valor universal”. Toca às comunidades cristãs analisarem e iluminarem a realidade com a luz do Evangelho e “haurirem princípios de reflexão, normas para agir e diretrizes para a ação, na Doutrina Social da Igreja”⁷.

A DSI tem caráter permanente, mas também sofre do aspecto conjuntural e transitório. Pois ela se alimenta tanto da fonte estável do pensamento do direito natural, da filosofia social de valor universal e sobretudo de elementos bíblicos e da tradição da Igreja, como de experiências históricas e análises conjunturais da realidade.

A sua natureza garante-lhe graus de verdade e obrigatoriedade, enquanto propõe princípios

fundamentais da razão humana e da fé cristã, e de provisoriedade no referente a diagnósticos, juízos práticos, prudenciais, conjunturais de menor peso e poder vinculativo.

Enquanto haure ensinamentos na fonte da revelação e da Tradição eclesial dirige-se, em primeiro lugar, ao cristão. Mas trabalha também elementos éticos da razão universal e mesmo alguns elementos cristãos têm força persuasiva para todo homem de boa vontade. Cabe-lhe a cautela de evitar que a autoridade do magistério supra a verdade, enquanto acessível a toda razão. Vale de sua interpretação a regra fundamental da hermenêutica de entender o sentido das afirmações, recorrendo à sua gênese e a seu significado no momento atual.

A Igreja se sente no direito de desenvolver a DSI por duas razões básicas. De um lado, cabe-lhe evangelizar, e o campo social faz parte de tal missão. E como parte viva da sociedade civil, tem palavra a dizer na construção da cultura e do sistema vigente a partir da sua maravilhosa tradição de milhares de anos. Tanta riqueza não pode ficar escondida e guardada só para si. Toca-lhe oferecê-la livre e gratuitamente a quem quiser dela aproveitar. João Paulo II fez questão de proclamar tal DSI.

Na *Laborem Exercens* (1981), ele retoma a temática clássica do século passado do mundo industrial sob nova visão. Aponta o

trabalho como chave essencial da questão social e põe o ser humano como centro do trabalho. Logo na introdução, define a natureza do trabalho. “É mediante o trabalho que o homem deve procurar-se o pão cotidiano e contribuir para o progresso contínuo das ciências e da técnica, e sobretudo para a incessante elevação cultural e moral da sociedade, na qual vive em comunidade com os próprios irmãos. E com a palavra trabalho é indicada toda a atividade realizada pelo mesmo homem, tanto manual como intelectual independentemente das suas características e das circunstâncias, quer dizer toda a atividade humana que se pode e deve reconhecer como trabalho, no meio de toda aquela riqueza de atividades para as quais o homem tem capacidade e está predisposto pela própria natureza, em virtude da sua humanidade”⁸.

Alguns anos depois, volta a abordar a questão social na Encíclica *Sollicitudo Rei Socialis* (1987). Baseia-se na Encíclica de Paulo VI *Populorum Progressio*, ao assumir o esquema ver-julgar-agir para analisar a situação atual sob a tensão e causas políticas. Menciona os dois extremos do hiperdesenvolvimento e subdesenvolvimento, submetendo-os à reflexão ética e cristã. Introduce a solidariedade como chave de novo sistema de valores.

“A solicitude social da Igreja, que tem como fim um desenvolvi-

6 SRS. n. 41

7 PAULO VI, *Carta apostólica Octogesima Adveniens*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1971, n. 4.

8 JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica sobre o trabalho humano: “Laborem Exercens” 90º aniversário da “Rerum Novarum”*. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 1981. Introdução.

mento autêntico do homem e da sociedade, o qual respeite e promova a pessoa humana em todas as suas dimensões, manifestou-se sempre das mais diversas maneiras⁹. “Esta miséria e este subdesenvolvimento são, com outros nomes, as ‘tristezas e as angústias’ de hoje, ‘sobretudo dos pobres’; diante deste vasto panorama de dor e de sofrimento, o Concílio quis abrir horizontes de alegria e de esperança”¹⁰.

Para comemorar o centenário da Encíclica *Rerum Novarum* de Leão XIII, João Paulo II brinda-nos com a *Centesimus Annus* (1991). Reafirma os aspectos permanentes da DSI, tais como o destino universal dos bens, a dignidade humana do trabalhador, o primado do trabalho sobre o capital, a promoção pela justiça, a opção pelos pobres, a centralidade da pessoa humana face à economia, etc.

Alude ao aspecto conjuntural da queda do socialismo pela via não violenta com presença religiosa significativa da Igreja. Atribui-a às limitações do sistema socialista no campo da liberdade, da religião, da economia, da política e da criatividade produtiva.

Reconhece como corretos os ensinamentos de Leão XIII: o equívoco da chave de leitura da realidade social pelo viés da luta de classe, a justiça social como fundamento da sociedade, a dignidade humana do trabalhador enquanto

livre e aberto à Transcendência, o direito de todos à propriedade segundo o princípio do destino universal dos bens, a justiça de salário, o direito de sindicato garantido pelo Estado.

Não permite que se entenda o desmoronamento do socialismo como aprovação do capitalismo sem mais. “É inaceitável a afirmação de que a derrocada do denominado ‘socialismo real’ deixe o capitalismo como único modelo de organização econômica. Torna-se necessário quebrar as barreiras e os monopólios que deixam tantos povos à margem do progresso, e garantir a todos os indivíduos e Nações as condições basilares que lhes permitam participar no desenvolvimento”¹¹.

Bento XVI



Papa Bento XVI
AFP PHOTO/FILES/Vincenzo Pinto

Bento XVI, em breve pontificado, abordou o tema da DSI sob o prisma da caridade nas Encíclicas *Deus Caritas Est*¹² e *Caritas in Veritate*¹³.

Assunto hoje tão explorado,

mas das maneiras mais diversas. O fato de usar a expressão de S. João, o Papa sinaliza o significado primordial a atribuir ao termo amor que em latim tem a versão de *caritas* e, em grego *ágape*, para sinalizar a originalidade cristã. Ela consiste em pôr em Deus a última origem e fonte.

Ressoa nos ouvidos bíblicos o *shemá* que o judeu repete várias vezes por dia: “Escuta, ó Israel! O Senhor, nosso Deus, é o único Senhor! Amarás ao Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças” (Dt 6, 4-5).

Ao inserir a DSI nesse quadro, dá-lhe profundidade e originalidade cristã. No amor que a informa, existe algo de divino, eterno, definitivo, sem perder a dimensão humana, terrena, histórica. O mesmo S. João que afirma Deus ser amor, articula a prática do amor fraterno com o amor de Deus. “Se alguém disser: ‘Amo a Deus’, mas odeia o seu irmão, é mentiroso; pois quem não ama o seu irmão, a quem vê, não poderá amar a Deus, a quem não vê” (1Jo 4,20). Bento XVI mostra a justa unidade, o “nexo indivisível entre o amor a Deus e o amor ao próximo: um exige tão estreitamente o outro que a afirmação do amor a Deus se torna uma mentira se o homem se fechar ao próximo ou, inclusive, o odiar”¹⁴.

A DSI realiza na terra o amor divino no campo social. A fé cristã leva-nos a compreender a digni-

9 SRS n. 1.

10 SRS. n. 6

11 JOÃO PAULO II, *Carta Encíclica Centesimus Annus: no centenário da Rerum Novarum*. São Paulo: Loyola, 1991, n. 35.

12 BENTO XVI. *Carta Encíclica Deus Caritas est sobre o amor cristã*, São Paulo: Paulus/Loyola, 2006

13 BENTO XVI. *Carta Encíclica Caritas in Veritate sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade*, São Paulo: Paulus/Loyola, 2009.

14 BENTO XVI. *Carta Encíclica Deus Caritas est...*, n. 16.

dade do ser humano de maneira extremamente profunda, ao sabê-lo criado e convidado à vida íntima de Deus. Portanto, tudo na sociedade que não respeite a origem e destino divino do ser humano contraria a DSI, quando lida na perspectiva da revelação de Deus.

Mais: o Novo Testamento, ao revelar-nos o mistério da Encarnação, realça ainda mais a dignidade da natureza humana. Ela foi assumida pelo próprio Verbo divino na unidade da pessoa de Jesus Cristo.

Para a fé cristã, a ética social adquire originalidade. Tudo o que se afirmar de realmente humano, vale de Jesus Cristo. L. Boff formulou de maneira bem contundente tal verdade: “Humano assim, só pode ser Deus mesmo”¹⁵. Também tudo o que se afirmar do homem Jesus mostra assintoticamente para onde caminha todo o ser humano e serve, portanto, de ponto de referência. Ouso afirmar que toda ética humana e filosófica é cristã e toda ética cristã é humana e filosófica.

A DSI alimenta-se da prática do amor dos cristãos, enquanto comunidade de amor. A Igreja, como comunidade, sente-se chamada a expressar o amor a todos, especialmente aos pobres, marginalizados, oprimidos. Nesse sentido, a DSI proclama com todas as letras a libertação de tal situação como exigência do amor ao pobre, radicado no amor de Deus. E quando se fala

de Igreja, entende-se, em primeiro lugar, a vida em comunhão entre os cristãos nos diferentes níveis, desde a família até a Igreja universal. A instituição hierárquica serve como ponto de referência e de estímulo. Mas a realidade mesma se constitui por obra do Espírito Santo que habita o coração de cada cristão e o impele ao amor universal.

Bento XVI não desconhece a crítica marxista contra as obras de caridade da Igreja. Se ela, em algum momento e em algumas expressões, cumpriu função alienante de mascarar a justiça e consolar a consciência dos ricos com ações periféricas sem mudar a raiz da opressão, o Papa retoma a DSI precisamente para obviar tal acusação. Ela propugna uma ordem social justa. E com o silêncio do socialismo, a voz da DSI se faz referência crítica ao sistema neoliberal dominante. Nenhuma estrutura humana histórica alcança a perfeição e à luz da revelação a DSI tem sempre alguma palavra crítica na linha do aperfeiçoamento social.

Não cabe diretamente à Igreja ocupar o lugar do Estado, enquanto responsável direto e primeiro pela ordem social justa. A DSI traz-lhe contribuição crítica e incentiva os cristãos a participarem ativamente na construção da sociedade justa. Em alguns lugares, onde a ausência do Estado e de outras organizações se faz sentir gravemente, a Igreja, supletivamente, tem cumprido

funções caritativas de alto alcance social. Ela tem promovido voluntariados heroicos, sobretudo no 3º Mundo.

Aqui, de novo, nos deparamos com a dupla dimensão da ação do cristão. Enquanto ser ético e cidadão, cria e/ou participa em organizações de serviço social. Encontra na fé força ainda maior de compromisso. A história do Cristianismo tem demonstrado o papel social e libertador não só dos cristãos, enquanto pessoas isoladas, mas enquanto desenvolve obras sociais inspiradas na fé cristã.

Destarte, a atividade social da Igreja tem DNA próprio, que recebe da prática de Jesus e da sua tradição histórica. Nunca se limita ao caráter puramente técnico ou simplesmente profissional, revela toque de misericórdia, de cuidado, de unção espiritual.

A Igreja, como instituição, sente-se responsável pelo setor social que desenvolve desde o nível mundial até nas pequenas comunidades, em verdadeira cascata de serviço. Na Cúria Romana, existem vários Conselhos Pontifícios envolvidos com a ação social: Justiça e Paz, Cor Unum, Pastoral dos Migrantes e Itinerantes, Pastoral no Campo da Saúde. Ao longo do mundo, nas Conferências Episcopais, nas Igrejas particulares, nas paróquias e nas comunidades fervilham instituições sociais. Além do mais, a vida consagrada, nas diferentes formas

15 BOFF, L... *Jesus Cristo libertador: ensaio de cristologia crítica para o nosso tempo*, Petrópolis: Vozes, 8ª 1980, p. 193.

de Ordens, Congregações, Institutos Seculares, Sociedades de Vida Apostólica e Novas Formas de Vida Consagrada, dedica enorme energia no campo social. O quadro da atividade da Igreja Católica no setor social é praticamente inabarcável.

Bento XVI não esquece de mencionar a importância da oração e dos exemplos de santos que primaram em serviços da caridade. Numa palavra, o Papa amplia, sob o olhar da caridade, a visão da DSI.

Ainda mais amplamente, Bento XVI aborda a temática social na Encíclica *Caritas in Veritate*, onde afirma expressamente que a caridade na verdade é “um princípio à volta do qual gira a Doutrina Social da Igreja, princípio que ganha forma operativa em critérios orientadores da ação moral”¹⁶. Constitui ideia forte de Bento XVI a relação profunda entre amor e verdade, verdade e justiça, justiça e amor. Diz claramente que o bem comum implica exigência de justiça e de caridade¹⁷.

Brevemente, Bento XVI retoma na Encíclica *Caritas in Veritate* os grandes temas da *Populorum Progressio* de Paulo VI e da DSI como tal. Trata da questão do desenvolvimento humano no nosso tempo. Relaciona o desenvolvimento econômico e a sociedade civil com a fraternidade. Reflete sobre os direitos e deveres respeito ao desenvolvimento dos povos. Toca a temática da família e da técnica.

Está aí amplo campo para nossa reflexão.

Conclusão: Papa Francisco



A modo de conclusão, breve olhar sobre o atual pontífice. Temos falado em gestos e palavras. Vale deter-nos na visita que fez ao Brasil. Ainda fresca na memória e seguida por milhões de brasileiros, ela sinalizou-nos um pontificado voltado para o campo social.

Mostrou-se próximo ao sofrimento humano físico e psíquico ao visitar o Hospital São Francisco de Assis, onde se recuperam dependentes químicos. Deixou-lhes luminosa mensagem: “Não deixem que lhes roubem a esperança!”

Os pobres tocaram-lhe o coração e ele o deles. Singelamente confessou que desejava visitar to-

dos os bairros, bater em cada porta, dizer um bom dia, pedir um copo de água, beber um cafezinho. E concretamente visitou a Comunidade de Varginha, onde lhe valorizou o espírito de solidariedade. Desde tal perspectiva, adverte os que têm recursos, autoridades públicas e as pessoas de boa vontade para que se comprometam com a justiça social, com a construção de mundo justo e solidário e não se façam insensíveis às intoleráveis desigualdades, ao egoísmo, ao individualismo atuais.

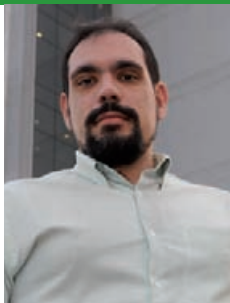
Sob o aspecto social, denunciou a falta de emprego para a geração jovem e o descuido com os anciãos. E ao falar aos representantes da sociedade, apela para a memória da própria história pátria e a esperança. De maneira singela, toca três pontos numa perspectiva de futuro: a originalidade de uma tradição cultural, a responsabilidade solidária para construir o futuro e o diálogo construtivo para afrontar o presente.

De toda sua visita, na perspectiva social, ficaram para nós três lições fundamentais. Apostar com esperança na construção responsável de futuro justo, vencendo a pobreza com atenção especial aos pobres, jovens e anciãos; mostrar na vida proximidade pessoal com os pobres e sofridos; valorizar a cultura do encontro e do diálogo. Que o novo momento de abertura social da Igreja desperte em todos o desejo de aprofundar o conhecimento da DSI. Bom estudo! ▢

16 BENTO XVI. *Carta Encíclica Caritas in Veritate...*, n. 6.

17 *Id.*, n. 7.

JORNADA MUNDIAL DA JUVENTUDE NO RIO DE JANEIRO



Diego Genu Klautau
Doutor em Ciências da
Religião pela PUC-SP e
professor do Depto. de
Ciências Sociais e Jurídicas
do Centro Universitário
da FEI

Na última semana de julho deste ano, aconteceu a Jornada Mundial da Juventude no Rio de Janeiro. Atualmente este evento é considerado a maior manifestação pública da Igreja Católica; foi fundado por João Paulo II em 1986 com o Dia Mundial da Juventude em Roma e voltou a ocorrer no ano seguinte em Buenos Aires, já

com o modelo internacional que possui desde então.

É importante notar alguns aspectos desta Jornada, para que se possa buscar conhecê-la em sua essência. O primeiro ponto é o esforço eclesial mundial, pois, apesar de existirem diversas peregrinações muito mais antigas, tradicionais e mesmo com número de pessoas que ultrapassa a multidão das jornadas, a característica específica dessa peregrinação são os jovens, e por

consequência o espírito do evento é de descoberta, de aventura da fé.

Mas no que consiste essa aventura? É justamente aí que está o esforço eclesial universal. Os bispos do mundo inteiro, a cúria romana, o próprio Papa, as ordens religiosas, os movimentos eclesiais, as associações de fiéis, as paróquias, todos se reúnem para mostrar sua identidade católica e como o acesso ao Sumo Bem pode nos transformar e continuar com o viço da primeira descoberta de que Deus existe e é Amor.

Esse verdadeiro encontro da família católica se mostra como a abundância espiritual de caminhos, modos de viver a fé, da vivacidade do relacionamento com Deus. Esse coração jovem, que é inquieto, rebelde, desejoso da verdade e do seu lugar na ordem do mundo, livre das ideologias e da capa do politicamente correto e da aparência, está presente nessa multidão de espiritualidades, carismas, ritos e tradições católicas. Da mesma forma existe a presença das diversas línguas, nacionalidades e etnias nessa verdadeira contemplação da generosidade de Deus na Criação e



Fonte fotos:
www.rio2013.com/pt/multimedia/fotos

do Espírito Santo em tantas línguas e lugares.

Assim, ao esforço eclesial para propiciar essa aventura divina para a juventude e para a própria Igreja, outro ponto se acrescenta: a resposta divina. O Papa Emérito Bento XVI, no prefácio da nova edição do seu livro *Introdução ao Cristianismo*, mostra que um dos frutos mais importantes dessa caminhada da Igreja nas últimas décadas é a força das conversões operadas nas Jornadas Mundiais da Juventude. O Papa Emérito relata sua experiência como Cardeal na Jornada de 1997 em Paris, demonstrando como a força dessa peregrinação, forma de expressão eclesial tradicional nos dois mil anos da Igreja, encontra na manifestação da juventude a mesma renovação de Pentecostes.

Um terceiro ponto que integra tanto o esforço humano e eclesial quanto a graça generosa de Deus é a presença pública da Igreja Católica. Apesar da Jornada não ser um espetáculo artístico ou uma concentração política, ela contém esses aspectos, justamente porque é essa a presença da Igreja no mundo. Nos dias do evento, a cidade sede é preenchida de eventos de todas as expressões da Igreja, com arte, pregações, catequeses, ações missionárias de caridade com os pobres e necessitados, assim como livres manifestações políticas.

A presença de milhões de católicos nunca passa despercebida pela

sociedade, e então podemos ver a mídia criticando, afirmando que os políticos e estadistas não deveriam prestigiar esse evento, porque o Estado é laico. Nas peregrinações também encontramos marchas de pessoas contrárias a fé católica, buscando intimidar os jovens com ataques às posições católicas relativas ao aborto, ao casamento homossexual e à família cristã. Da mesma forma, a Igreja sempre reafirma suas convicções éticas na política e a busca pela justiça social. Apesar de tudo, a presença da comunhão é sempre mais forte e as autoridades, a mídia e a população em geral da cidade sede da Jornada sempre saem com mais simpatia depois do evento.

Assim, eu mesmo participei da Jornada em 2005, na cidade de Colônia, na Alemanha. Mesmo não sendo mais tão jovem, pude perceber esses três pontos: a relação dos peregrinos com a Igreja, com Deus e com o mundo. Foi um forte momento de conversão, inclusive e principalmente no âmbito familiar, pois encontrei nesta Jornada minha esposa. Apesar de sermos de movimentos católicos diferentes, nós buscamos conversar, caminhar, celebrar e rezar juntos, e começamos a namorar de volta no Brasil. Em 2008 nós ficamos noivos na mesma Jornada, agora em Sidney, Austrália. Em 2011 em Madrid, na Espanha, nós não pudemos ir porque estávamos com a nossa pequena filha recém-nascida.

Agora, em 2013, durante a Jornada do Rio de Janeiro, nossa participação se deu em dois momentos. Primeiramente ficamos responsáveis pela Semana Missionária, um evento que antecede a Jornada em diversas cidades próximas da cidade sede. Aqui em São Paulo fomos os responsáveis pela organização na paróquia à qual estamos ligados, coordenando um grupo de cinquenta voluntários, e recebemos um grupo de iraquianos e um grupo de eslovenos.

Foi uma experiência notável, porque pudemos ter contato com realidades eclesiais bem distintas e com experiências muito fortes, como o exemplo do padre iraquiano que já tinha sido sequestrado por terroristas islâmicos em Bagdá, assim como o jovem que tinha estilhaços de granada no joelho devido a um atentado a uma Igreja católica; ou dos eslovenos nos informando como foi a restauração da fé num país que saiu do regime comunista (a Eslovênia fazia parte da Iugoslávia) em como a Igreja católica foi, e é, um pilar importante na base da identidade nacional.

Em outro momento, a própria peregrinação no Rio de Janeiro, onde pudemos estar com os 3,7 milhões de católicos que acompanharam a semana junto com o Papa Francisco. No caso, eu e minha esposa fomos responsáveis por vinte jovens da nossa paróquia em São Paulo e pudemos participar dessa grande oportunidade de renovação da fé, esperança e caridade.

IGREJA

Embora a Jornada seja muito mais do que um encontro com o Papa, a presença do Santo Padre é fundamental porque é com ele que podemos nos assegurar da unidade da Igreja. O Papa Francisco foi um peregrino como nós, mas com uma graça especial de ser o vigário de Jesus Cristo na Terra. Como o primeiro jesuíta e o primeiro latino-americano a ser Papa, sua simplicidade e carinho conquistaram todos e conseguimos atravessar as dificuldades encontradas.



Sua homilia na missa final, no domingo, nos exortou a levar o evangelho a todos, a sairmos de nossa comodidade de sermos Igreja apenas para aqueles com quem simpatizamos em opiniões ou com quem temos uma amizade natural; justamente porque somos comunidade, comunhão, podemos alargar o coração e o espírito para colaborarmos com Jesus Cristo, a fim de sermos discípulos e missionários da experiência da Igreja.

Não houve manifestações contrárias expressivas, embora existam registros de crimes isolados contra a liberdade religiosa, como quebra de imagens e ridicularização de



símbolos religiosos. A imprensa foi extremamente favorável, mostrando que jovens podem ter causas para ir às ruas de forma harmônica, ordenada, pacífica e com vigor político de construção econômica e cultural. Muito mais que turismo, muito mais que manifestação política, a Jornada é uma peregrinação e, como tal, como atestam as peregrinações na história europeia e americana, sempre traz consigo prosperidade.

Problemas de logística na distribuição do material da jornada, a falta de estrutura de banheiros e de transporte foram de fato os maiores desafios, como ficou claro com a transferência da vigília de sábado, que deveria ser em Guaratiba e acabou sendo em Copacabana. Ainda assim, os índices de violência, confusão ou crimes simplesmente foram praticamente inexistentes, inacreditáveis quando comparados com outros eventos de magnitude similar.

Por fim, a Jornada foi um momento de renovação da Igreja. Como disse D. Orani, em suas palavras finais no domingo, a Jornada Mundial da Juventude é a Nova Evangelização na prática. Essa beleza tão antiga e tão nova, como nos diz Santo Agostinho, que é a presença de Deus na vida de cada um e de todos, que traz o viço da Igreja como fundamento da pessoa e da sociedade. ▢

SEGUINDO CRISTO EM UMA ERA CIENTÍFICA

As questões que desejo abordar giram em torno do chamado conflito entre fé e ciência. Como não sou cientista, os problemas que levanto não são expressos com nuances científicas. Estou relatando o que ouvi dizer vindo do mundo da ciência, um relato impressionista de certos aspectos da história científica do universo que parecem se entrecruzar com a fé cristã. Estou preocupado com o modo como uma visão científica da realidade relaciona-se à visão cristã da realidade. Há alguma fórmula para lidar com as profundas diferenças de pontos de vista?

Abordarei essas questões em três passos. Primeiro, vou nomear cinco desafios que a ciência apresenta à fé – linguagem cristã tradicional. Segundo, vou lançar uma resposta construtiva descrevendo a espiritualidade. A espiritualidade oferece uma base, um ponto de partida, e um argumento para lidar com os problemas. A terceira parte delineia algumas maneiras através das quais os cristãos podem superar o caráter problemático de

uma visão de mundo científica através da sua integração à fé cristã. A ciência não é uma inimiga da fé cristã, mas uma amiga que ajuda a esclarecer a visão da realidade própria da fé.

Desafios científicos para a fé e a espiritualidade cristãs

Os cinco problemas a seguir são apresentados de forma abrupta, com muito pouco da nuance que eles exigem. Eles são cinco pontos considerados fundamentais para a fé cristã.

1^o O primeiro problema surge de um confronto entre o Deus da cristandade agindo livremente no mundo e uma visão científica que não consegue enxergá-lo no mundo. Na visão cristã, um Deus pessoal interage continuamente com os seres humanos. A ciência apresenta um cenário significativamente diferente. Não há virtualmente nenhum espaço para Deus agir como as outras causas verificadas no sistema. Os teólogos que dialogam com a ciência relutam em falar de um Deus que intervém



FÉ, CULTURA E CIÊNCIA



Pe. Roger Haight, S.J.¹,
Jesuíta americano,
doutor em Teologia pela
Universidade de Chicago

¹ Professor em instituições da Companhia em Manila, Chicago, Toronto, Cambridge. Deu cursos em Lima, Nairóbi, Paris e Pune (Índia). Foi presidente da Sociedade Teológica Católica da América. O autor apresenta a síntese da palestra que proferiu no Congresso Internacional de Teologia, realizado na Unisinos, São Leopoldo. O texto integral encontra-se nos Cadernos de Teologia Pública, v. 74, Instituto Humanitas (dezembro de 2012).

na dinâmica da história e age como uma causa mundana para realizar tarefas específicas.

2º O segundo problema subsiste em uma tensão entre o caráter aleatório do universo e a sua intencionalidade. Os cristãos vivem em um universo criado por um Deus pessoal e orientado para um objetivo específico. Em contrapartida, a ciência apresenta um universo em movimento constante; a mudança é a sua condição normal. A criação ainda está produzindo novas formas de ser em um processo gerado por uma tensão entre leis e ocorrências aleatórias ao longo de um vasto período de tempo. Essa profunda estrutura de caráter aleatório produz um sistema aberto que entra em conflito com uma visão intencional do universo.

3º Terceiro, a evolução é relevante para o que os cristãos costumam chamar de “pecado original”. A evolução conecta a emergência da espécie humana à luta violenta de todas as formas de vida para se manterem vivas. A evolução da humanidade refuta o pecado original como um evento ou uma queda. A ciência representa aquele momento definidor da história cristã como uma tendência natural humana, tendo em vista a evolução. A ideia de que essa tendência é uma estrutura objetiva que pode ser revertida por

um outro evento histórico chamado redenção agrava o fundamentalismo histórico.

4º Quarto, a ciência tem levantado um novo desafio para a doutrina cristã básica de uma única encarnação. Quanto mais a ciência pesquisa o universo, mais parece que a vida inteligente em outros planetas é não apenas possível mas também estatisticamente provável. Dada uma outra espécie de vida inteligente em um outro planeta, seria difícil não pensar em uma encarnação análoga ou paralela àquela de Jesus Cristo.

5º Quinto, a fé cristã caracteriza Jesus Cristo como uma presença divina na esfera da criação, que ocorreu uma única vez. No nosso mundo religioso plural, as alegações que os cristãos fazem sobre Jesus parecem ser exageradas. As doutrinas sobre a encarnação de Jesus, seu *status* exaltado e sua relevância universal podem ser anunciadas de uma maneira que reconheça a integridade das outras religiões?

Esses cinco problemas foram colocados de forma brusca. Acho que a maioria dos cristãos está ciente deles em variados graus. Por isso, vou recorrer a uma discussão sobre uma maneira que esses problemas podem ser solucionados, uma maneira que nos guie através da espiritualidade.

A espiritualidade de seguir Jesus

Como a fé participa do diálogo com a cultura científica? Trata-se de uma questão de método: o que ocorre quando um cristão considera os dados da ciência? Os cinco breves pontos a seguir dizem essencialmente o seguinte: a espiritualidade cristã estabelece os fundamentos básicos para absorver e integrar os dados de ciência na fé.

O primeiro ponto refere-se à noção de espiritualidade: o que é espiritualidade? Eu uso o termo para me referir à maneira como pessoas ou grupos levam suas vidas diante de alguma realidade transcendente. Com essa compreensão, é possível dizer que todas as pessoas que possuem um vida integrada têm espiritualidade porque elas possuem um princípio organizador transcendente e que guia o seu ser e as suas ações. A espiritualidade é, portanto, uma categoria holística, algo que engloba todas as coisas. A espiritualidade sintetiza as vidas das pessoas ou grupos, porque ela fornece um centro de gravidade para todas as ações que elas consideram mais importantes e dignas de vivenciar.

Segundo, seguindo esse modelo, a espiritualidade cristã consiste em seguir Jesus. Os cristãos são aqueles que moldaram suas vidas segundo o padrão de Jesus, na sua crença em Deus e nas leis de Deus.

A espiritualidade cristã inclui um conjunto de crenças, um código ético e vários comportamentos práticos espirituais, tais como a adoração de Deus na congregação cristã, as orações, outras formas de devoção e boas ações. Mas a base ou fundamento para toda a espiritualidade cristã nas muitas igrejas consiste em seguir Jesus. A cristandade começou seguindo Jesus, e é isso o que ela continua a ser e sempre será.

O terceiro ponto indica que a espiritualidade cristã sempre reflete o contexto histórico no qual ela existe. Isso pode ser demonstrado de forma factual se levarmos em consideração a história da espiritualidade cristã, onde vemos claramente diferentes maneiras de viver a vida cristã. Em outras palavras, o núcleo comum da ideia de seguir Jesus, isto é, viver ativamente a fé cristã em Deus de uma maneira que seja determinada pelos ensinamentos e o exemplo de Jesus, assume diferentes formas e tamanhos em diferentes culturas e ambientes históricos.

Esse fato observável merece um pouco mais de reflexão, porque ele contém o elemento fundamental do que desejo comunicar. Há diferentes níveis, ou andares, no lar da fé cristã. O piso térreo é a espiritualidade de seguir Jesus. É isso que define a fé em Deus como fé cristã, o fato dela se basear em, e ser moldada por, Jesus de Nazaré. Todos os

cristãos partilham esse mesmo piso térreo. Mas conforme subimos os andares do edifício, já encontramos diferenças. Diferentes maneiras de seguir Jesus, diferentes crenças sobre Jesus, diferentes ênfases entre valores éticos e diferentes padrões de adoração podem ser encontrados nos andares superiores do mesmo lar da cristandade. O que tem realmente unido os cristãos ao longo dos séculos e culturas não é o mesmo conjunto de palavras ou práticas, mas a mesma estrutura de espiritualidade básica que define uma pessoa ou grupo como cristão. A orientação fundamental da vida é informada e modelada por Jesus de Nazaré. Esse foi o ponto de partida histórico da própria cristandade, e a partir dessa base existencial corórea tudo o mais se desenvolveu.

O quarto ponto é que a espiritualidade cristã pode absorver diferentes sistemas culturais em si mesma e continuar a ser a mesma espiritualidade no seu aspecto básico de seguir Jesus. Uma fé e espiritualidade cristãs incorpora diferentes estilos, expressões e crenças, conforme ela se desenvolve. Mas isso significa que não devemos pensar na relação entre cristandade e cultura científica como um confronto entre dois conjuntos paralelos de crenças ou ideologias da mesma espécie. A maneira de compreender essa relação não é alinhar as doutrinas e crenças para poder compará-las

e negociar entre elas. Não devemos dizer: “A cristandade defende essa verdade e a ciência defende aquela verdade”, como se duas visões de mundo objetivas e definidas em termos das suas proposições pudessem ser comparadas e contrastadas. A espiritualidade cristã conecta uma pessoa a Deus com base na fé mediada por Jesus; a ciência é uma maneira de compreender esse mundo com base em evidências empíricas. Uma fórmula melhor para definir essa relação seria esta: a espiritualidade cristã se desdobra em uma cultura científica e tecnológica e em uma visão de mundo; portanto, ela formulará suas crenças em Deus, definirá suas normas éticas e expressará sua adoração de Deus de uma forma que seja derivada da espiritualidade cristã, mas que se encaixe nessa nova cultura da mesma maneira que a espiritualidade cristã sempre fez.

E finalmente, quinto, permitam-me formular uma tese que servirá de guia para a terceira parte deste ensaio. A espiritualidade de seguir Jesus que transpira em uma cultura secular, científica e tecnológica estabelece a base para compreendermos Jesus como o Cristo dentro daquela cultura. A teologia e, em último caso, as doutrinas surgem em cada período da história cristã a partir da espiritualidade cristã. A espiritualidade, ou a vida vivida com base em uma conexão com

Deus mediada por Jesus, serve de fonte para uma compreensão construtiva das crenças, éticas e práticas espirituais cristãs, expressas em termos da cultura que temos em mãos.

Seguir Jesus em uma era científica

Agora passo para a terceira parte desta discussão intitulada "Seguir Jesus em uma cultura científica". Nela seguirei a fórmula de atrair a cultura científica para a dinâmica de seguir Jesus a fim de que a espiritualidade cristã se insira nessa cultura.

Reconhecendo a imanência de Deus

O primeiro desafio da ciência para a crença cristã que consideramos antes surge da relutância em considerar Deus como participando, ou intervindo nos sistemas do mundo natural. Mas, se pensarmos em termos mais amplos como Deus sendo o poder interior do próprio *ser*, conforme expresso na concepção da criação a partir do nada, isso transporta o conceito da imanência de Deus para o nosso mundo de uma maneira que não é hostil à ciência e é bastante relevante para a espiritualidade.

A ideia de criação vem das escrituras hebraicas e, após Jesus, ela foi refinada com a ideia de que

Deus cria a partir do nada. A criação a partir do nada significa que "nada" se coloca entre Deus e as criaturas, e isso transforma Deus no poder sustentador do próprio ser. Deus então não pode ser pensado como totalmente fora da criação, mas pelo contrário, como o poder intrínseco de ser que há em tudo o que é.

Deus não intervém na história, porque Deus está "dentro" da história. Deus interviria a partir de onde? Para compreendermos como Deus atua, é preciso termos bem claro que a criação da causalidade por parte de Deus é radicalmente diferente da causalidade mundana. Deus não faz com que essa ou aquela coisa aconteçam porque agentes finitos que atuam na esfera da realidade criada fazem com que algo aconteça. Ao invés disso, Deus está dentro de toda a realidade que sustenta o sistema e os eventos individuais do mundo. Todas as coisas acontecem devido às causas finitas que operam de forma autônoma na sua esfera, ao mesmo tempo em que são sustentadas no seu ser pelo poder criativo de Deus. Como podemos apreciar essa ideia religiosamente? Podemos pensar em Deus não como a causa dos eventos do mundo, mas como aquele que acompanha cada evento e está presente pessoalmente em cada pessoa, seja nas adversidades ou nos sucessos.

Convivendo com a aleatoriedade

A espiritualidade de seguir Jesus permite que os cristãos convivam com o caráter aleatório e regozijem-se com isso. A finalidade no cosmos e na história não exige que todos os eventos sejam programados. A aleatoriedade de um sistema e o movimento de todo o sistema em direção a um objetivo não são conceitos opostos. Ao longo do ou na essência do tempo é possível perceber uma orientação do movimento em direção à complexidade: seres mais complexos e sociedades mais complexas. Embora o futuro seja imprevisível, se analisarmos o passado é possível ler uma orientação que levou ao surgimento da espécie humana. A criatividade permanente de Deus pode ser pensada não como atuando contra o caráter aleatório dos eventos, mas utilizando-o como uma maneira de realizar as finalidades transcendentais de Deus. Isso não estabelece a finalidade, mas mostra que o caráter aleatório não exclui a finalidade.

Isso, por sua vez, tem um efeito sobre a espiritualidade de seguir Jesus. Não podemos esperar que Deus realize em nível histórico aquilo que Deus permitiu à liberdade humana trabalhar e realizar. Essa visão enfatiza a seriedade da liberdade humana e o fato de que, através da evolução, Deus tem de alguma forma confiado a história às decisões humanas. Quando a

espiritualidade consulta a ciência contemporânea, “é mais útil pensar em Deus como o fundamento infinitamente generoso das novas possibilidades para o devir do mundo do que como um ‘designer’ ou ‘planejador’ que mapeou o mundo em cada detalhe a partir de algum ponto indefinidamente remoto no passado”¹. Apesar da lógica violenta e aparentemente cruel da evolução, na qual todas as formas de vida em último caso deixarão de existir, as pessoas esperam encontrar um significado coerente que tenha um caráter de salvação no futuro absoluto. Portanto, a noção científica de evolução translada o centro de gravidade da fé e da espiritualidade em direção à esperança.

Rearranjando a história cristã

Vimos que não podemos transformar o mito religioso de um pecado original em um evento histórico e a relativa ideia de redenção humana como algo a ser realizado em uma transação literal entre Jesus e Deus feita por nós e por trás de nós. A existência humana parece realmente estar envolta por um véu de pecado. E Jesus representa um padrão de vida humana guiado pelo poder do Espírito de Deus que, de várias maneiras, contrapõe-se ao pecado através do seu amor abnegado. Jesus salva ao revelar uma maneira de viver sustentada pelo Espírito de Deus e que leva à ressurreição.

O reconhecimento da evolução com relação ao pecado contribui com duas novas dimensões para a espiritualidade cristã. A continuidade entre a existência humana e os padrões de vida a partir dos quais a existência humana surgiu fornecem os dados que explicam a violência observada na vida humana histórica. Essa é a nossa história. Mas, ao mesmo tempo, a humanidade constitui um novo nível de autoconsciência e liberdade na história evolucionária. Os seres humanos são chamados a adotar um novo conjunto de padrões de comportamento, acima da competição evolucionária. Ao invés de lutar pela sobrevivência com outros seres humanos ou outras espécies, os seres humanos são chamados à cooperação e à solidariedade. A salvação não se refere em reparar o passado ou restaurar um estado de ser idealizado; o universo está seguindo em frente, e os seres humanos agora exercem um papel consciente e deliberado no projeto. O seguir Jesus é transformado em um modo de vida ativo, que é responsável pelo mundo e tem um olho no futuro, e o projeto de construir novos relacionamentos de solidariedade.

A relevância universal de Jesus no pluralismo religioso

Jesus é universalmente relevante, porque ele revela o Deus criador com o qual toda a realidade

e todos os seres humanos estão relacionados. A ciência abre um horizonte cósmico que torna difícil manter uma visão de realidade, seja antropocêntrica ou cristocêntrica. O tamanho do universo nos proporciona uma melhor sensação da infinidade de Deus. O pensamento cósmico modifica a perspectiva cristã, que deixa de ser cristocêntrica para se tornar teocêntrica. Mas, uma vez que uma perspectiva teocêntrica seja adotada, as implicações da criação de Deus se tornam relevantes. A criação a partir do nada implica a presença de Deus em toda a realidade, mas de uma forma pessoal, graciosa e dialógica em todos os seres inteligentes. Nesse ponto, todos os argumentos a favor de uma encarnação na esfera dos seres inteligentes em outros planetas também se aplicam à história humana. Devemos esperar encontrar outras figuras salvadoras na nossa própria história humana.

Essa percepção gira em torno de três axiomas: a suposição de que as culturas são profundamente diferentes, que Deus deseja assim comunicar a todos que Deus encarnará em cada diferente cultura, e que essas encarnações do Espírito de Deus não competem entre si. Resumindo, devemos esperar que Deus se torne tão encarnado nas outras religiões quanto Deus encarnou no Judaísmo através de Jesus. Mas isso requer uma revisão da nossa ideia de encarnação.

Reformulando a Encarnação

Eu remeto então ao conceito de encarnação que utilizamos. Não deveríamos pensar na encarnação nos termos imaginários das tiras de um desenho em quadrinhos: Deus lá em cima, Deus desce à Terra e Deus retorna novamente. A encarnação refere-se mais basicamente ao fato de Deus ser o que há em todas as coisas, o poder e o amor que sustenta o próprio ser finito. Deus não intervém na realidade criada porque, como a espiritualidade cristã reconhece, Deus é o “que está no âmago” de toda a realidade.

Karl Rahner trabalha com a ideia de que Deus, como criador contínuo, sustenta a evolução. Novos seres e novas formas de ser são apoiados pela causalidade interna ou pelo poder criativo de Deus². O que Rahner diz em linguagem metafísica sobre a causalidade de Deus na criação corresponde à linguagem bíblica do Espírito de Deus. “O Espírito pode ser compreendido como o poder divino imanente que possibilita a emergência evolucionária, provendo continuamente à própria criação a capacidade de transcender a si mesma e se tornar mais do que ela é. O Sopro de Deus sopra vida em todo o processo de um universo emergente. O Espírito Santo é o princípio divino imanente que empurra a criação em direção a um futuro aberto”³.

A ideia da encarnação deveria ser expandida. A encarnação não deveria ser concebida apenas como um evento passado que aconteceu em um ponto no tempo, uma vez para sempre. A encarnação expressa o poder intrínseco e o amor de Deus como Espírito que abrange a existência desde o início. Nos três primeiros Evangelhos, Marcos, Mateus e Lucas retratam a encarnação de Deus em Jesus exatamente nesses termos. Jesus é um representante icônico particular de uma encarnação mais profunda que sempre abrangeu o universo mas que se fez presente “nesses últimos dias” em Jesus (Heb 1:1).

Conclusão

Concluindo, pergunto que diferença essa espécie de reflexão faz para a comunidade cristã? Vejo uma função e relevância duplas. Primeiro, empreender essa discussão evita os conceitos ingênuos e antropomórficos da ação de Deus no mundo que costumam fracassar, e portanto decepcionar e às vezes gerar escândalos. Segundo, se entrarmos nessa questão, essas análises podem abrir a imaginação de um modo receptivo para compreender o mundo, o nosso papel nele, e a relação de Deus com o mundo e a história de formas positivas que possam energizar a espiritualidade. Uma pessoa de fé vivencia uma visão imaginativa da

realidade. Uma visão criticamente sensível terá um poder mais profundo e mais duradouro.

Esse diálogo com a ciência poderá convenientemente ser encerrado com um improviso sobre o conceito de Pierre Teilhard de Chardin da existência humana sustentada pelas duas mãos de Deus⁴.

Uma mão de Deus é o poder sustentador de Deus ao criar a causalidade. Deus sustenta cada criatura através da causalidade de Deus, que atinge cada ser na sua individualidade. Deus, como entidade pessoal e amável, está presente em cada ser individual e o nutre de existência a partir de dentro. A outra mão de Deus é exatamente não o Deus diretamente presente em um ser, mas consiste das causas secundárias que envolvem cada ser em um dado tempo e lugar: família, amigos, formação e assim por diante. Não podemos ler as intenções de Deus nos eventos que afetam a cada um de nós, porque Deus os sustenta no seu ser, mas não os dirige. Mas Deus acompanha cada um de nós nos eventos positivos e negativos da teia de causalidades mundanas, aqueles que promovem a vida e aqueles que a destroem. Essas duas mãos de Deus sustentam o universo e cada um de nós contido nele. Os cristãos esperam que o abraço direto de Deus nos encontre e nos sustente quando finalmente sucumbirmos ao ritmo do universo em evolução. ▢

A UNIVERSIDADE PARA ALÉM DAS FRONTEIRAS

A universidade é um campo apostólico privilegiado dos jesuítas na formação da juventude, de forma integral e visando a excelência. A universidade jesuíta, porém, não está a serviço da formação de elites como um grupo separado dos problemas da cidade, mas, ao contrário, trabalha a qualidade acadêmica como forma de inclusão social e visa a excelência humana para um maior serviço a esta mesma sociedade. Portanto, uma universidade é um meio concreto para atingir um fim apostólico, a saber, a formação qualificada dos jovens e sua excelência humana, para assim contribuir-

mos na transformação das pessoas e das realidades sociais e históricas, em vista da construção do Reino de Deus.

Mas, afinal, por que uma universidade jesuíta aqui no Recife? E no Brasil, país emergente e promissor, até que ponto ainda se justifica a necessidade de atuação jesuíta na educação superior? Quais os desafios do apostolado acadêmico e quais as novas fronteiras da educação? O que distingue uma universidade jesuíta de outras instituições? Quais as perspectivas de futuro de uma universidade católica, jesuíta

e comunitária no contexto de uma sociedade cada vez mais laica, um

mundo totalmente globalizado e uma economia de mercado que se impõe?

Mais que responder a essas perguntas, gostaria de refletir sobre alguns princípios importantes para situar a universidade no contexto da nossa missão de serviço à igreja e à sociedade. Em um mundo de muitas e rápidas mudanças, é preciso revisitar os fundamentos de nossa missão e, abertos aos sinais dos tempos, discernir os passos que somos convidados a dar na busca de refundação constante de nossas instituições, em vista do espírito que nos anima.

A Companhia de Jesus nasceu de universitários

De alguma forma, a Ordem dos Jesuítas nasceu de um grupo de estudantes universitários que sonhavam com um mundo diferente. Esse grupo dos primeiros companheiros queria transformar o mundo a partir das pessoas, buscando as mediações da manifestação e da glória de Deus. E, como diziam os

FÉ, CULTURA E CIÊNCIA



Pe. Adolfo Nicolás, S.J.,
Superior Geral da
Companhia de Jesus

No dia 12 de julho de 2013, o Padre Geral participou da comemoração dos 70 anos da Universidade Católica do Recife, quando abordou o tema: "Unicap: na cidade das pontes, uma universidade sem fronteiras". Transcrevemos trechos de seu pronunciamento que se aplicam à missão das nossas universidades.



Pais da Igreja, nos primeiros séculos do cristianismo, “a glória de Deus é que o ser humano viva plenamente” (Irineu Lyon). Nascida do coração da Igreja em tempos de reformas, a Companhia de Jesus surgiu no meio da efervescência universitária de Paris e desse grupo de companheiros liderados por Inácio de Loyola. Esse momento fundacional ficará marcado, artisticamente, na capela do campus da Unicap, recentemente reformada, com o toque de beleza ímpar de Cláudio Pastro.

Destaco a importância da renovação desse espaço precisamente neste ano em que o Brasil será o destino de milhões de jovens do mundo inteiro e no ano em que celebramos os 70 anos do início desse projeto universitário: esses símbolos remetem ao desejo de “refundação” e de renovação dessa instituição, plena de dinamismo. Como sabemos, em cada semestre chega uma nova geração de estudantes: desejo que eles contribuam e participem da constante renovação da missão dessa universidade! Que esse novo espaço litúrgico, diferenciado, no coração da cidade e do *campus*, possa ser um verdadeiro oásis no meio do corre-corre urbano e dos compromissos acadêmicos! Recordo como me inspirou um professor budista em uma visita a um colégio nosso no Japão. Outro professor budista havia sido contratado pelo colégio,

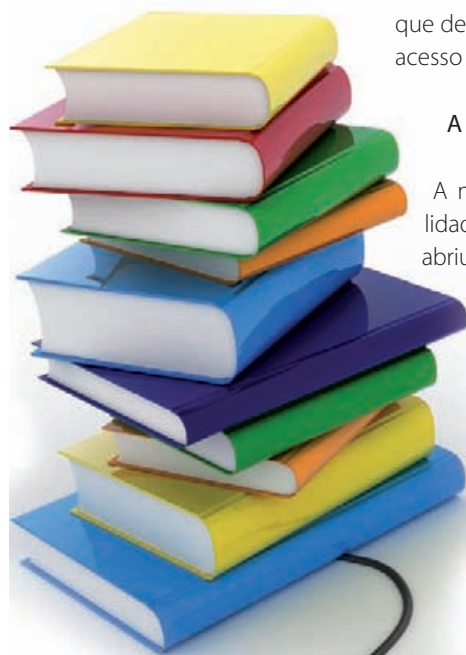
inclusive porque havia ocultado sua participação a uma seita (budista) bastante militante e anticristã. Parece que o novo professor vivia criticando o fato de haver uma capela no colégio, o que ele considerava parte de uma “lavagem cerebral” religiosa dos alunos. Nosso budista mais antigo, porém, lhe disse: “veja, rapaz, tu não entendeste nada do que é a educação aqui; estás reclamando da existência da capela, mas neste colégio, quando entras pela porta, *tudo é capela*”. Eu nunca encontrei uma explicação melhor do que nós jesuítas queremos com nossa educação. *Tudo*, quer dizer, as salas de aula, o pátio de recreio, as quadras de esportes, os laboratórios, o anfiteatro... *Tudo é capela*. E o que santifica um colégio ou uma universidade não são os espaços sagrados, mas os estudantes: eles são a imagem de Deus que queremos dar a Deus, se queremos servir a um povo.

O exemplo de Santo Inácio

Que bonito seria se as pessoas, sobretudo os jovens estudantes, contemplando aquele grupo de universitários sonhadores do século XVI que deu origem à ordem dos jesuítas, dissessem algo assim: “se Inácio e os primeiros companheiros fizeram tantas coisas, eu também posso fazer algo para transformar o mundo!” Na verdade, foi assim que aconteceu com Inigo de Loyola,

cavaleiro medieval atingido em sua perna e em seu orgulho juvenil: convalescente, lendo história dos santos, ele se deu a si mesmo um desafio tão imaturo quanto decisivo: “se São Francisco e São Domingos fizeram grandes prodígios, eu também posso fazer...” Ele ainda não havia descoberto que todo dom de transformação não nasce de nós mesmos, mas que é dom de Deus para os outros. Por sua vez, a universidade como tal poderia ter ficado somente como um lugar histórico do encontro do grupo de companheiros que fundaram a Companhia de Jesus. No entanto, esse ponto de partida acabou se tornando, efetivamente, um campo apostólico privilegiado do trabalho com a formação da juventude, aqui como em muitos lugares do mundo.

O Brasil é uma jovem nação, promissora e em pleno desenvolvimento. Mas o seu maior patrimônio é a juventude, sua gente. Paradoxalmente, aqui e em outros países da América Latina, esse patrimônio está ameaçado, tanto pelas situações históricas de pobreza quanto pelas novas ilusões consumistas. Na verdade, faltam reais oportunidades para o desenvolvimento pleno da grande maioria dos jovens. E, mesmo para os privilegiados que alcançam uma formação profissional e técnica de qualidade, percebe-se a carência de valores humanísticos, capazes de transformar o destino de novas gerações. Em um



que detêm o poder e controlam o acesso aos bens sociais.

A socialização do saber

A mundialização é uma realidade que, incontestavelmente, abriu novos horizontes de comunicação e possibilitou uma gama de relação entre os povos, inaugurando a “aldeia global”. Mas, como toda realidade humana, a globalização corre o risco de ficar somente na superficialidade e, sobretudo, pode ampliar e generalizar as formas de exclusão. Oferecer uma “alternativa” é a segunda função do profeta (sendo a

e outro caso, esses jovens estão reféns de muitas situações, ou da pobreza enraizada e generalizada ou do consumismo exacerbado, impossibilitando-os de contribuir, efetivamente, com a necessária transformação das realidades históricas gritantes ou de evitar as novas formas de escravidão, alienação e empobrecimento. Na chamada “sociedade do conhecimento”, sabemos que a senha para entrar e participar é a aquisição do conhecimento. E, ao mesmo tempo, o conhecimento exclui ou torna-se motivo de exclusão da maioria, ficando nas mãos daqueles

primeira evidenciar e tornar visível o que está oculto de injustiça, de opressão e de corrupção). Nesse momento, por exemplo, milhares de estudantes de todo o mundo seguem cursos na Universidade de Harvard. Eu também estou fazendo um. Harvard e o Instituto de Tecnologia de Massachusetts - MIT, os dois gigantes acadêmicos de Boston, fizeram há poucos meses um acordo de milhões de dólares para colocar todos os seus cursos *on line*. A cada

mês que passa, novas universidades vão entrando nesse acordo. Um dos presidentes disse que desejavam oferecer educação gratuita a todos os que tiverem conexão à internet. A iniciativa provocou, em diversos países, a formação espontânea de grupos de estudantes que querem estudar juntos e grupos de tutores que querem acompanhá-los, tornando-se possível uma interação que nos parece muito importante para uma formação integral. Isso é totalmente revolucionário e nos permite sonhar com uma alternativa à exclusão, quer dizer, criar centenas de “centros de estudo” pelo Brasil afora para que se possa educar a todos que estão excluídos da educação.

Nesse contexto, as universidades têm uma tarefa ímpar no aprofundamento crítico do fenômeno da globalização, bem como a possibilidade de propor alternativas concretas para minimizar os efeitos da exclusão. Em outras palavras, uma universidade católica jesuíta não pode se contentar em criticar e fazer diagnóstico dos grandes problemas da humanidade, mas tem como missão fazer dialogar os diversos saberes para buscar e propor alternativas de uma so-

cidade sustentável e realmente humana.

Vocação para um novo humanismo

De certa forma, um grande diferencial da universidade católica e jesuíta é a sua vocação humanística: sua identidade e missão de busca incessante da verdade mediante os diversos saberes, não se reduz a um exercício intelectual, mas se traduz em seguimento de Jesus Cristo, filho de Deus e Deus feito humano. Portanto, a missão universitária quer e pode contribuir na elaboração de novos humanismos, na perspectiva de humanização da própria humanidade: mais que uma redundância, trata-se de conceber o ser humano como uma obra inacabada, dentro de um processo dinâmico de crescimento e transformação, no exercício de sua liberdade e aberto à transcendência. Conhecemos o caso daquele menino travesso que, sendo impossível continuar no colégio, quando iam expulsá-lo, saiu com esta: “Esperem! Deus não concluiu o que está fazendo comigo”.

Os Exercícios Espirituais

Nesse contexto, identificamos a pedagogia jesuíta que, inspirada nos Exercícios Espirituais e aplicável a todo campo de ação, repousa sobre o princípio de que o ser

humano e as realidades históricas podem ser transformados. Por isso, a educação é uma mediação importante para a humanização. Nesse passo, além do ensino e da pesquisa, uma universidade tem um papel social indispensável na promoção de experiências marcantes e profundas, preparando o estudante para o exercício de uma profissão, descobrindo e desenvolvendo seus talentos na perspectiva de uma formação integral. Isso, que deveria ser verdadeiro para toda universidade, em uma instituição católica e jesuíta torna-se parte de sua própria razão de ser e de seu constante discernimento do sentido e da maneira de atuar. Isso significa, consequentemente, que a missão universitária é uma tradição em constante *aggiornamento*, para usar essa bela expressão do concílio Vaticano II, que indica a necessidade vital de atualização dos motivos fundacionais de uma instituição.

O Papa Francisco, pregando recentemente sobre Maria, sublinhou três palavras-chaves: Escuta – Discernimento – Ação. Essa é, evidentemente, a versão inaciana do método Ver – Julgar – Agir. E é isso que queremos de nossos estudantes. Formar homens e mulheres que saibam ver e escutar, sentir e entender a realidade; que saibam julgar e discernir e, em seguida, possam atuar para tornar nosso mundo um pouco melhor.

Universidade como mediação da missão

Em uma ordem missionária e apostólica como a Companhia de Jesus, o lugar é muito importante, sobretudo porque é fruto de um discernimento não apenas no momento da “implantação” de uma obra, mas em seu exercício e finalidade. Primeiro, importa discernir onde marcar presença: porque um país, cidade ou região são lugares concretos onde podem surgir os apelos a uma atuação jesuíta, a partir de um contexto histórico, de demandas reais, dos apelos da Igreja e da incidência social. E, segundo, cabe discernir qual a melhor forma de atuação nesse lugar escolhido. No entanto, quer comecemos pela escolha do lugar ou pela forma de atuação, o processo de discernimento é mais importante, inclusive em relação ao futuro da permanência nesse lugar ou dessa forma. Somente o discernimento poderá assegurar a liberdade e disponibilidade do nosso modo de proceder, conforme o carisma inaciano.

Fazer a memória é, sem dúvidas, a melhor forma de reconhecimento do trabalho de bravos jesuítas e de várias gerações de colaboradores: esses pioneiros, homens e mulheres, merecem a nossa homenagem e ação de graças. Mas, ao mesmo tempo, cabe honrar o presente dos que continuam a obra

se fazem do trabalho uma missão, revelando o potencial dinâmico da universidade, projetando-a para as próximas gerações. Afinal, uma universidade só tem futuro se ela souber superar os desafios que lhe são dados enfrentar, se revelar sua pertinência para a sociedade de cada época e se conseguir “atualizar” sua missão, contemporaneamente expressa nas orientações jesuítas com o binômio do “serviço da fé e promoção da justiça”.

A grande missão

Há uma mudança importante na linguagem da Igreja com respeito à missão. Hoje em dia se fala em muitos círculos, incluindo o Papa, da “*Missio Dei*”. Quer dizer: da missão para além dos projetos concretos e particulares. O que realmente importa é o que Deus quer de nosso mundo. E nessa Grande Missão, todos nós participamos igualmente. Por isso, o agradecimento e a alegria. Em meu novo trabalho, senti que era importante reler Santo Inácio. Impressiona ver com que gratidão e carinho ele escreve aos cooperadores e benfeitores, em suas cartas se despede com esses termos: “...esta Mínima Companhia, que é tão vossa quanto minha”.

Nesse 70º aniversário da pedra fundamental da Unicap, concluo, vislumbrando o futuro na perspectiva do “jubileu de diamante”, a partir de alguns pontos significa-

tivos para uma universidade em missão. Trata-se de reinterpretar a tradição como “uma âncora lançada para o futuro”, segundo a expressão da carta aos Hebreus (Hb 6,19). E o tempo é favorável. De uma parte, porque estamos na perspectiva de uma nova província jesuíta do Brasil: não se trata apenas de unificar as províncias regionais, mas principalmente favorecer uma maior cooperação entre as diversas formas de atuação. De outra parte, contemplando a sociedade brasileira e a Igreja no Brasil, faz-se necessário identificar os maiores desafios da missão e suas “novas fronteiras”, não somente geográficas, mas também ideológicas, culturais e humanitárias. Retomo alguns exemplos de parcerias em exercício, encorajando-os a seguirem essa pista:

Comunidade universitária

A colaboração de todos e de cada um, funcionários, professores e estudantes, na construção cotidiana de uma verdadeira comunidade universitária. No Brasil, as universidades comunitárias representam esse terceiro setor, nem público nem privado, ou “público não estatal”; para além dos aspectos jurídicos e políticos da questão, importa testemunhar os valores de uma verdadeira comunidade universitária. Todos vocês conhecem o livro sobre Educação

de Hillary Clinton: *It takes a Village*. Sinto que aqui isso se pode tornar uma realidade, do contrário sofreremos todos.

Colaboração com a Igreja

Uma parceria afetiva e efetiva com a Igreja na formação de seminaristas, religiosos/as e leigos para o maior serviço da fé. O Papa quer de seus pastores que conheçam a vida e os problemas de suas ovelhas, para melhor acompanhá-las em sua busca. Ele está assim nos animando a todos a “sair de casa” e ir às ruas. Isso resultará, sem dúvidas, em melhores pastores. Essa é uma importante missão para a Companhia e podem contar com o meu apoio. Desejo aos professores, jesuítas ou não, que não meçam esforços para garantir uma formação sólida e aberta, preparando gerações para os desafios da missão futura.

Convênios e parcerias em projetos locais

A universidade tem muitos convênios com instituições municipais, estaduais e nacionais na realização de vários projetos, sobretudo na perspectiva da transformação social e maior incidência de nosso trabalho. Embora cientes da distinção entre Igreja e Estado nas democracias modernas e contemporâneas, precisamos fazer pontes para garantir o acesso de todos aos bens públicos,

principalmente àqueles mais empobrecidos que ficam à margem. Talvez entre aqui o que mencionei anteriormente sobre o acesso à internet para termos uma educação melhor para todos. Creio que seria importante criarmos grupos de estudos nessa linha, pelas grandes vantagens que se tem: baixo custo para um país; muito rendimento; acesso aos melhores professores do mundo; elevação do nível da educação e cultura de todos.

Parcerias com as universidades jesuítas

Incentivo vivamente as parcerias das universidades jesuítas do Brasil e da América Latina, segundo a agenda da AUSJAL (Associação de Universidades confiadas à Companhia de Jesus na América Latina). Na mesma linha, seria importante buscar formas de interagir com

outras obras da Companhia de Jesus, como vem sendo feito com a Fundação Fé e Alegria do Brasil, com o Instituto Humanitas da Unisinos, agora também na Unicap; e, superando distâncias maiores, encorajo a continuidade de colaboração com a região Amazônica, tanto na questão social (em parceria com o SARES) quanto na formação do clero, ultimamente (a serviço da Arquidiocese de Porto Velho).

Participação nas redes de Educação Superior

Destaco, finalmente, a importância da participação da universidade em várias redes de Educação Superior, tanto no âmbito nacional como internacional, notadamente a Federação Internacional de Universidades Católicas – FIUC, que tem como presidente o reitor da Unicap e que envolve toda a universidade.

Todas essas parcerias indicam, enfim, que não somos autossuficientes e que não podemos fazer nada sozinhos e isolados. Graças a Deus! É notável a insistência do Papa Francisco em não sermos auto-referenciais. Isso vale ainda mais para uma universidade. Mas, ao mesmo tempo, para além da necessidade por causa da diminuição do número de jesuítas, essas parcerias revelam um novo “modo de proceder” e um novo estilo de atuação em rede. Na verdade, sempre contamos com a colaboração de muita gente nas chamadas “nossas” obras. Mas, atualmente, além da necessidade, temos a firme e feliz convicção de que a colaboração é o novo jeito de ser e de atuar. Portanto, professores e funcionários, amigos e parceiros, não são meros colaboradores “dos” jesuítas.

De fato, todos nós, homens e mulheres, somos colaboradores da missão do Cristo. ▢

Decretos da Congregação Geral XXXIV da Companhia de Jesus ***D. 17: A Companhia e a Vida Universitária***

10. Nossas universidades promoverão o trabalho interdisciplinas que implica espírito de colaboração e diálogo entre especialistas da própria universidade como também de outras. Desse modo, servindo a fé e promovendo a justiça de acordo com seu caráter próprio de universidade, poderão descobrir novas perspectivas e novos campos de pesquisa, ensino e serviços de extensão universitária, contribuindo assim para a transformação da sociedade rumo a realizações mais cabais da justiça e da liberdade. Assim nossas universidades terão maiores chances de promover a colaboração inter-universitária e, em particular, de empreender projetos comuns entre universidades da Companhia do Primeiro e do Terceiro Mundo.

Fonte: COMPANHIA DE JESUS. *Jesuítas e Leigos: Servidores da Missão de Cristo*. São Paulo: Loyola, 1997, p. 115.

REDES DE COOPERAÇÃO NA AMÉRICA LATINA: ENSINAMENTOS DE SANTO INÁCIO

Para abordar o tema da cooperação e das redes na América Latina desejo fazer primeiramente algumas considerações históricas e pessoais.

Estamos próximos da celebração do segundo centenário da Re-fundação da Companhia de Jesus.

O final do século XVIII e o começo do século XIX foram bem difíceis para a Igreja. O mundo intelectual, o mundo das “luzes”, com seu racionalismo enciclopédico, opunha-se ao mundo da fé. A Revolução Francesa, fortemente anticlerical, perseguia a Igreja. O Papa era mantido na França, praticamente prisioneiro de Napoleão. A Igreja estava cercada de todos os lados, obrigada a assumir uma atitude defensiva.

Como consequência, não se definia por uma relação com o mundo; pelo contrário, preferia apresentar-se como “sociedade perfeita”, autônoma.

Produziu-se então um movi-



que, em vez de anunciar a mensagem aos que estavam fora, procurava fortalecer a incorporação dos fiéis à Igreja. Fundaram-se muitas congregações para consolidar, defender e ampliá-la. Dentro desse contexto a Companhia de Jesus é refundada, ela que tinha sido extinta pela pressão dos Bourbons.

Contribuição do Vaticano II

O Concílio mudou essa perspectiva.

A Igreja é vista como um sinal, um serviço para a humanidade. Isso implica na necessidade de

abrir-se e de dirigir uma mensagem inteligível aos que se encontram fora dela. Foi um chamado para que dialogue com todas as culturas e religiões.

Nesse contexto encontram-se nossas universidades e cresce a necessidade de cooperação entre nós. A visão de Santo Inácio deveria nos ajudar nessa tarefa.

Depois do Concílio, os meios de comunicação e, em particular, a internet foram quebrando todas as barreiras do espaço e do tempo. As fronteiras nacionais foram ultrapassadas e o intercâmbio de mercadorias, ideias, costumes e valores anteciparam em dar sentido real a uma sociedade interconectada.

Essa é a realidade em que vivemos todos os dias e que nos motiva a voltar ao nosso carisma para ver o que faria Inácio diante das possibilidades apostólicas que a nova situação oferece. Como co-

FÉ,
CULTURA E
CIÊNCIA



Pe. Fernando Montes, S.J.,

Reitor da Universidade Alberto Hurtado, Chile.

*Palestra proferida na
Semana da Qualidade
no Ensino, Pesquisa e
Extensão, 2º semestre.
São Bernardo do Campo,
31 de julho de 2013.*

1 Tem Licenciatura em Filosofia, Teologia e Sociologia. Foi responsável pela formação dos estudantes jesuítas, reitor do Colégio Santo Inácio, de Santiago, administrador e Superior Provincial, presidente da Confederação dos Religiosos e assessor da Conferência Episcopal do Chile.

locar o debate entre a fé e a razão para não que não fique preso às estreitezas do século XIX?

Fé e razão

Como reitor de universidade e sociólogo, gosto do debate, da discussão entre a fé e a razão. É fundamental analisar como se aproximam.

Muitas universidades, em seus cursos, quando abordam essa relação, colocam o foco do exercício da razão somente na ciência e tecnologia. Acredita-se que a razão deve ocupar-se da verdade. Mas, pouco a pouco, estreita-se o horizonte da verdade reduzindo à verdade instrumental das ciências positivas.

Cremos, porém, que a universidade deve abarcar a totalidade da cultura que orienta a vida humana abrangendo o bem, a beleza, os costumes e não apenas a economia e o progresso técnico.

Sob esse aspecto desenvolverei meu pensamento ao falar da formação de redes e colaboração.

É o conjunto da sociedade e da humanidade que se vê afetado por um tipo de cultura que deve ser enfrentada pelas nossas universidades, para que essa cultura se humanize e não destrua o ser humano.

É importante que a universidade se preocupe com a totalidade do homem, de sua vida social e pessoal, da relação consigo mesmo,

com a natureza e com Deus; com o sofrimento, com o sentido da vida. Não pode ficar limitada aos dados das ciências positivas e à tecnologia. É fundamental humanizar a cultura de modo que não venha a destruir o ser humano.

Há muitos anos atrás, estive no Peru para fazer uma pesquisa. Fui sozinho até Machu Pichu. Levava um livro de poesia de Pablo Neruda. Queria passar a noite naquelas alturas e, no dia seguinte, celebrar a missa. Foi de madrugada. Quando celebrava, ao ver e tocar as pedras daquelas ruínas que foram palácios e agora são solidão e abandono, repetia o que escreveu Neruda, no *Canto Geral*:

*"Aire en el aire... y el hombre
donde estaba?
Piedra en la piedra y el
hombre donde estaba?
Devuelveme al esclavo
que enterraste!"*

Essa maravilha em pedra foi construída à custa dos escravos!

Evangelização da Cultura

Meu país está progredindo, construindo estradas, melhorando a economia, aumentando a produtividade. Como cristão e como reitor de universidade volto a dizer: *"el hombre donde estaba?"*

Não quero que meu país cresça destruindo o homem.

É fundamental que nossas universidades contribuam para um progresso humano integral.

Isso supõe refletir sobre a cultura que está orientando toda vida social e dando sentido ao progresso.

Inácio teve que passar por um longo processo para descobrir a importância de evangelizar a cultura. Não foi fácil compreender que o melhor modo de servir e ajudar aos outros era trabalhar a cultura. Teve que dar muitas voltas até descobrir a importância da educação.

Os primeiros passos de sua conversão, em Pamplona e Loyola, fazem-no conhecer o mundo interior, o discernimento, a ascética. Demorou muito para descobrir a vocação para o serviço e muito mais, a eficiência apostólica da evangelização cultural para concretizar esse serviço.

Em Manresa, deixa os excessos ascéticos e começa a sair de si mesmo para servir aos outros.

Depois da fracassada viagem à Terra Santa, dá uma virada na vida dedicando muitos anos aos estudos nas melhores universidades de seu tempo.

Um discernimento profundo levou-o a perceber que é o caminho da cultura que amplia os horizontes.

Em Paris, não só encontra pessoas de outros lugares, mas também com as ideias que agitavam o mundo: o protestantismo, o humanismo de Erasmo de Rotterdam, etc.

Reuniu um grupo de homens cultos, bons estudantes, bem formados e deu início à Companhia.



Apesar da idade, Santo Inácio abriu-se para o mundo da cultura para influenciar a Igreja e a sociedade e, com isso, marcou o futuro da Companhia.

Isso explica porque os jesuítas começaram logo a fundar colégios e universidades, assumindo em sua pedagogia a cultura clássica greco-latina descoberta no Renascimento. É compreensível que tenham escolhido Cícero para as questões de educação cívica e ética, e Horácio para formar na estética.

Essa visão humanística influenciou fortemente a catequese e a pregação. Os companheiros assumiram a mudança da época, deixaram para trás a Idade Média e entraram nesse mundo novo que nascia, com novos parâmetros culturais.

Hoje, esse mundo já passou, mas a atitude com que os primeiros companheiros de Inácio enfrentaram o novo permanece e

é atual. Devemos enfrentar algo parecido com o que eles viveram: uma nova cultura, uma mudança de paradigmas.

Em tempo de transformações, em mudança de época, a intuição de Inácio ainda tem valor!

Cultura e Natureza

A cultura pode ser entendida no sentido erudito, como faz Mario Vargas Llosa em recente livro, ou compreendida no sentido antropológico e sociológico.

Sob o ponto vista erudito, a cultura é propriedade dos intelectuais, dos artistas, dos literatos. É refinada e, normalmente, patrimônio das elites. É normal que dela se ocupem as universidades. Vargas Llosa, Prêmio Nobel de Literatura, queixa-se de que essa cultura “superior” se encontre em profunda crise pelo avanço da cultura do espetáculo.

Outra coisa é a cultura no sentido antropológico.

Ela se encontra em todo o grupo humano, por mais pobre ou primitivo que seja. É o que orienta a vida das pessoas, o que as une em um grupo, o que explica o comportamento e dá sentido a suas vidas. A vida do grupo muda-se quando muda a cultura.

Quando falamos aqui de cultura, refiro-me a essa cultura antropológica, que é uma construção social.

Nasci no interior. Quando crian-

ça passei muitos anos no campo. Vi nascer muitos animais: vi nascerem carneiros, vi nascerem coelhos... O que me marcou e acabou interferindo no meu gosto pela antropologia foi o nascimento de um cavalo! Era um cavalo branco, bonito! Ao sair da mãe, logo em seguida ficou de pé e começou a mamar.

Comecei entender a cultura por esse animal!

O cavallinho era a natureza pura, natureza “completa”, determinada pelo instinto.

Ao nascer, eu também era natureza... mas, apesar da minha dignidade humana, era uma natureza “incompleta”!

O ser humano nasce totalmente carente do que necessita para orientar sua vida. Deve ser completado, deve receber da sociedade um presente: ganhar linguagem, valores, modos de proceder, critérios estéticos, relatos... Por isso, o ser humano tem uma unidade complexa: a natureza e a cultura recebida.

Não vejo diferença entre a natureza e a cultura, porque estão agregadas.

A distinção está em que a cultura é transmitida pela sociedade. O ser humano é social, porque em parte é constituído pelo presente que ganhou dos outros, que lhe permite viver com os outros.

Em sua essência, o viver humano é colaboração e rede. Por isso, quando falamos de colaboração, vamos fundo ao essencial: a vida humana.

Quando olho para as mãos, vejo nelas a natureza e a cultura. A pele, os ossos são parte da natureza. Mas se estão limpas, com as unhas cortadas, isso é cultura! Nossa mãe nos ensinou a cortar as unhas, tomar banho... Isso não é natureza. É cultura pura. De uma maneira ou de outra, nossa realidade histórica é natureza e cultura.

O problema está em qual a cultura é passada para o coração do homem sobre a qual nem sempre se tem consciência.

Cultura dominante

Acreditamos que nossa cultura é a natural, sempre foi assim e continuará sendo.

Somos influenciados por uma cultura global de modelo capitalista e nos parece que ela é natural. Custa-nos imaginar que se possa fazer algo diferente. Temos a tendência de converter em natureza o que é cultural.

Precisamos ter uma consciência crítica para analisar qual cultura está influenciando o comportamento, e ser lúcidos ao propor mudanças que levem a uma humanização maior, quer dizer, mais sujeitos da história, mais livres, mais solidários e, sobretudo, mais felizes.

A universidade precisa entender a cultura, porque através dela são transmitidos os valores que a compõem. Por exemplo, somos marcados hoje por valores da cultura neoliberal individualista, economicista, competitiva.



É muito interessante que, ao definir cultura como um presente de valores que recebemos da sociedade, da história, estejam envolvidas pessoas com as quais partilhamos a família ou as relações de amizade.

Experiências

Permitam-me relatar três passagens que marcaram meu estudo de sociologia, teologia e, claro, também a vida.

A primeira foi quando viajei para a Itália. Peguei um navio em Buenos Aires, passei por Santos, conheci São Paulo. Depois de vinte dias de viagem, já na Itália, quis conhecer Pompeia com dois companheiros jesuítas. Quando lá chegamos, um policial que estava na entrada nos disse que o horário de visitas estava encerrado. Os turistas estavam saindo.

Apesar de meu pessimismo italiano, pedi-lhe o favor de nos dar a permissão. Éramos padres, vínhamos de um país latino-americano, gostaríamos tanto de conhecer Pompeia, contávamos com sua ajuda. Parecia inflexível, não queria autorizar.

Tive, então, minha primeira experiência italiana muito católica! O policial afastou-se por um instante e ao voltar pediu-nos que o acompanhássemos.

Caminhamos por uns trezentos metros até uma das casas aonde nos apresentou a uma bem típica italiana, dizendo-lhe que éramos padres, viáramos de longe. Pela

sua função, não podia autorizar a entrada, mas que ela poderia fazer-nos passar por um buraco da parede. Acrescentou como justificativa que não era sempre que apareciam padres por lá. Assim conseguimos entrar!

Foi para mim uma experiência magnífica de humanidade. Vi como racionalmente, por humanidade, a lei pode ser flexível, que uma cultura católica pode fechar os olhos quando está em questão uma ajuda. Entendi a flexibilidade como maturidade.

Foi uma descoberta muito importante para mim, que venho de uma família conservadora. Isso me ajudou a romper com minhas estreitezas e colocar-me no lugar dos outros. Tem me ajudado muito no diálogo!

Recordo-me, como exemplo, do encontro que tive com os maçons. O grão-mestre da Maçonaria chilena convidou-me para o almoço comemorativo dos cento e cinquenta anos da Grande Loja do Chile, com a presença de todos os grão-mestres da América Latina.

Minha avó e meu pai quase morreram do coração! Um neto, um filho sentado à mesa com maçons?

As experiências que tive na Itália e as que a Companhia me fez viver em novas circunstâncias fizeram-me desenvolver a capacidade de entender os outros, ser mais flexível e, sobretudo, com a facilidade de estabelecer um diálogo de verdade,

coisa que parece imprescindível para tornar viável uma sociedade moderna em que as culturas se cruzam.

Uma segunda experiência foi a visita que fizemos às ruínas de Pompeia, guiados pelo filho da senhora que nos tinha acolhido em sua casa. Depois de mostrar os principais lugares, levou-nos ao local onde estavam sendo feitas as escavações. Mostrou-nos algo que tem me ajudado muito.

Nesse trabalho de escavação, ao retirarem a terra, quando percebiam que encontraram um buraco, a primeira coisa que faziam era preenchê-lo com um produto que, ao se solidificar, tomava a forma do espaço vazio. Mostrou-nos, em seguida, diversas peças de animais e de outros objetos. Impressionaram-me duas figuras humanas. Quando ocorreu a erupção do Vesúvio, os animais e as pessoas foram cobertos pelas cinzas. Com o passar dos séculos, a matéria orgânica se descompôs, mas essas criaturas ficaram presentes no formato do vazio. Para a reconstrução do passado era preciso preencher adequadamente aquele vazio.

Graças a isso entendi, em parte, a filosofia transcendental. Favoreceu-me como ler a literatura contemporânea buscando os seus vazios, para saber como preenchê-los de forma conveniente. Ajudou-me entender o Evangelho com os olhos de hoje.

Nessa busca, estudei sociologia, estudei na Escola de Frankfurt, li

Habermas, Adorno e muitos outros, ouvi suas perguntas e dúvidas para reler o Evangelho.

Ao mesmo tempo, nessa época, no Chile e na América Latina, influenciados pela revolução cubana, havia um interesse crescente pelo marxismo. Tratei de estudar Marx com a maior seriedade.

Confesso que foi um momento em que tive muita dificuldade para expressar a minha fé. Não era capaz de falar dela com a facilidade com que faziam meus professores. Foi um momento radical, mas fundamental!

Esta é a terceira experiência que desejo partilhar.

Senti como era importante refletir sobre minha cultura, as minhas raízes.

Se desejava ser aberto e dialogar com os outros, eles deveriam ter bem clara a minha identidade. Deveria fazer um sério exercício com todos os elementos que estavam na base da minha personalidade, do modo de agir e pensar.

Comecei a ler o Evangelho com novos olhos depois que li Bultman, Harvey Cox e Robinson, com as ideias sobre a desmitologização, a secularização e a famosa teologia da morte de Deus.

O que, porém, mais me marcou, foi o encontro com minha primeira infância e a lembrança de uma camponesa, simples e humilde, que me passou sua sabedora popular e os primeiros elementos que configuraram minha cultura.

Sou de família numerosa. Em casa, uma senhora ajudava minha mãe nos afazeres domésticos. Nós a chamávamos de "Mama". Foi quem me ensinou a rezar, a amar e ser amado, a cuidar dos pobres; em outras palavras, as coisas fundamentais e mais importantes comparadas com as que aprendi nos longos anos de universidade. Seus ensinamentos tão simples ajudavam-me, mais que os outros, a dar sentido à vida e fundamento aos meus valores. Estes saberes radicais, guardados no lugar mais escondido do subconsciente, fazem parte da minha personalidade como também são essenciais para o modo de entender a humanidade.

A maior crise atual é que os valores perderam todo o fundamento. Não sabemos para que valem!

Quando mais tarde voltei ao Chile, fui ao cemitério visitar o túmulo de Mama para rezar e agradecer.

Educação e realidade

A cultura não se restringe ao ensino de matérias. Há valores mais profundos como o sentido da vida, a alegria, a capacidade de dar um beijo, fazer uma carícia. Isso é fundamental.

A universidade não pode deixar de ir a seu encontro, preocupando-se apenas com a produtividade,

com as ciências exatas, a tecnologia.

Educar não é só transmitir conhecimento.

As transformações culturais trazem sérias consequências para a vida social, pessoal, para a felicidade e a tristeza.

Em nosso tempo, o mais delicado é a profunda mutação cultural que modifica, em sua raiz, todo o comportamento humano. Não é



passado aos jovens, com mesmo cuidado, o que nossos pais transmitiram. Meu pai tinha tudo muito claro! Hoje, estamos cheios de perguntas e, certamente, o que recebemos para enfrentar a vida não prepara adequadamente os jovens para enfrentar a deles. A universidade não pode desconhecer essa realidade.

A espiritualidade de Santo Inácio prepara-nos para isso, porque lhe aconteceu viver uma mudança de época. Experimentou uma transformação cultural radical.

Nasceu no final do século XV, século em que a invenção da imprensa mudara o modo de acumular e, sobretudo, comunicar o conhecimento.

O progresso das ciências, a revolução copernicana que descentrou a Terra e, sobretudo, o descobrimento da América e das rotas para o Oriente mudaram radicalmente a vida humana. Produziu uma enorme globalização, acabando definitivamente com a Idade Média, abalou a Igreja.

Em nosso tempo, as impressionantes mudanças tecnológicas, os avanços científicos, os meios de comunicação mudaram a noção de espaço e tempo. A globalização não só produziu a aceleração do comércio, como também o intercâmbio de produtos e, acima de tudo, a comunicação entre as pessoas e ideias de forma planetária e imediata. Rompeu as fronteiras dos países e, necessariamente, deve nos levar à colaboração entre nós e nossas universidades.

O que viveu Inácio naquela primeira globalização, o que os seus discípulos nos passaram para enfrentar essa mudança, hoje é muito mais profundo e sua lição pode nos servir. Ela os fez inserir na nova cultura, abrir-se para novos mundos e gerar colaboração.

Um exemplo dessa mudança vivi pessoalmente há pouco tempo.

Os jesuítas chegaram ao Chile em 1593, há um pouco mais de quatrocentos e vinte anos. As consultas ao Superior Geral, em Roma, eram feitas por cartas que levavam até três anos entre a ida e a resposta. Um dia, morreu na Casa de Saúde da Província, um jesuíta muito meu amigo. Essa casa encontra-se a trezentos metros da nossa residência. Fui informado vinte minutos depois do falecimento. Foi impressionante, porque a notícia me chegou, pela internet, de Assunção do Paraguai, onde estava nosso Superior! Quer dizer, a milhares de quilômetros de distância!

Esse prodígio nos mostra as infinitas possibilidades de colaboração e intercâmbio. Permite-nos realizar verdadeiramente a ideia de Inácio de formar um corpo móvel, de ação universal.

É um excelente exemplo para pensar o papel da universidade em relação à cultura que atualmente é abrangente e globalizante em muitos aspectos.

Cultura neoliberal

Esse fato parece-me mais importante ao compararmos com a cultura que está influenciando os jovens e marcando nossa vida em vários aspectos comuns.

Podemos contribuir para entender sob diversos ângulos o que acontece nos países em que se encontram nossas universidades.

A análise dessa cultura global permitiria contribuir para humanizá-las principalmente confrontando-a com a mensagem de Jesus.

Precisamos estar conscientes de que seus principais traços têm as marcas com forte colorido neoliberal que precisa ser evangelizado.

Meu país foi um modelo da aplicação dessa cultura. Colhemos muitos benefícios, mas também constatamos inumeráveis problemas.

Quando começou o governo militar, havia no Chile um pouco mais de 40% da população em estado de pobreza; eram 13% quando o governo militar terminou. O Chile deu um salto claríssimo. Economicamente foi uma fase muito boa: não tínhamos inflação, aumentaram as ofertas de emprego, acelerou-se o crescimento econômico, etc.

Contudo, com o tempo, com a hipertrofia do mercado, começaram a se manifestar os problemas.

O crescimento econômico não foi acompanhado pelo equilíbrio e desenvolvimento humano.

A cultura que produziu esse tipo de mudança é predominantemente econômica e profundamente individualista, competitiva: centraliza o mercado e os investimentos no sucesso. Por isso traz as sequelas do egoísmo, da solidão, da dificuldade para enfrentar o fracasso, da ruptura com as formas de solidariedade, do enfraquecimento da vida social e política para

beneficiar a economia. Tudo passa a ser vivido em função do mercado.

Devem conhecer o romance *O Adversário*, do escritor francês Emmanuel Carrère. Poucos romances descrevem tão duramente as consequências da cultura que privilegia a autorrealização e o sucesso. Narra os fatos que aconteceram na vida do personagem Jean Michel Romand, médico de prestígio, pesquisador, participante de congressos internacionais, que trabalhava na Organização Mundial da Saúde. Como residia na fronteira, diariamente viajava para o trabalho na Suíça. Por isso, alguns amigos pediam-lhe fazer depósitos nos bancos suíços.

Uma noite, sua casa pegou fogo; morreram sua mulher, os dois filhos, e ele é levado para o hospital ainda com vida. Descobriu-se logo que o incêndio fora intencional causado pelo doutor. A mulher e os filhos tinham sido antes mortos por ele, como também seus pais, que viviam perto da casa incendiada. Descobriu-se a verdade, tudo foi uma mentira: nunca fora médico, não trabalhava na Organização Mundial da Saúde, andava pelos bosques para preencher o tempo até que, por motivos econômicos, sentiu que não podia mais sustentar aquela farsa.

Tudo teve origem no fracasso nos exames do segundo ano de medicina. Não teve coragem de contar aos pais. Eles confiavam muito no sucesso do filho, também vítimas

dessa cultura. Como estudante não soube superar e destruiu definitivamente a vida.

É uma história real que, como tantas outras, podem ser encontradas na internet porque centenas de pessoas vivem na mentira.

Essa é a cultura a que estamos submetidos e que de alguma forma é transmitida na universidade!

Universidade jesuíta

Nesse contexto, é importante que a universidade que tem relação com

Nosso horizonte é formar pessoas genuinamente humanas, livres, felizes, responsáveis, solidárias e inseridas na comunidade.

Não é fácil navegar contra a corrente. É muito difícil opor-se à cultura porque se apresenta como o óbvio, o natural e o razoável.

Contudo, a dificuldade não deveria acabar com nossos sonhos e projetos.

Santo Inácio convida-nos a não ser pequenos no sonhar e realistas em dar os passos possíveis. Como é tão próprio da espiritualidade da



a Companhia de Jesus seja capaz de repensar sua dimensão humanista. Não podemos deixá-la à margem achando que, para a sociedade, a essência do saber está exclusivamente nas ciências exatas e, muito menos, que a cultura seja orientada para o êxito pessoal. Da mesma forma, não podemos orientar a formação universitária apenas para a capacitação do trabalho, para a produção.

inaciana: *"non coerceri a maximis sed contineri tamen in minimis, divinum est"*, que quer dizer: conseguir em tudo o máximo, mas ter a capacidade de estar contido no que é pequeno.

Como universidades jesuítas, baseados nesse princípio, devemos projetar-nos como uma grande rede e, prudentemente, dar os passos necessários para concretizá-la.

Conclusão

Vejo em nosso contexto que ela é um instrumento por meio do qual poderemos trabalhar juntos como rede latino-americana com o objetivo da renovação do humanismo em um mundo científico no qual devemos saber nos inserir.

Desejo acrescentar uma última observação.

Parece-me muito importante para a América Latina que possamos estabelecer critérios para a qualidade da atividade universitária, mais de acordo com as nossas necessidades e nossa cultura.

Considero inapropriado que a qualidade de nossas universidades e das pesquisas que realizamos sejam medidas pelo número de publicações referendadas pelo ISI (Inter-Services Intelligence); que no Chile, por exemplo, as publicações tenham que ser em inglês!

Temos atualmente presença suficiente para impor critérios mais apropriados, sobretudo, critérios de qualidade que correspondam melhor às nossas necessidades.

Não se pode aceitar que a globalização se converta a uma simples submissão que nos torna indefinidamente dependentes.

As condições são excelentes. Temos uma espiritualidade que pode nos ajudar a trabalhar em conjunto e colaborar intensamente para o desenvolvimento harmônico de todo o continente. ▢

EXPERIÊNCIAS E PRÁTICAS DE TRANSFORMAÇÕES: ENGENHARIA NA ESCOLA



O projeto Engenharia na Escola surgiu como resposta ao Edital CNPq/VALE S.A N° 05/2012 - FORMA-ENGENHARIA, com intuito de estimular a formação de engenheiros no Brasil, combatendo assim, a evasão dos graduandos nos primeiros anos do curso e despertando o interesse dos alunos de ensino médio/técnico pela profissão de engenheiro.

Como sabemos, no que tange ao cenário brasileiro, vivenciamos um acelerado crescimento das instituições de Ensino Superior. Um exemplo disto é o aumento do número de cursos de graduação: segundo o censo do INEP, entre 1997 e 2007 passamos de 6.132 para 23.488 cursos de graduação. Porém, mesmo com o aumento de instituições e oferta de cursos superiores, o abandono e a evasão também se apresentam como um fenômeno em expansão, alcançado taxas de cerca de 26% em 2007.

Esta questão, no se refere aos cursos de Engenharia, alcança nível ainda mais inquietante, pois, conforme o Censo da Educação Superior no Brasil, cerca de 134 mil estudantes começaram os cursos dessa área no Brasil em 2008; contudo, neste mesmo ano, apenas 30 mil formandos saíram das mesmas universidades.

E ainda, segundo o Ministério da Educação (MEC/CNE/CES, 2008), é necessário que os formados em Engenharia tenham adquirido habilidades e competências muito abrangentes, como por exemplo saber utilizar conhecimentos de Matemática, Engenharia e Ciência; fazer projetos, conceber e realizar experiências; atuar em equipes multidisciplinares e apreender o impacto da Engenharia no conjunto das questões globais, sociais e econômicas contemporâneas.

Houve, portanto, a preocupação de fomentar um projeto que,

além de atender aos interesses técnicos e pontuais anteriormente citados, também pudesse apresentar uma perspectiva interdisciplinar/multidisciplinar em que áreas das ciências humanas e sociais, em que realizei minha formação, pudessem contribuir para o desenvolvimento dos alunos envolvidos no projeto.

Neste contexto, estabeleceu-se uma parceria entre o Centro Universitário da FEI e a Escola Estadual Nail Franco de Mello Boni, para o desenvolvimento do projeto Engenharia na Escola, propiciando que tanto a Instituição de Ensino Superior quanto a Escola Pública se fizessem presentes em ambos os espaços de maneira mais efetiva e acessível, possibilitando a troca de experiências entre os professores de Ensino Superior e Ensino Médio e promovendo a interação da “academia” com os alunos, a fim de que se promovesse o interesse dos alunos pela área de tecnologia.

O despertar do interesse de alunos de Ensino Médio pelos cursos de Engenharia incidiu por meio da elaboração e realização de uma Feira Itinerante, arquitetada e apresentada pelos bolsistas do projeto. A Feira que visitou Escolas de Ensino Médio na região de São

PROJETOS E EXPERIÊNCIAS



Lania Stefanoni Ferreira,
Doutora em Ciências
Sociais pela UNICAMP e
professora do Depto. de
Ciências Sociais e Jurídicas
do Centro Universitário
da FEI

Bernardo do Campo, nas quais foram expostas as modalidades de formações em Engenharia da FEI, a história e a constituição de cada uma destas profissões no contexto mundial e em especial no cenário brasileiro, incluindo neste escopo as possibilidades de atuação profissional destas Engenharias. Além disto, foram demonstradas, nesta exposição, pesquisas de mercado a respeito da empregabilidade de cada área da Engenharia, de acordo com dados do IBGE, Ministério do Trabalho e Emprego e da Fundação SEADE, com o objetivo de aliar o cunho prático da formação do curso às exigências de mercado.

Portanto, na constituição deste projeto, nossa equipe contou com a participação da Profa. Célia Regina Lhamas (professora de nível médio, responsável por auxiliar e orientar os alunos bolsistas do Ensino Médio na pesquisa sobre história e contexto mundial/brasileiro da Engenharia), dos alunos Henrique, Jéssica, Thaís e Wender (bolsistas e alunos do Ensino Médio, responsáveis pela pesquisa e elaboração do material a ser apresentado na Feira Itinerante) e da aluna Rosana Miranda (graduanda do curso de Engenharia da FEI, incumbida da coleta e análises dos dados sobre empregabilidade e mercado de trabalho na engenharia).

É importante salientar ainda que este projeto possuiu como propósito a satisfação de interesses

sociais. Por isso, o projeto atuou em escolas de periferia da cidade de São Bernardo do Campo, situadas em regiões em que o poder aquisitivo da população é considerado baixo. Como se sabe, a obtenção de um título de graduação em Engenharia é objetivo quase inacessível para os membros das classes D e E da população brasileira. Por isso, a incidência de tal projeto sobre esta camada da população certamente ocasionou a possibilidade de ampliação de horizontes e perspectivas para tais alunos, como demonstram os depoimentos a seguir, redigidos pelos próprios alunos e pela professora Célia.

Depoimentos

“ O Projeto Engenharia na Escola, que é um projeto do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico (CNPq) e da Vale, em parceria com as Escolas Nail e FEI, desenvolvido pela professora Lania, tem o objetivo de incentivar os alunos a cursarem Engenharia, já que o nosso país passa por uma carência desse profissional.

Esse projeto, através de pesquisas e palestras mostrou, para alguns públicos a história e importância da Engenharia para o desenvolvimento científico e tecnológico do nosso país.

Com esse projeto, absorvi muitos conhecimentos. Tivemos palestras, visitas monitoradas à FEI, fomos a Paranapiacaba. Tudo isso me incentivou e me ajudou a crescer. Através das pesquisas e busca pelas profissões, me identifiquei muito com a Engenharia ambiental, que quero cursar.

As palestras que realizei juntamente com o meu grupo foram um obstáculo ultrapassado. Afinal, montar a palestra, ensaiar e falar em público, foi um desafio a todos.

No momento esse projeto me traz muita satisfação, me abriu muitas portas, me incentivou, trouxe muito conhecimento, aumentou o meu interesse e curiosidade por pesquisas e conquistei mais autonomia.

Sem dúvidas identifiquei a carreira que eu quero seguir e percebi como é essencial o papel de um engenheiro. Enfim, sou grata a essa oportunidade, à Lania e à Célia, que sempre nos ajudou e apoiou. Também ao CNPq e à Vale, que perceberam a carência desse profissional e abriram as portas para esse projeto.

Jéssica - aluna do Ensino Médio da Escola Estadual Nail Franco de Mello Boni e bolsista do projeto ”

“ O projeto Engenharia na Escola para mim foi uma grande oportunidade de uma nova porta de aprendizagem. Com esse projeto, obtive muitos conhecimentos, oportunidades de conhecer novos lugares e novas pessoas, com as quais eu aprendi muito.

O projeto abriu minha mente em relação ao mercado de trabalho, ao meu futuro na carreira profissional, às oportunidades de termos uma carreira promissora: basta querermos. Aprendi muito também sobre a questão do trabalho em grupo, do companheirismo, da superação dos nossos obstáculos que muitas vezes pensamos que não vamos conseguir superar. Porém, é só uma questão de esforço e muita dedicação, que tudo dará certo.

Estou absorvendo o máximo de conhecimento e aprendizagem que posso, pois sei que serão coisas que farão muita diferença na minha vida, e acredito que na de todos que tiveram a oportunidade de participar deste projeto.

Recomendo a todos que tiverem a mesma oportunidade, que não deixem passar, mas que aproveitem e explorem ao máximo, pois vale muito a pena enriquecer nossos conhe-

cimentos e explorar o mundo que nos espera.

Thaís - aluna do Ensino Médio da Escola Nail Franco de Mello Boni e bolsista do projeto. ”



“ O projeto Engenharia na Escola mudou muito meu conceito de estudo. Hoje estou muito mais focado, com sede de conhecimento, de saber, de conhecer, olhar a vida com um novo modo de pensar.

Hoje eu sei o que quero fazer e que para me formar em Engenharia Civil não vai ser fácil, mas estou me preparando para realizar o meu sonho. Participar deste projeto me deu uma visão bem mais abrangente sobre este ramo da Engenharia.

Eu sou muito tímido, mas me senti bem nas palestras. Eu não queria que este curso acabasse, mas sei que é mais uma etapa da minha vida que está sendo superada. Hoje eu entendo que, para ter uma vida melhor, vou ter que estudar muito.

Eu só tenho a agradecer aos professores e às pessoas que me apoiaram até aqui, pois este curso mudou a minha vida e a minha maneira de

pensar. Obrigado a todos.

Henrique - aluno do Ensino Médio da Escola Estadual Nail Branco de Mello Boni e bolsista do projeto. ”



“ O convite para participar do projeto foi um desafio enorme, pois era algo novo e desconhecido. Participar do projeto Engenharia na Escola está sendo muito bom, porque tem me ajudado com a comunicação e me ajudado a lidar com a timidez.

Tivemos as visitas à FEI e a Paranapiacaba, experiências únicas e totalmente construtivas. Nós, do projeto, já éramos amigos e o projeto levou nossa união além. A nossa parceria ficou muito forte. O mais interessante foram as palestras, pois tivemos contato com os alunos de outras escolas e dividimos nossos conhecimentos com eles, conseguimos ver que eles estavam realmente interessados em saber sobre o que estávamos falando.

E isso traz uma enorme sensação de dever cumprido e orgulho.

Wender - aluno do Ensino Médio da Escola Estadual Nail Franco de Mello Boni e bolsista do projeto. ”

“ Ao trabalhar no Ensino Médio na rede pública por tantos anos, observo que há uma abismo muito grande entre este e a universidade, ainda mais trabalhando em uma escola de periferia, onde as expectativas dos alunos em relação ao mundo acadêmico são extremamente baixas, e isso sempre me angustiou. Procuro sempre na medida do possível buscar uma interação com o universo acadêmico e com o mercado de trabalho. Logo, participar do projeto Engenharia na Escola foi simplesmente uma experiência apaixonante, por vários motivos.

Observei no decorrer do projeto que este serviu como estratégia para tornar mais evidente as relações de proximidades do aluno do Ensino Médio com o meio acadêmico. Isto se fez presente nas palestras propostas pelos professores da FEI, na visita monitorada do alunos à universidade, nas visitas dos demais alunos ao FEI Portas Abertas e na apresentação dos trabalhos pelos alunos do projeto nas Escolas Nail Franco de Mello Boni, Santa Dalmo-lim e Francisco Emydio.

O projeto conseguiu sim estreitar os laços dos alunos no Ensino Médio com o mundo acadêmico, criou e despertou o sonho em muitos

que não acreditavam jamais na continuidade dos estudos e agora sonham em ingressar na faculdade e de se tornar grandes profissionais.

O Ensino Médio, por ser uma etapa final da Educação Básica, ainda é alvo de muitas críticas educacionais por não cumprir o seu papel de universalizar o avanço para o Ensino Superior.

O jovem de Ensino Médio, porém, vive um momento de conflito existencial, dúvidas, incertezas, trabalho, profissão, inversão de valores. Trabalhar com toda esta diversidade que temos no nosso cotidiano escolar não é tarefa fácil, porém observei o quanto os meus alunos, ao desenvolver este projeto, ficaram autônomos, intelectualmente ativos e independentes, capazes de estabelecer relações interpessoais, de comunicar e evoluir permanentemente.

O filósofo alemão Immanuel Kant dizia que o que distingue o homem do animal é que “o homem não pode tornar-se homem senão pela educação”.

Partindo dessa citação, educar é sempre uma aposta no outro. E a escola, enquanto uma instituição educacional, precisa apostar no seu potencial em relação à formação e ao destino dos jovens. Este projeto

foi uma grande aposta, que deu muito certo. Foi extremamente enriquecedor e significativo para todos os envolvidos.

“Formar o homem é levá-lo à consciência da própria dignidade: eis a meta suprema da educação” (Massi & Giocócia).

**Célia Regina Lhamas -
professora do Ensino Médio
na Escola Nail Franco de
Mello Boni e bolsista do
projeto.** ”



“ O projeto teve como foco de estudo a Engenharia, porque o profissional desta área detém conhecimento para solucionar questões ambientais, desempenha papel importante na indústria, trabalha em diversas áreas no setor de serviço e promove avanços tecnológicos a favor de nossa sociedade e economia. O principal objetivo do projeto é angariar alunos para os cursos de Engenharia, sendo assim tive contato direto com as escolas de Ensino Médio, possibilitando uma maior interação e compreensão da atual situação na qual se encontram os futuros alunos das universidades brasileiras.

O projeto teve início com

os encontros realizados entre os alunos do Ensino Médio, alunos da universidade e seus professores, com o intuito de se estabelecer laços de proximidade entre os pesquisadores e o tema em questão.

Assim, iniciaram-se as pesquisas e compartilhamento de informações entre os componentes do grupo. Isto permitiu que eu aprimorasse algumas habilidades que serão necessárias para minha inserção no mercado de trabalho. Primeiro, aprendi a organizar e distribuir tarefas do cotidiano com facilidade; dessa forma, a realização e o aprendizado das atividades funcionais tor-

naram-se mais qualificadas, melhorando assim o planejamento de estudo. A proposta e a promoção de leitura de artigos para o projeto aperfeiçoou minha interpretação de textos de natureza científica e social e análise de dados estatísticos.

Após a coleta de dados, realizada por todos os integrantes do projeto, fiquei encarregada de montar a sequência de slides para a nossa apresentação. Durante este processo, consegui melhorar a execução de atividades coletivas e a construção de argumentos sobre o tema. O projeto também contou com uma pesquisa de campo, mo-

nitorada pela coordenadora do projeto, em Paranapiacaba, onde todos os pesquisadores puderam analisar e ter contato com o início da Engenharia Civil no Brasil.

Quando nossa apresentação estava pronta, iniciou-se um ciclo de palestras nas escolas públicas de São Bernardo. Nesta etapa foi preciso lidar com os imprevistos, o que permitiu que eu pudesse aperfeiçoar minha comunicação e flexibilidade para vencer novos desafios.

Rosana Miranda - aluna de graduação da FEI e bolsista do projeto. ”



Fotos tiradas pelos alunos do projeto e pela Profa. Lania.



**Ana Paula da Silva
Gomes,**
Aluna do 3º ciclo do curso
de Administração do
Centro Universitário da FEI,
que participou da
Jornada da Juventude.

SEIS DIAS DE ETERNOS APRENDIZADOS



De tantas experiências que vivi, escolhi minha ida à JMJ Rio 2013, por ser a mais recente e a que mais me transformou. Desde o início, todos do grupo ficaram cientes de que não se tratava de um passeio turístico ou algo parecido, e sim de uma peregrinação; e por esse motivo não tínhamos ideia de onde iríamos ficar, de como iríamos dormir e tantas outras coisas que normalmente se deve saber antes de uma viagem.

No dia 22 de julho saímos bem cedo de São Paulo. Chegamos ao Rio no fim da tarde e conhecemos nosso alojamento, a Escola Municipal Ministro Alcides Carneiro, localizada em Campo Grande, que ficava a 70 Km de Copacabana, onde ocorreriam todos os atos centrais. Era uma escola pública comum, na qual as salas de aula se transformaram em quartos (nos foi dado apenas o espaço: os cobertores, sacos de dormir e objetos necessários para acomodação eram por nossa conta); os chuveiros em que tomávamos banho eram improvisados e, portanto, gelados.

Ficamos no Rio do dia 22 ao dia 28 de julho, e nessa época estava fazendo muito frio. Algumas famílias, inclusive de evangélicos, iam às escolas e nos buscavam para tomar banho em suas casas, por saberem que na maioria dos alojamentos o banho era gelado. Além disso, alguns voluntários conseguiram disponibilizar 2 chuveiros de água quente para que não precisássemos passar tanto frio; mas como era muita gente, a maioria acabava tomando banho gelado mesmo, inclusive eu.

Nos dois primeiros dias estávamos sem os kits, e consequentemente, sem vale transporte, sem credencial para tomar café da manhã, sem o ticket alimentação, entre outras coisas que estavam inclusas. Nesses dois dias fomos muito bem acolhidos na paróquia São Brás, em Campo Grande mesmo. O pároco nos ofereceu as refeições e tudo mais que precisássemos enquanto estivéssemos sem os kits.

Quando já tínhamos tudo o que precisávamos em mãos, começou

nossa rotina. Todos os dias às 6h00 da manhã um senhor (voluntário) passava tocando um sininho pela escola inteira para que acordássemos. Precisávamos levantar e nos organizar rápido, pois era muita gente e o alojamento fechava às 8h00, para reabrir novamente apenas às 20h00. Muitas vezes não dormíamos quase nada, na maioria das vezes chegávamos ao alojamento depois de meia-noite pelo fato de estarmos alojados muito longe de Copacabana e ter chovido muito em alguns dias. Por mais que tivéssemos o ticket alimentação, muitas vezes chegávamos com fome por não ter achado lugares abertos para comer, e partilhávamos o que tinha sobrado dos lanches que ganhávamos entre nós, o que às vezes não era suficiente para saciar a fome.

No dia 26 de julho foi aniversário do meu namorado, Jhony. Minha mãe, irmã, eu e todos do grupo fizemos o possível para que fosse um dia especial. Compramos algumas bexigas e, no início da

noite, em meio a uma multidão de jovens de diferentes partes do mundo, cantamos parabéns. E muitas pessoas, mesmo sem saber falar direito o português vieram dar os parabéns e ofereceram algumas lembrancinhas para ele.

Durante esses seis dias, conhecemos pessoas de diversos lugares, com culturas, hábitos, formas de se vestir totalmente diferentes dos nossos; mas mesmo assim, estávamos ali por um motivo em comum. Nunca, na minha vida inteira, havia visto pessoas que, mesmo sem nunca terem se visto, se tratavam como se conhecessem há muitos anos. Nos ônibus, nas filas, nos shoppings, nas lojas, em todos os lugares, era impossível sair sem ter feito um amigo. Por mais que as pessoas falassem idiomas bem diferentes, era muito divertido conversar porque, ao mesmo tempo em que aprendíamos palavras novas, estávamos também ensinando.

Muitas pessoas viram pela televisão o que aconteceu no Rio de Janeiro durante a Jornada Mundial da Juventude, mas nós, que estávamos lá, não conseguimos acompanhar perfeitamente todos os atos centrais. Ainda assim, posso dizer que por

mais que os atos centrais tenham sido grandes experiências, as maiores delas ocorreram nos bastidores, nas coisas que vivemos no dia-a-dia.

Percebi que a sociedade quer impor uma forma de viver que, cada vez que tenta nos preencher com mais e mais coisas que supostamente nos farão felizes, acaba nos deixando cada vez mais vazios, nos fazemos deixar de dar valor ao que realmente é necessário e nos faz amar coisas ao invés de pessoas. Tivemos algumas dificuldades para nos adaptar a uma rotina sem comodidade ou luxo algum, mas com o passar do tempo percebemos que mesmo sem nada daquilo estávamos felizes: mesmo enfrentando filas gigantescas para ir ao banheiro, para pegar o kit, para pegar ônibus, metrô, trem, qualquer coisa. E com tudo isso, passamos a dar mais valor às coisas simples. Um banho quente, um banheiro limpo e sem filas, uma cama confortável, um prato de comida quando se está com fome, podem parecer besteiras quando as temos todos os dias; mas quando se torna algo incerto, passamos a dar mais valor, principalmente sabendo que muitas pessoas não têm nem isso que tivemos lá.

Nessa Jornada, pude viver tantas experiências que seria impossível citar todas. Pude sentir o amor de Deus e da minha família, o companheirismo dos integrantes do meu grupo, a solidariedade de todos os voluntários que fizeram de tudo para que pudéssemos aproveitar ao máximo, a alegria de poder compartilhar nossa cultura, nossos objetos culturais, conhecer pessoas de países que eu nem imaginava que existissem. Pude conviver com pessoas difíceis e amáveis, e muitas outras experiências que agregaram muito em minha vida.

O lema da JMJ Rio 2013 foi: “Ide e fazei discípulos entre todas as nações” (Mt 28, 19). Acredito que, para se fazer discípulos, não é necessário ficar tocando no nome de Deus a cada instante: basta que as pessoas percebam que estamos diferentes, que houve uma mudança pra melhor, e talvez sintam vontade de que essa mudança ocorra com elas também. Não sei se minha mudança foi visível aos olhos das pessoas, mas eu me sinto diferente e sinto que, por mais que já tenham se passado quase dois meses, ainda estou mudando. A cada dia busco ser melhor que o dia anterior. ▢



Fotos enviadas pela aluna Ana Paula da Silva Gomes.



Prof. Erberto Francisco Gentile

☆ 1941 † 2013

No sábado, dia 31 de maio, fomos surpreendidos com a notícia do falecimento do Prof. Gentile.

Estivera normalmente durante a semana na FEI dedicando-se a seus afazeres de professor com o empenho e responsabilidade de sempre.

Para quem chegou à FEI em 1977, essa perda afetou profundamente os antigos e novos companheiros de docência, funcionários e ex-alunos que o tiveram como professor.

O currículo do prof. Gentile impressiona pela sua forma: o acadêmico, cursos, especializações adquiridas e pela grande relação de trabalhos próprios e em parceria, bem como pelas pesquisas e cursos de pós-graduação no campo de sua especialidade. Ele recebeu vários prêmios –Metal Leve” e –Buehler” por trabalhos realizados no campo da tecnologia e aplicações.

Em 1964, em Engenharia Metalúrgica, nela fez o trabalho de conclusão de curso sobre a instabilidade dimensional do urânio metálico sujeito à alteração de temperatura.

Em 1977, contratado pela FEI como professor de Metalurgia Geral e dos Metais Não Ferrosos. Lecionou outras dis-

ciplinas, como Controle de Qualidade, tendo sido vice-chefe do Departamento.

Trabalhou e exerceu atividades de professor, pesquisador, assessor e consultor em diversas instituições. Foi diretor do Departamento de Engenharia Metalúrgica (antigo Instituto de Energia Atômica), Associação de Engenharia Metalúrgica do Brasil (ABRME), e diretor do Departamento de Engenharia Metalúrgica da FEI. Foi também diretor do Departamento de Engenharia Metalúrgica da FAPESP.

Pelo nível de competência e domínio do assunto, participou de programas internacionais dentro do programa de cooperação Brasil e Alemanha, pela Usiminas e Acesita, quando aproveitou para entrar em contato com universidades e institutos de pesquisas alemães e usinas siderúrgicas. Com o mesmo objetivo, participou de programas de cooperação com a França.

O Prof. Gentile foi sempre um profissional incansável na busca da excelência do ensino do curso de Engenharia Metalúrgica e do atual Departamento de Engenharia de Materiais, introduzindo inovações nos cursos.

De relacionamento muito franco, honesto e aberto com todas as pessoas, gostava de uma discussão acadêmica, extremamente coerente na manifestação de suas convicções didáticas e filosóficas.

Casado com D^a Anna Thereza, teve três filhos: Fernando, André e Roberto. Foi também pai de dois netos, Rafael e João. Foi também pai de dois netos, Rafael e João. Foi também pai de dois netos, Rafael e João.

O Prof. Gentile deixa-nos muitas lembranças e saudades!

Prof. Alcindo Márcio Ludovice



Prof. Judas Thadeu Teixeira

☆ 1941 † 2013

O Prof. Judas Tadeu deixou a marca de uma pessoa muito boa, acolhedora e alegre.

Estava sempre de bem com a vida, com os colegas, com aquilo que fazia.

Profundamente respeitoso, era incapaz de críticas negativas ou atitudes pessimistas.

Formou-se pela FEI em Engenharia de Ope-

Trabalhou na Artel como estagiário, na Gerência de Controle de Qualidade.

, QER V DTXVCHVFHFGPIEDVTU 6 1 -
 78 THP WQVRVCBKHHCRI HDWPHQR
 GH WRVZ DQWRVHQHVIVRWHHHHHH
 1999. Foi admitido na FEI como professor de tempo
 HUHGHWWWWW DQRSDXR SDUTR
 UHP HHHH DW P WWWWRP WWP SQD RCR
 Centro Universit^rio, teve seus dois contratos uni-
 ficados mantendo a condiç~o de professor aulista.

Assumiu a miss o de professor com tal responsabilidade, que, mesmo quando limitado pelas dificuldades de locomoção, enquanto foi possível, estava na FEI contando com a ajuda de sua dedicada esposa.

Comenta o Prof. Wilson Hilsdorf que, entre as pessoas que conheceu, foi uma das mais honestas e de caráter irrepreensível. Faz essa afirmação porque trabalhou com ele na VTB, uma empresa de consultoria que fundou com alguns professores da FEI. Essa empresa foi precursora no Brasil da implanta- o do Controle Estatístico do Processo (CEP) e a VTB tinha sido contratada para treinar e implantar o CEP na FORD. O Prof. Hilsdorf foi o responsável por essa implantação e foi ele quem me apresentou ao Prof. Wilson Hilsdorf, que me falou sobre a importância de ter um especialista nesse processo.

Outra característica, continua o prof. Wilson, era seu temperamento extremamente amável e comunicativo. Nas festas de final do ano do Departamento, era um dos mais animados. Dançava a noite toda, e muito bem!

2 3 U R I D G H Q Q H 7 P I I I C H A P E R C H I
I I I Q H G C H C H R F R U R I 3 I E D O R P P I D
ria Helena, tiveram dois filhos: Isabela e Eduardo
Tadeu.

No momento da despedida, comentavam com os amigos que tinha sido para eles um presente de $H\mathbb{M}H\mathbb{P}H\mathbb{R}\mathbb{D}\mathbb{D}\mathbb{H}\mathbb{W}\mathbb{F}\mathbb{P}\mathbb{I}\mathbb{G}\mathbb{H}\mathbb{H}\mathbb{Q}\mathbb{H}$ em paz!

3H13D 6 (ER 16-1)

Campus SBC

Av. Humberto de Alencar Castelo Branco, 3972
09850-901 – B. Assunção – São Bernardo do Campo – SP
Tel.: (11) 4353.2900 – Fax: (11) 4109.5994

Campus São Paulo

Rua Tamandaré, 688
01525-000 – Liberdade – São Paulo – SP
(Próximo ao metrô São Joaquim)
Tel./Fax: (11) 3274.5200

www.fei.edu.br / redacao@fei.edu.br